

LUCIANA APARECIDA DE SOUZA MENDES

AS FOLIAS DE REIS EM TRÊS LAGOAS:

a circularidade cultural na religiosidade popular

Dourados - 2007

LUCIANA APARECIDA DE SOUZA MENDES

AS FOLIAS DE REIS EM TRÊS LAGOAS:

a circularidade cultural na religiosidade popular

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados– para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Celma Borges

Dourados - 2007

LUCIANA APARECIDA DE SOUZA MENDES

AS FOLIAS DE REIS EM TRÊS LAGOAS:

a circularidade cultural na religiosidade popular

COMISSÃO JULGADORA

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

Presidente e Orientador _____

2º. Examinador _____

3º. Examinador _____

Dourados, _____ de _____ de _____.

DADOS CURRICULARES
LUCIANA APARECIDA DE SOUZA MENDES

NASCIMENTO 11/05/1982 – Três Lagoas-MS

FILIAÇÃO Rosalino da Costa Mendes
Neuraci Maria de Souza Mendes

2000/2003 Curso de Graduação em História
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Três Lagoas, MS

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos meus pais: Rosalino e Neuraci que apostaram em meus sonhos e sacrificaram-se para transformá-los em realidade. A garra deles é minha maior inspiração.

Ao meu amor, amigo e companheiro Rogério que com carinho e dedicação sempre esteve ao meu lado, acreditando em mim, o que me motivou e me auxiliou em diversos momentos desta jornada. É ele o meu *porto seguro*.

À minha amiga e orientadora Dra. Maria Celma Borges que desde a graduação confiou em mim, guiando-me no decorrer desta pesquisa e estando presente na minha vida profissional e pessoal. Pessoa guerreira, de uma honestidade e seriedade rara, com uma paixão inabalável e contagiante pelas coisas que acredita, demonstrando muitas vezes acreditar mais em mim do que eu mesma seria capaz.

Ao professor e amigo Dr. Vitor Wagner Neto de Oliveira pela constante disposição em ajudar, tanto no ingresso ao mestrado quanto na conclusão do mesmo.

Aos professores Ms. Nazareth dos Reis e José Carlos Ziliane que prestaram apoio na elaboração do projeto de pesquisa.

À amiga Betânia, cujas explicações jamais dariam conta da dimensão da ajuda e carinho que me deu, amiga socialista que socializou comigo sua vida, suas alegrias e fez de minha estadia em Dourados uma extensão de meu lar, e que ao socializar sua família, tornou-se minha irmã.

À amiga Vânia, pelo carinho, amizade e motivação, fazendo tudo o que lhe era possível para esta conquista.

Ao amigo Wagner Barbosa pelo auxílio nas andanças em busca das Companhias e as belas *fotos-arte* registradas.

Ao amigo Julio Melo, pela boa vontade com a correção ortográfica deste texto e pelas conversas amigas.

Às amigas Taiana, Miriã, Maura, Kelly pelo carinho, amizade e compreensão nos dias difíceis, lembrando-me que por mais importante que fosse este trabalho, a vida tem uma dimensão muito maior.

Aos professores do programa de mestrado, pela riqueza de informações apresentadas no decorrer do curso, que contribuíram no desenvolvimento da pesquisa.

Aos alunos do curso de História de Três Lagoas que no debate em sala, contribuíram de maneira significativa para esta pesquisa.

Aos devotos dos Reis Magos que sempre me receberam de maneira festiva, permitindo o *fazer-se* de uma pesquisa colorida por sentir-me bem-vinda em seus lares, entre suas famílias.

Enfim, a todos aqueles e aquelas que me apoiaram e me incentivaram. Sem a ajuda deles a confecção deste trabalho não seria possível.

Boa Noite senhor e senhora
Eu cheguei agora
Me preste atenção
Neste mundo de fogo e de guerra
O santo da terra tem calo na mão.
(Música de reizado da Caraíba, letra adaptada por Lirinha)

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	11
Resumo.....	12
Abstract.....	13
INTRODUÇÃO	14
CAPITULO 1- A CULTURA E A RELIGIOSIDADE POPULAR: AS FOLIAS DE REIS COMO ELEMENTO HISTÓRICO	
1.1 As festas de Folias de Reis: como <i>fazer</i> essa história?.....	18
1.2 A cultura, o folclore e a história cultural: intersecções.....	25
1.3 A circularidade das culturas e da religião desde o período colonial.....	31
1.4 A religiosidade brasileira.....	35
1.5 Os Reis Magos.....	42
1.6 As Folias de Reis na história.....	46
CAPITULO 2- AS FOLIAS DE REIS EM TRÊS LAGOAS-MS	
2.1 As Folias de Reis em Três Lagoas.....	52
2.2 A jornada das Folias de Reis em Três Lagoas.....	61
2.3 A festa e o sagrado banquete do dia seis.....	71
2.4 A capela de “Samtos Reis”, o Encontro de Bandeiras e o espetáculo.....	79
2.4.1 A capela.....	79

2.4.2 O Encontro de Bandeiras.....	83
2.4.3 O espetáculo.....	85
2.5 Os elementos simbólicos dentro das Folias de Reis.....	89
2.5.1 A Estrela Guia.....	90
2.5.2 A Bandeira.....	91
2.5.3 A Meia Lua.....	94
2.5.4 O Presépio.....	96
2.6 Cânticos e toadas.....	97
2.7 Os integrantes das Folias de Reis.....	101
CAPÍTULO 3- A IDENTIDADE RELIGIOSA E O MUNDO SAGRADO DOS DEVOTOS DE REIS	
3.1 A identidade religiosa dos devotos de Reis Magos e sua relação com a Igreja Católica..	105
3.2 O mundo religioso do devoto de Santos Reis.....	116
3.3 Os praticantes do catolicismo popular e a Igreja Católica	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	131
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	134

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –Companhia “Os Castilho”.....	65
Figura 2- Companhia “Estrela da Guia”	67
Figura 3- Companhia “Os Castilhos”	68
Figura 4- Companhia “Estrela da Guia”	69
Figura 5- Companhia “Os Castilhos”	77
Figura 6- Altar da capela de “Samtos Reis”	80
Figura 7- Altar da capela de “Samtos Reis”	82
Figura 8- Calendário da programação da festa de Folclore de 2006.....	86
Figura 9- Bandeira da Companhia “Estrela do Oriente”	92
Figura 10- Bandeira da Companhia “Estrela da Guia”.....	93
Figura 11- Bandeira da Companhia “Estrela da Guia”	94
Figura 12- Companhia “São Paulo”	95
Figura 13: Presépio da Companhia “Os Castilho”	96
Figura 14: Companhia “Estrela da Guia”	100
Figura 15: Companhia “Os Castilhos” no Centro de Umbanda	113
Figura 16: Companhia “Os Castilhos” no Centro de Umbanda	114

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar a religiosidade popular presente nas Companhias de Folias de Reis na cidade de Três Lagoas/MS, que se inicia anualmente no dia vinte e quatro de dezembro com término em seis de janeiro, cujo objetivo é rememorar a jornada bíblica dos Reis Magos até o encontro do Menino-Jesus.

Neste período, grupos de cantadores e instrumentistas percorrem a cidade entoando versos relativos à visita dos reis magos ao Menino Jesus. Passam de porta em porta em busca de oferendas, que podem variar. A Folia de Reis, herdada dos colonizadores portugueses e desenvolvida aqui com características próprias, é manifestação de rara beleza.

Realizada, sobretudo, com o intuito de se pagar uma promessa, as Folias dos Santos Reis torna-se a própria missão de vida daqueles que se entregam a ela. E tendo este panorama delineado por esta devoção popular, buscamos compreender a maneira como estes sujeitos norteiam suas vidas, gerando significados intercambiantes entre o mundo sagrado e social.

ABSTRACT

The objective of this work is to analyze the popular religiosity present in the “Folias of Saint Kings” in the city of Três Lagoas-MS, that annually begins on December twenty-fourth ending on January sixth, whose objective is to celebrate the biblical journey of the Magician Kings to the encounter of the Menino-Jesus. In this the city intoning verses about the visit of the Magician Kings to the Menino-Jesus. singers and instrumentalists go thought the city intoning verses about the visit of the Magician Kings to encounter of the Menino-Jesus.

In this period, groups of singers and instrumentalists go thought the city intoning verses about the visit of the Magician Kings to the Menino-Jesus. They pass from door to dorr in search of offererings, that can vary. The “Folias of Saint Kings”, inherited from the colonisers portugueses settlers and developed here with own haracteristics, it is a rare beauty manifestation.

Accomplished, above all, with the intention of paying a promisse, the “Folias of Saint Kings” becomes the own mission of life of those who surrender to it. Having this panorama delineated by this popular devotion, we try to understand the way that these people orientate their lives generating meant relationship between the sacred and social word.

Introdução

O objetivo proposto para esta dissertação foi a compreensão das Folias de Reis na cidade de Três Lagoas/MS à luz das chamadas *novas abordagens* existentes no campo historiográfico em diálogo constante com outras áreas do saber.

As Folias de Reis são festas de caráter religioso que existem e resistem por todo o Brasil. No entanto, em cada região, em cada comunidade, elas adquirem contornos próprios, definindo assim uma identidade única para cada Companhia.

Na proposta de pensar a história de pessoas comuns, concordamos com Pereira que estuda as Folias no estado de Goiás, ao observar que:

[...] a Folia de Reis consegue reunir o povo como sujeito histórico que é capaz de interpretar, criar e recriar a sua própria cultura. Num tempo de erudição, de linguagem sofisticada que divide, separa e exclui, a Folia de Reis apresenta-se como uma possibilidade de participação efetiva no campo religioso. Mas não é uma participação qualquer. O ritual da Folia de Reis é capaz de transformar pessoas comuns em personagens centrais de uma das mais importantes histórias ocorridas no âmbito do cristianismo. (PEREIRA, 2007, p.49)

É comum como prática da religiosidade popular associar a fé à festa, fazer da reza um ritual festivo e colorido, em que as pessoas comuns são de suma importância, pois estão imersas em um mundo sagrado, onde não importa – naquele momento- as dificuldades do dia a dia, o que importa é saber que se tem uma missão, uma jornada, e com muita alegria e seriedade ela é cumprida.

Por mais difícil que essa tarefa possa parecer, historicizar a representação da fé e do milagre para o pesquisador se torna possível. Possível no sentido de que nos permite entender a forma pela qual os poderes sobrenaturais dialogam com a vida social dos homens e mulheres comuns.

Faz-se necessário, então, buscar apreender como constituiu a religiosidade tão característica e peculiar do brasileiro. Para tanto, analisamos obras que nos permitiram visualizar alguns dos contornos que foram delineando este chamado catolicismo popular, que é um catolicismo vivo e cheio de significações plurais e pulsantes. O que se buscou nestas obras foi a compreensão dos elementos que possibilitaram esse diálogo entre diferentes formas de ser religioso, e principalmente de ser católico, pois é desta forma que os devotos de Santos Reis de Três Lagoas querem ser lembrados. O catolicismo é sua religião, sua identidade religiosa. Mas afinal que catolicismo é esse que foge às regras oficiais, que busca formas de sobrevivências e re-significações a todos os instantes, que transita por diversas religiosidades com aparente tranqüilidade? Esse jeito de ser católico será analisado na busca de uma compreensão.

Para entender essa religiosidade, é importante que compreendamos como se constitui a prática de festejar os Reis Magos¹.

Uma das questões centrais desta dissertação é entender os motivos que levam os sujeitos dessa religiosidade a doar parte de seu tempo para a organização do período de visitas e para o dia da festa de Reis, e entender também de que maneira eles percebem isso como uma missão sagrada. E para chegar a uma possibilidade de compreensão é necessário que analisemos os elementos contidos neste mundo de devoção. Quem eram esses magos que pela tradição popular foram elevados a reis? Qual o papel da Bandeira², das músicas e das coreografias? E ainda qual é a importância de uma estrela que até hoje guia esses devotos. Precisamos penetrar neste mundo, buscando entender como o sagrado está no social e se o social delinea o sagrado destes sujeitos.

Para que se possa caminhar e trazer alguns resultados, que julgamos significativos, é necessário problematizar a fé dos sujeitos, sem, contudo, questionar suas representações de

¹ Para conhecer melhor o espaço das festas as freqüentamos desde 2001 até 2007. Em 2001 e 2002 participamos da festa da Companhia “Estrela da Guia” do mestre Miguel Alves dos Santos; em 2004 acompanhamos os festejos da Companhia “Unidos de Três Lagoas”; em 2005 e 2006 novamente estivemos na casa de Miguel Alves dos Santos, ainda em 2006 participamos no dia 12 de janeiro da festa da Companhia “Os Castilhos”, e em 2007 participamos mais uma vez na chegada da Companhia “Os Castilhos” e no dia 24 de janeiro na Companhia “São Paulo” que estende sua jornada para louvar também São Sebastião. Com a relação aos outros grupos, buscamos, por meio das fontes orais, colher informações sobre a forma como a festa foi realizada, além da pesquisa em fotografias e reportagens em periódicos locais.

² Referimos-nos a bandeira com letra maiúscula por entendermos, por meio da observação direta e dos relatos orais, que seu papel é de fundamental destaque dentro do universo desta religiosidade popular. A Bandeira, com letra maiúscula, então, representa um dos objetos mais sagrados e importantes para as Companhias e será refletida desta forma em toda a dissertação, haja vista esta compreensão.

que –para eles- é real a existência da proteção dos santos para a solução de seus problemas. Partindo daí, esse é o ponto inicial: para os devotos a fé existe. Ela norteia suas vidas, gera significados e aponta soluções para aqueles sujeitos que propomos analisar. Pensamos que é a partir desta constatação que podemos iniciar nossos estudos, buscando a compreensão dos *resultados obtidos* por ajuda na fé aos três Reis Magos do Oriente.

Para que este universo se revele aos nossos olhos, é preciso fazer teoria e fonte dialogar constantemente. É necessário deixar que os próprios devotos colaborem para que a escrita dessa história possa acontecer.

Escrever sobre a vida religiosa desses sujeitos sem a utilização das fontes orais seria impossível, já que teríamos que contar então com alguns pequenos anúncios de jornais e poucas menções presentes em documentos paroquiais.

Os relatos orais permitem-nos penetrar num mundo cheio de representações e de significados, que apenas por meio de observações e outros documentos talvez não fosse possível entender. E, ao trabalhar com a oralidade dos sujeitos inseridos no processo estudado, é fundamental que saibamos respeitar sua própria compreensão do fato. Exemplo desta pesquisa foi à escolha da denominação de devoto em vez de folião, adotada depois do trato com as fontes orais. A princípio a denominação dada àqueles que participavam das festas de Folia de Reis, era de foliões, contudo no momento das entrevistas percebemos uma certa desaprovação de diversos depoentes em relação a esta denominação, que para eles tem o sentido de bagunça e algazarra, o que está muito longe da sua vivência cotidiana com o sagrado. Nesse ínterim, a denominação de devoto foi adotada não apenas como uma forma de respeitar a fala desses homens e mulheres, como também por abrir consideravelmente o mundo de compreensão a respeito do tema tratado.

Esta é uma das particularidades ao se tratar com fontes vivas: as possibilidades que surgem ao longo da pesquisa. Nessa relação de troca de experiências, o pesquisador deve estar ciente que mesmo sendo ele a comandar o trabalho, seu depoente tem também espaços para nortear a pesquisa por outros caminhos até então desconhecidos. (MALATIAN, 1996)

As fontes sonoras também são necessárias para entender esse mundo derivado do sagrado, pois, a partir de sua análise, podemos compreender melhor a forma como os sentimentos de enraizamento e pertencimento vão tornando-se presentes na vida dos devotos.

As fontes iconográficas também apontaram inúmeras possibilidades de análise, como o estudo da Bandeira e do Presépio, elementos carregados de iconografias, de ex-votos etc, além do uso das fotografias que permitem tornar um pouco mais tangível aquilo que muitas vezes se apresenta como intangível. Neste sentido, sua utilização como fonte permitiu estabelecer um diálogo mais concreto entre fonte e teoria, possibilitando, por sua vez, uma maior apreensão do tema.

A Bíblia Sagrada, mais precisamente o Evangelho de Santo Mateus, permitiu compreender a maneira como os mitos vão sendo construídos, pois é a partir das informações contidas neste texto que os devotos iniciaram as primeiras manifestações em adoração aos Reis Magos.

Outras fontes foram surgindo ao longo da pesquisa, principalmente nos anos de 2006 e 2007, quando houve um gradual interesse do município de Três Lagoas pelas festas de Folia de Reis. Assim, jornais impressos e mídias eletrônicas, dentre elas, o site oficial do *Governo de Três Lagoas*, que passou a dar destaque para as manifestações destes grupos, nos permitiram delinear a forma como estas festas estão num processo de mudança, no qual o objetivo é torná-las espetáculos nas praças e eventos municipais, para uma suposta tradução da *identidade municipal*.

Convidamos então o leitor a passear pelas páginas que seguem para que possa compreender também um pouco mais da maneira como estes sujeitos devotos dos Reis Magos delineiam suas vidas, dando ao seu mundo social um colorido particular proporcionado pelo sagrado.

Capítulo I

A Cultura e a religiosidade popular: as Folias de Reis como elemento histórico

Desde que a história da humanidade se alargou, tudo tem dimensão histórica [...] o que torna objecto da história não é o fato em si mesmo, mas o que ele eventualmente possa representar para o destino da Humanidade. Este destino é, por isso mesmo, o único fio condutor na busca de significado da infinitude de moléculas factuais que engrossam o oceano da história. (MATOSO, 1988, p.17)

1.1 As Festas de Folia de Reis: como *fazer* essa história?

Desde o século XIX, o campo historiográfico vem crescendo de maneira vertiginosa, uma vez que, expandiu seus lugares de atuação, abrindo espaço para novos objetos e

intersecções com outras disciplinas, principalmente a partir da influência dos Annales e, mais tarde, do que viria a ser chamado de Nova História.

Tornou-se então comum pensar *que tudo é história*, isto devido, sobretudo à abertura de novos campos de investigação, como a infância, a loucura, as festas, etc. Diante desta vastidão de objetos a serem examinados, cabe ao pesquisador fazer os recortes temáticos e temporais necessários e, de acordo com esses, adotar a corrente epistemológica que mais se aproxime ao objeto e seus interesses.

O diálogo com outras disciplinas ampliou o horizonte historiográfico, levando o historiador a descobrir novas possibilidades, mas também limitações. Independente das escolhas epistemológicas, o pesquisador sabe que, mesmo diante da análise das fontes do passado, é impossível contar a história *como ela realmente aconteceu*.

Diante dessa ampliação do campo historiográfico, notamos que as práticas existentes na cultura popular fornecem diversos elementos não apenas para preencher lacunas, mas para analisar as práticas de pessoas que muitas vezes ainda não foram inseridas nos estudos da historiografia. Conforme Marin, na busca por ampliar seus horizontes, “a história como ciência em construção, tem buscado novos objetos, problemas, sujeitos e ampliado suas fontes”.(1999, p. 119)

Contudo, diante da vastidão de temas a serem pesquisados, como justificar a proposta de análise de uma festa de religiosidade popular em homenagem aos três Reis Magos? Concordando com a idéia de Matoso (1988) de que tudo tem dimensão histórica, ao estudar os devotos que compõem as Folias de Reis, podemos *engrossar* o oceano da história, por possibilitar o estudo do mundo cultural e social das pessoas comuns que, conforme Brandão (1986) são os sacerdotes de foice e viola. Nesta perspectiva também Serpa apresenta a Igreja enquanto objeto histórico. Segundo o autor: “[...] a história da Igreja torna-se um importante campo de pesquisa para historiadores. Observa-se a preocupação em problematizar a temática, servindo de referenciais teórico-metodológicos para outras abordagens” (1997, p.17). Diante deste quadro, nosso objetivo nesta dissertação é o de analisar a festa de Folia de Reis na cidade de Três Lagoas/MS, tendo como pretensão principal entender o universo sócio-cultural dos sujeitos que norteiam sua vida em prol de uma devoção: a devoção aos três Reis Magos.

Estudar aspectos da cultura e da religiosidade popular, não como elementos separados, mas em profunda intimidade, e tão entrelaçados que se torna difícil delimitarmos algumas fronteiras (se é que elas realmente existem), implica estudar a história da Igreja Católica, porém esta pesquisa a extrapola, e abre-se como uma possibilidade de entender algo a mais dessa tão peculiar história brasileira, ou seja, a forma como a fé norteia o universo social dos sujeitos e como o universo social delinea as manifestações do sagrado.

A partir deste panorama dado pela discussão em torno do religioso e do sagrado é necessário vislumbrarmos algumas discussões aportadas pela teologia. Para tanto buscaremos algumas referências em textos tanto mais teóricos como próprios da vivência religiosa.

Conforme Certeau “De imediato o historiador considera a teologia como uma ideologia religiosa que funciona num conjunto mais vasto e supostamente explicativo” Entretanto, aponta o autor que o resultado de tal conjunto não a explica, e tendo o historiador “como objeto de seu trabalho, a teologia se lhe apresenta sob duas formalidades igualmente incertas na historiografia; é um fato religioso; é um fato de doutrina”. (2002, p.31)

O que pretendemos então como resultado do diálogo entre história e teologia é a análise prática da manifestação religiosa contida nas Folias de Reis.

Mas esta dissertação trata também da Igreja Católica, pois ao longo da pesquisa percebemos como esta instituição se compõe de inúmeras identidades híbridas, polissêmicas e plurais, o que permite que diversos grupos religiosos tenham seu sentimento de pertencimento arraigado a ela, o que nem sempre é recíproco. Entretanto, é ao *extrapolá-la* que encontramos nosso objeto de pesquisa: as Folias de Reis. Trata-se, então, de uma história religiosa ligada ao catolicismo, em que os seus devotos freqüentam os terreiros de umbanda e se organizam independentemente dos dogmas religiosos. Extrapola a história da Igreja, pois é também e principalmente a história dos trânsitos religiosos, de festas e de sujeitos que reinterpretam os ensinamentos cristãos para atender melhor suas necessidades, suas vidas.

Alves no prefácio de uma obra dedicada a uma festa popular aponta que: “estudar as culturas populares no Brasil, significa dedicar-se à análise e à interpretação do mundo em que laboram 90% dos brasileiros” (2003, p.11). Dessa forma, acreditamos que esse trabalho seja a tentativa de analisar a história de baixo para cima, mas em constante circularidade, pensando o universo rico e complexo das pessoas comuns e muitas vezes ainda anônimas sob o olhar do campo historiográfico.

O que se pretende então ao discutir as festas de Folia de Reis é ir além do entendimento das estruturas e dos contextos históricos em que os sujeitos devotos dos Reis Magos estão inseridos. Mas é principalmente, como salienta Darnton ao analisar os *não iluminados* da França do século XVIII;

Tentar mostrar não apenas o que as pessoas pensavam, mas como pensavam - como interpretavam o mundo, conferiam-lhe significados e lhe infundiam emoção. [...] É História de tendência etnográfica [...] o historiador etnográfico estuda a maneira como as pessoas comuns entendiam o mundo. Tenta descobrir sua cosmologia, mostrar como organizavam a realidade em suas mentes e a expressavam em seu comportamento. (1986, p. XIV)

Esta é, segundo o autor, uma proposta de história intercambiante com a antropologia.

Geertz ao falar sobre a etnografia aponta que praticá-la é “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante” (1989, p. 15). Percebemos que ao estudar as Foliagens de Reis em Três Lagoas, em uma perspectiva da história, mas em constante circularidade também com a antropologia, tais regras são de profunda validade para que se possa compreender melhor as redes de significados e significantes criadas, experimentadas e vivenciadas pelos devotos dos três Reis Magos.

É importante então que o pesquisador extrapole a superfície de seu objeto de estudo, que consiga mergulhar tão profundamente que seja capaz de perceber aquilo que na maioria das vezes fica imperceptível aos olhos, enxergar as entrelinhas dos rituais (GINZBURG, 1989). Buscar no gesto quase que inconsciente e automático dos devotos, a possibilidade de entendimento das permanências, o entendimento da forma como as práticas rituais vão compondo o mundo cotidiano, e se fazendo parte do próprio devoto. É preciso compreender ainda as narrativas que nos parecem muitas vezes algo “decorado”, “sabido decor e salteado”, ao narrarem as histórias dos Reis Magos, buscando entender como algumas coisas são mais importantes de serem ditas, e como outras passam por inúmeras re-significações.

Adotamos, pois, um fazer-se diante da pesquisa, o método histórico-etnográfico proposto por Geertz (1989) ao participarmos de inúmeras festas, ensaios e “Encontros de Bandeiras”, além de almoços apenas para os integrantes das Companhias, buscando neste contato direto aprofundar nas entrelinhas, ouvindo o não dito, e aquilo que foi dito sistematicamente e cotidianamente.

Contudo, é necessário que o pesquisador nesta relação de participação com o objeto não se entenda como um membro do grupo. É fundamental estarmos atentos para a relação e os espaços sociais que se constituem entre aquele que pesquisa e aquele que é pesquisado. Ou seja, quando o pesquisador vive a festa e tenta experimentar a fé, ele não se torna semelhante ao pesquisado, ele não se torna um devoto. Logo ele não pode falar pelo devoto. Ele interage com o mundo sagrado destes sujeitos e apreende uma série de questões que lhes escaparia sem este contato mais direto, contudo sua voz ainda assim é a do pesquisador, ainda assim a escrita desta história é a escrita das reflexões acadêmicas sobre os contextos e as práticas sociais. É necessário, então, ir além destas impressões produzidas buscando os contextos sociais, políticos e culturais que contribuíram para a delimitação da manifestação religiosa estudada.

Sabemos que já há muito tempo está consolidada dentro da historiografia, a proposta de pesquisar as pessoas comuns, com uma bibliografia que justifica tais escolhas. É neste sentido que Darton (1986) e Cunha (2001) propõem fazer a história social da cultura. Não sabemos se o que almejamos ao longo destas páginas é fazer esta história social da cultura ou uma história cultural do social. O que buscamos é entender o universo destas pessoas comuns - os devotos dos Santos Reis - procurando a compreensão do significado social e cultural que a religião expressa às suas vidas.

É nesse sentido que concordamos com Falcon ao pontuar que os trabalhos sobre cultura tratam especialmente, de uma história sócio-cultural, pois “quando se fala nas novas temáticas - cultura popular, cotidiano, gênero, corpo e etc - no fundo ainda é a problemática sócio-cultural que está presente”.(2002, p.14)

A história sócio-cultural mostra a preocupação em estudar sujeitos como o operário fora da fábrica, a mulher pobre, os vadios, as prostitutas, as feiticeiras, os moleiros perseguidos, pretendendo compreender como os homens se constituem e como se compreendem e compreendem sua própria história. (SALIBA, 1997, p.13)

Produzir uma história sócio-cultural que se fundamente na discussão da forma como os devotos norteiam e significam suas vidas permite então - a nosso ver - a inserção de uma rica e complexa possibilidade de pesquisa, que não tem a pretensão de esgotar-se nesta dissertação.

No intuito de estudar a história sócio-cultural das pessoas comuns é necessário delinear a forma pela qual será adotada a abordagem que pretendemos seguir. Neste sentido, concordamos com Sá que ao estudar a umbanda pontua:

Auxiliar na compreensão da importância histórica desse campo religioso, composto por tíões, véios paulinos, clementes, marios e outros tantos traz um pedaço da nossa história.

Não pretendo 'dar voz', expressão muito utilizada na atualidade, a esses homens. Pretendo, isso sim, é contribuir para apurar a audição dos meios acadêmicos para essas vozes vibráteis e pusilânimes que vivem no cotidiano de nossa história. Auxiliar para uma melhor concentração de nossos intelectuais, para que esses possam captar essas vibrações culturais que se fazem representar nos terreiros de Umbanda. (2004, p.10)

Esse é o objetivo também do presente trabalho. Não existe a pretensão de achar que daremos voz a esses personagens. Da mesma maneira não é nosso interesse convencer alguém de que o fazemos, pois no próprio contato com os devotos de Santos Reis é notável a consciência que eles próprios têm de suas práticas.

Borges (1996) ao estudar os posseiros de Ribeirão Bonito na região do Pontal do Paranapanema-SP, enfatiza que é necessário *compreender* as vozes dos homens e mulheres inseridos dentro desse contexto social. Essa idéia de compreensão vem justamente em oposição à idéia de dar voz a essas pessoas, como se essas dependessem de um pesquisador para terem voz, para serem inseridas na História, idéia hoje já bastante ultrapassada.

É nesse sentido que Bosi assinala que existe a idéia do que seja cultura na percepção de seus próprios viventes; "idéias que podem alcançar expressão, que podem chegar até nós, ou que podemos buscar seu meio de origem" (1984, p.25). A autora ainda busca enraizar esse pensamento dizendo: "No trato desses depoimentos devemos ficar muito atentos a toda centelha de consciência. Atrás deles está uma pessoa que percebe, luta, cujas mãos tecem o tecido vivo da história; seguremos com força os fios dessa trama". (p.28)

Eis dois relatos de devotos que nos aproxima desta percepção:

Minhas perspectivas é criar embaixadores, mestres, contramestres, o que eu puder fazer para conservar a nossa cultura, o nosso folclórico, é o que eu desejo fazer. Se Deus quiser, eu hei de alcançar [...] É o folclórico nosso, o

povo fala Folclore, porque é uma coisa que não se pode proibir, então a nossa missão é essa daí. Para ver se reage a raiz que deixaram.³

Eu acredito que é um dom que nós recebemos. Que Deus e os próprios Santos Reis determina, que a gente tem aquela vocação, aquele dom. Por que nem todos que querem pode ser um participante da Companhia de Santos Reis, que ele consiga, né? ... O que me levou a participar? Eu entrei, comecei e fui me dedicando cada vez mais. Procurando aperfeiçoar alguma coisa, por que a gente nunca termina de aprender esse ritual. É trabalhando, é praticando e aprendendo. Então eu tô nessa caminhada, tentando sempre divulgar essa cultura, que também hoje pra todos nós é um Folclore. Uma cultura que nós temos que cultivar ela, e não deixar acabar. Então é por isso que eu tô aí também defendendo essa cultura.⁴

Tendo em conta que o pesquisador de história aponta algumas possibilidades de verdade em sua escrita, é preciso que fuçamos da pretensão de acreditar que estamos tirando da obscuridade essas pessoas comuns. Tais pessoas sempre fizeram parte da história, faltava apenas a historiografia olhar para elas e perceber que, possuem suas próprias vozes cabendo então ao pesquisador ouvi-las e compreendê-las. Vozes que conforme Borges em sua já referendada pesquisa,

[...] ao não serem silenciosas, pois constantes no cotidiano dos posseiros, poderiam ser reveladoras de uma história específica, permeada pelas vivências dos sujeitos que as constituíram. *Resistências e acomodamentos* deram o teor às lutas dos trabalhadores no percurso de sua história. (1996, p. 167-168)

Neste sentido, acreditamos que esta pesquisa sobre o mundo social, cultural e religioso dos sujeitos devotos de Santos Reis pode contribuir para uma historiografia mais democrática, e não para *resgatarmos* culturas, delinear as identidades religiosas ou qualquer outra pretensão. Nosso objetivo é unicamente buscar entender esta complexa rede de significados e simbolismos que existe e resiste ao longo da história brasileira.

É importante ainda discutirmos a opção pela não delimitação de um espaço cronológico. Não é nosso intuito tentar compor a escrita de uma história total sobre as Folias

³ ENTREVISTA Miguel Alves dos Santos, Companhia “Estrela da Guia”. Produção Luciana Aparecida de Souza Mendes & Nilda da Cunha Viana. Três Lagoas: CPTL/UFMS, 2001. 60min (aprox). Doravante apresentaremos apenas o nome dos entrevistados e o ano de realização, constando as demais informações nas Referências Oraís.

⁴ ENTREVISTA Anain Alves de Souza, 2003.

de Reis ou sobre a cultura popular, o que desejamos é entender como ela constitui o universo social e cultural dos sujeitos que a vivem. A não demarcação de territórios cronológicos é dada justamente por acreditarmos que tais limites poderiam empobrecer esta análise, assim o percurso que buscamos fazer ao longo da pesquisa foi o de partir do presente para o passado, pensando como os conceitos de circularidades e movimentos podem também estar ligados a questão do tempo cronológico, que não precisa ser percebido como linear. Não buscamos entender um a partir de outro, mas compreender as Folias de Reis, com suas mudanças e permanências, suas continuidades e descontinuidades. Nesta perspectiva Certeau observa que:

Inicialmente a historiografia separa seu presente de um passado. Porém, repete sempre o gesto de dividir. Assim sendo, sua cronologia se compõe de ‘períodos’ [...] entre os quais se indica sempre a decisão de ser outro ou não sei mais o que havia sido até então. [...] Por sua vez, cada tempo ‘novo’ deu lugar a um discurso que considera ‘morto’ aquilo que o precedeu, recebendo um ‘passado’ já marcado pelas rupturas anteriores. (2002 p.15)

Mesmo que tenhamos visado compreender as expressões religiosas desde a América Portuguesa, não queremos encontrar neste contexto histórico o *sentido original da religiosidade brasileira*, mas também não criaremos rupturas numa problemática que se apresenta, especialmente de forma circular.

Se para os devotos as folias existem “Desde que o mundo é mundo”⁵ é fundamental então que nós na condição de pesquisadores estejamos atentos para as permanências históricas que se re-significam a todo o momento.

1.2 A cultura, o folclore e a história cultural: intersecções

⁵ Os devotos sempre que indagados e em conversas informais chamam-nos atenção para o fato de que as Folias de Reis existem desde o início do mundo, talvez façam aí uma comparação à bíblica jornada dos Magos.

No objetivo de se escrever sobre um determinado objeto partindo dos pressupostos da história sócio-cultural, é preciso que percebamos a fragilidade do conceito de cultura que é extremamente vasto e, conforme Falcon (2002), constitui uma problemática praticamente inesgotável no seu todo.

Cabe ressaltar que “cultura” transformou-se na categoria chave para a compreensão do mundo contemporâneo (SALIBA, 1997, p.11), sendo utilizada para descrever uma série de atividades cotidianas e também a forma de comportamento de uma dada sociedade.

É neste sentido que Geertz aponta que ao trabalhar temáticas envoltas na perspectiva de estudar a cultura, é necessário que haja uma redução deste conceito a uma dimensão justa (1989, p.14). Para ele, o ecletismo pode trazer inúmeros problemas, pois a sua inconsistência pode deixar os objetivos da pesquisa artificiais. O autor propõe então pensar a cultura como uma rede de significados, criados pelos próprios sujeitos. Para ele devemos indagar qual a importância da cultura, do que está sendo transmitido.

Apoiando-nos também em Burke (1997), pensamos que a cultura deve ser estudada considerando o encontro cultural e a circularidade entre cultura popular e cultura de elite, denominada por ele de cotidianização, em que não basta fazer um estudo da cultura de elite sem pensar nos elementos populares do qual ela se apropriou, e vice-versa. Em outras palavras é necessário ter claro que não é apenas a cultura popular que busca se apropriar da cultura erudita, mas há uma constante interação entre elas.

Este autor orienta-nos a olhar a cultura como uma possibilidade inesgotável de entendimento, uma vez que ela está sempre renovando e se re-significando. A proposta de Burke apresenta-se como uma condensação das propostas de Bakthin (1993) e Ginzburg (2003) de circularidade cultural.

Desta forma, as idéias de Geertz (1989), Burke (1997), Bakthin (1993) e Ginzburg (2003), permitem embasar e delimitar o conceito de cultura para se pensar as Folias de Reis em Três Lagoas, pois ao estudá-las é necessário permear as discussões pela noção de que a cultura é popular no sentido de que é feita pelo povo, o que não significa que não tenha se apropriado de elementos caracterizados como cultura de elite, e que esta, por sua vez, também não se aproprie dela. É exatamente essa intensa circularidade cultural – não apenas entre cultura popular e cultura de elite - mas também, no caso das Folias de Reis, uma circularidade entre as diferentes significações, que faz o popular, em que a cultura se mostra constantemente

de maneira dinâmica e viva, sempre (re) criando seus significados, (re) interpretando suas significações.

Nesse percurso de circularidade cultural, podemos perceber a forma viva e polissêmica pela qual os ritos, as práticas e experiências vão adquirindo significados ora sagrados, ora profanos; ora fundamentais, ora desnecessários para aqueles que os praticam. Ou seja, é possível pensar nesta rede de significados existentes nas práticas culturais, contudo, devemos pensá-la em constante re-significação, tendo em vista que o sentido é constantemente legitimado ou deixado de lado, dependendo das necessidades sociais e religiosas dos praticantes.

É comum então que dentro deste contexto de circularidade cultural, a proposta de estudar manifestações populares pela perspectiva do folclore seja logo abandonada, uma vez que é costumeiro pensá-lo como um fenômeno cultural puro e intocável. Brandão apresenta-o como uma manifestação extremamente dinâmica, observando que nesse pensamento diminui ou mesmo desaparece a fronteira entre a idéia de folclore e de cultura popular. “O Folclore perdura, e aquilo que nele em um momento se recria, em um outro precisa ser consagrado” (2003, p.41). Há então, desta forma, uma lógica folclórica que se mostra em acordo com esta proposta de circularidade cultural.

E quando são os próprios devotos que denominam o que fazem de Folclore? Como prosseguir tentando enquadrar tal festa apenas no viés da cultura popular? É importante, neste sentido, estarmos atentos à percepção desses sujeitos.

Brandão ao falar de Folias de Reis e todo o Ciclo de Natal no morro da Mangueira, aponta que: “Modificado e persistente, ele se preserva como um fato folclórico para nós, como uma devoção religiosa para seus praticantes” (2003, p.43). Ainda a este respeito são interessantes as considerações de Salles:

Os fenômenos folclóricos também são fenômenos da cultura; passíveis, portanto de serem estudados individualizadamente. Não são coisas mortas: são uma realidade concreta, dinâmica, numa constante readaptação às novas formas assumidas pela sociedade. (apud FRADE, 1991, p. 29)

Não é necessário, dessa maneira, “abandonar” o conceito de folclore em prol de uma cultura popular. É preciso entender suas proximidades, suas semelhanças e suas diferenciações. O que se deve é extrapolar uma explicação denominada de folclorista, no

sentido de que elas sempre buscaram fazer um registro dos atos folclóricos, e na maioria das vezes, sem análise, sem que essas práticas fossem inseridas no contexto social. Mas este também é um risco daqueles que pensam que a cultura popular por si só dará conta de explicar tais manifestações. Conforme Canclini:

[...] a visão que reduz a cultura popular a um conjunto de tradições deve ser abandonada, bem como o idealismo folclórico que pensa que é possível explicar os produtos do povo como ‘expressão’ autônoma do seu temperamento. O enfoque mais fecundo é aquele que entende a cultura como um instrumento voltado para a compreensão, reprodução e transformação do sistema social, através do qual é elaborada e constituída a hegemonia de cada classe. (1983, p.12)

É nesta perspectiva que Bosi tece uma crítica aos pesquisadores que parecem não pensar nas manifestações denominadas folclóricas como uma manifestação dinâmica e em constante movimento:

Dos departamentos universitários saem os pálidos pesquisadores em busca de sangue novo: devotas de São Benedito são discutidas em seminários de pós-graduação; gravam-se cantos e solicitam-se danças a velhos esquecidos, de olhar enevado, cujas pernas já estão demasiado fracas para repeti-las. (1992, p. 27)

Com esta discussão, Bosi afirma que a cultura não é estática e/ou fossilizada, e que o povo não está inerte, pelo contrário, a cultura está sempre se redefinindo, se apropriando de novos aspectos para se renovar, ou seja, pode ser entendida pela circularidade cultural proposta por Bakhtin (1993) e Ginzburg (1987).

Diante deste quadro, concordamos com a idéia de Falcon quando chama a atenção para não propormos somente uma história cultural, mas, sobretudo uma história sócio-cultural, pois “quando se fala nas novas temáticas - cultura popular, cotidiano, gênero, corpo e etc - no fundo ainda é a problemática sócio-cultural que está presente”. (2002, p.14) Conforme Saliba “ninguém defende hoje, pelo menos de forma programática, uma história da cultura ‘suspensa no ar’, ou seja, carente de um exame mais sólido dos cruzamentos de uma história social”. (1997, p.12)

Podemos dizer que para Brandão uma definição de Folclore seria sua capacidade de “coletivização” do saber popular. Todo ato caracterizado como folclórico foi inventado por

alguém em algum momento histórico, contudo, para se tornar parte do Folclore ele passa a ser vivido por pessoas diferentes, geração após geração, caindo então no domínio público.

Aquilo que se reproduz entre pescadores, índios e camponeses como saber, crença ou arte reproduz-se enquanto é vivo, dinâmico e significativo para a vida e a circulação de troca de bens, de serviços, de ritos e símbolos entre pessoas e grupos sociais. Enquanto resiste a desaparecer e, preservando uma mesma estrutura básica, a todo o momento se modifica. O que significa que a todo o momento se recria. (BRANDÃO, 2003, p.39)

Percebemos então que tanto a idéia de Folclore quanto de cultura popular, podem ser pensadas juntas para entender o universo complexo das Folias de Reis, no sentido de colaborarem para a compreensão todo o universo social, cultural e religioso de que os devotos fazem parte.

Nessa linha de análise Brandão (2003) insere as Folias de Reis dentro do universo do folclore brasileiro:

Os folcloristas reconhecem no ritual da Folia de Santos Reis um fato folclórico. Ela é uma persistência cultural popular, é uma tradição muito antiga do *catolicismo de folk*. É anônimo o ritual, não tem autor ou dono, embora cada 'Companhia de Folia' tenha o seu mestre, embaixador ou chefe. A Folia é um complexo rito coletivizado. Sobre uma estrutura básica que no Brasil se esparrama do Rio Grande do Sul ao Maranhão, há criações pessoais, há formas peculiares de 'cada companhia' refazer e recriar. (BRANDÃO, 2003, p.44)

Entre as Companhias de Folia de Reis em Três Lagoas percebemos que, em prazos curtos, algumas características da festa vão se modificando, por exemplo, a forma de organização das visitas e outras situações como a própria organização da festa, mas há sempre algo que permanece. Este algo é o responsável pela tradicionalidade, pois, no contato com os sujeitos, entendemos que, sem a tradição muito da identidade cultural e religiosa pode se exaurir.

A tradição é encontrada nos ritos, nas normas, nas músicas da estruturação de toda a Companhia, podendo ser entendida como as permanências que costumam ser preservadas e transmitidas de uma geração à outra (BRANDÃO, 2003, p. 28). Assim, a dinâmica contida na circularidade e nas re-significações obedece a uma lógica própria, ou seja, se re-significa, mas apenas o necessário para que não se perca o sentido original, sua identidade.

Contudo, o que é registrado em um ano como ‘tradição’ pode não mais compor as manifestações no ano seguinte. A observação direta é fundamental para que o pesquisador não corra o risco de transmitir uma tradicionalidade imutável no contexto de sua pesquisa, pensando que discute as dinâmicas culturais. Ou seja, se em um determinado ano o pesquisador percebe que a *Bandeira não volta*⁶, ele tenderá a classificar tal gesto como uma tradição imutável do grupo, no entanto pode ser que, no próximo ano, devido à necessidade de adaptação a *Bandeira volte*.

É necessário entendermos que a tradição existe, mas ela se re-significa cotidianamente, podendo às vezes até mesmo ser posta de lado, mas há sempre um significado que permanece, um significado re-elaborado, mas ainda assim um significado que conserva a idéia original. Uma Folia de Reis em Três Lagoas pode não ter aparentemente parentesco nenhum com uma Folia de Reis nordestina, mas o que se celebra ainda é a fé nos Três Reis Magos do Oriente. E a festa/devoção é a tradução da forma como estes sujeitos se relacionam com o universo do sagrado.

Outro exemplo é a data do dia da chegada, que costuma ser tradicionalmente em 06 de Janeiro, o dia dos Reis, porém esta data pode sofrer alterações por inúmeros motivos, como o de continuar a festejar até o dia de São Sebastião em 20 de janeiro, ou mesmo por impossibilidades com a data por parte dos integrantes⁷, ou seja, às vezes apenas para não coincidir com a chegada de outros festeiros.

Esta circularidade da cultura popular impressa nas Foliás de Reis faz com que a tentativa de análise desta pesquisa esteja atenta aos movimentos e às dinâmicas contidas no mundo sagrado dos devotos. É desta forma que apontamos como necessário que o pesquisador de história seja também um tanto antropólogo, sem deixar de ser historiador, pois os significados podem alterar-se em espaços de apenas algumas semanas, mantendo-se ainda assim como uma tradição.

⁶ Alguns grupos relatam que quando a Bandeira de Santos Reis passa por uma rua, ela não pode voltar, pois os Reis Magos não voltaram em seu caminho. Algumas companhias voltam com a bandeira de costa, como em marcha-ré. No entanto, já foi percebido que às vezes a Bandeira volta sem maiores problemas, numa espécie de adaptação das tradições às necessidades imediatas do grupo.

⁷ A Companhia Especial “Os Castilhos” fez a chegada no ano de 2006 no dia 14/01/06, já que a pessoa responsável pela organização do jantar estava ocupada com um almoço beneficente promovido pela Igreja da comunidade de que participa no dia 06.

1.3 A circularidade das culturas e da religião desde o período colonial

Para discutir a religiosidade popular existente nas festas de Folias de Reis de Três Lagoas/MS é fundamental apreender como essa religiosidade constituiu-se de maneira tão peculiar na história do Brasil e entender esse universo, onde a linha entre o que constitui o sagrado e o profano é tênue. Neste sentido, apontamos para a necessidade de uma reflexão bibliográfica acerca da constituição histórica das características deste catolicismo brasileiro, percebidas hoje como complexas e genuínas.

A convivência de múltiplas culturas desde a América Portuguesa gerou uma pluralidade de significados culturais, sociais e religiosos, que permitiu a delimitação de uma complexa rede de significados sócio-culturais dinâmicos e polissêmicos, que traduzem parte da peculiaridade da forma como se define o *ser brasileiro*. É a partir deste pressuposto que sempre sublinharemos as considerações de Bosi de que o Brasil é um país plural. Ao discutir o que venha a ser cultura brasileira, salienta o autor:

Ocorre, porém, que não existe uma cultura brasileira homogênea, matriz dos nossos comportamentos e dos nossos discursos. Ao contrário: a admissão do seu caráter plural é um passo decisivo para compreendê-la como um 'efeito de sentido, resultado de um processo de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço. (1992, p.07)

Assim, devemos estar atentos a esse universo polissêmico que vai desenhando características diversas e complexas, presentes tanto no mundo da cultura quanto no mundo da religião, que em grande parte dos casos - como no objeto tratado nesta dissertação - não podem ser vistos como separados.

Esse imbricamento é uma das mais ricas características do modo de ser religioso brasileiro, já que religião e cultura estão interligadas. E quando pensada a idéia de cultura, estamos falando das músicas, das danças, do modo de sentir de um povo tão plural de significados. Neste sentido, compreendemos que cultura é a rede de significados de que as práticas populares⁸ estão investidas.

A proposta já salientada de estudar a cultura popular brasileira a partir da idéia de circularidade mostra-se bastante frutífera, pois serve-nos como um mapa de onde partimos e que, ao percorrê-lo percebemos como as características existentes hoje surgem de agrupamentos, apropriações, re-significações, traduções e transformações e que, desta forma, explicam de maneira bastante significativa os processos, as mudanças e continuidades no universo da cultura e da religiosidade.

Ao pensarmos no objeto proposto para a reflexão desta dissertação, buscamos em Bakhtin a idéia de uma “dualidade na percepção do mundo e da vida humana” (1993, p.05), uma dualidade caracterizada pela idéia de circularidade entre o erudito e o popular, o oficial e o burlesco, que permitia aos sujeitos o uso da comicidade para viverem experiências não ligadas ao seu cotidiano, o que possibilitava um ambiente alegre e festivo para as práticas festivas como o carnaval e as procissões. O autor revela a possibilidade de leitura da circularidade do sagrado e do profano, entendidos como o *alto* e o *baixo*, em que : “O ‘alto’ é o céu; o ‘baixo’ é a terra” (p.19) e vivem em junção no momento das práticas populares.

Estas abstrações de Bakhtin vão sendo trilhadas por diversos outros teóricos que, por sua vez, contribuem significativamente para uma conceitualização desta chamada circularidade cultural. Um exemplo notório deste caminho é a forma como Ginzburg em sua obra “O queijo e os vermes” ressalta que sua concepção de circularidade cultural baseia-se na leitura de Bakhtin:

Pode-se ligar essa história àquilo que já foi proposto, em termos semelhantes por Mikhail Bakhtin, e que é possível resumir no termo ‘circularidade’: entre a cultura das classes dominantes e das classes subalternas existiu, na Europa pré-industrial, um relacionamento circular feito de influências

⁸ Referendamos o popular por tratar a pesquisa de um objeto de cultura popular, no caso, as Folias de Reis. Entretanto, entendemos que a rede de significados culturais é produzida em todas as esferas sociais, dadas principalmente a partir da circularidade e intercâmbio entre elas.

recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo. (1983, p. 12)

Neste mesmo caminho, propomos então a idéia de se aplicar esse conceito ao estudo e compreensão das Folias de Reis, buscando à luz destes autores, a possibilidade de interpretar esta festa como uma cultura dinâmica e circular, que se movimenta em todos os sentidos. É neste intuito que visamos, a seguir, tratar de maneira sucinta, mas não artificial, a forma como a circularidade foi praticada historicamente, ora de forma consciente, ora não.

Partindo da compreensão de que a religião católica veio para o Brasil sob a tutela inicial dos Jesuítas com o objetivo de converter os nativos da região a esta religião, devido à percepção de que as práticas desses sujeitos nativos eram rudimentares e incivilizadas, sabemos que, mesmo tendo o indígena sucumbido de forma bastante significativa à aculturação, muitos mantiveram as crenças em seus deuses e divindades, e os que se aculturaram não o fizeram sem oferecer também elementos novos a esse catolicismo europeu que chegara aos trópicos.

Como se sabe, logo houve outro grupo étnico que se somou aos dois já existentes: os africanos que foram trazidos para o país para trabalharem como escravos. Mesmo com as adversidades históricas enfrentadas pelos negros desde o período da escravidão, esses nunca silenciaram, e principalmente nunca deixaram de viver sua cultura e sua religião, com suas singularidades e complexidades, estando também inseridos neste contexto de circularização.

Esses três grupos étnicos são provavelmente os maiores contribuidores para a forma de ser religioso do brasileiro, todavia diversas culturas e religiões de pessoas que migravam para cá engrossaram este caldo, transformando a cultura brasileira em um mosaico de significações e de significados. A este respeito, Bosi salienta que:

Há imbricações de velhas culturas ibéricas, indígenas e africanas, todas elas também polimorfos, pois já traziam um teor considerável de fusão no momento do contato interétnico. E há outros casamentos, mais recentes, de culturas migrantes, quer externa (italiana, alemã, síria, judaica, japonesa...), quer internas (nordestina, paulista, gaúcha ...), que penetram fundo em nosso cotidiano material e moral. (1992, pp. 7-8)

Vários estudiosos, entre eles Hoornaert (1974) e Souza (2000) trabalham/trabalharam com a idéia do sincretismo como componente fundamental na caracterização da manifestação do religioso no Brasil. Contudo, mesmo que a idéia de sincretismo não seja mais tão recorrente na historiografia contemporânea, é necessário entendermos o seu significado e ver como os pesquisadores o utilizaram para pensar a questão da circularidade cultural entre diferentes grupos, e também suas diversas maneiras de se manifestar com o sagrado:

Entendemos, pois o sincretismo (...) como ‘a coexistência de elementos - entre si estranhos- dentro de uma religião’. Estes elementos podem ser introduzidos como provenientes de outra religião (por exemplo, o culto de Maria - o culto de Iemanjá), ou de estruturas sociais (por exemplo: a imagem do Pai segundo a revelação bíblica – a imagem do patriarca na cultura dos engenhos de açúcar). Existem sincretismos externos (por exemplo: catolicismo europeu – candomblé africano) e sincretismos internos (já assimilados por uma determinada religião, por exemplo: sincretismo entre a mensagem cristã e as filosofias do mundo greco romano como estoicismo, neo-platonismo, sincretismos elaborados e analisados pelos padres da igreja num imenso esforço missionário durante diversos séculos da história da igreja). (HOORNAERT, 1974, p. 23)

Para Souza, o sincretismo entre brancos, negros e índios, “refundiou espiritualidades diversas num todo absolutamente específico e simultaneamente multifacetado” (2000, p.88). Este aspecto é muito caro a qualquer pesquisador que se debruce sobre assuntos ligados à religiosidade e cultura popular, já que é necessário entender as dinâmicas existentes dentro da cultura.

Para não cairmos na rede dos significados do sincretismo, o que pretendemos é reler estes textos, buscando neles elementos que permitam apreender a circularidade. Isto porque, a idéia de sincretismo trabalhada pelos autores acima revela bastante da dinâmica cultural, tão em voga na discussão atual da história, da antropologia e de outras áreas do conhecimento. Os autores estudados mostram em suas análises que o sincretismo não significa escolhas casuais e aleatórias. Pelo contrário, as escolhas nos revelam uma lógica própria existente no interior dos grupos, e que muitas vezes escapa aos olhos do pesquisador.

Feitas pelos sujeitos históricos, não podem, também, ser caracterizadas como escolhas conscientes e definidas como necessárias para a participação de suas manifestações originais. Essa lógica que escapa de uma definição mais apurada é apontada por Souza (2000) como *vivência*. Ou seja, é no cotidiano, nas práticas rotineiras que elementos antes estranhos são incorporados aos rituais do grupo, e estes rituais, conforme a autora: “não eram permanentes ou definitivos [...] toda a multiplicidade de tradições pagãs, africanas, indígenas, católicas, judaicas não pode ser compreendida como remanescente, como sobrevivência”. (SOUZA, 2000, p.98)

É necessário ainda pensar a respeito de como a Igreja Católica, trazida como uma forte instituição para a América Portuguesa, vivenciou este catolicismo, lembrando que a Igreja representava o mundo cristão, representando também o mundo europeu, espelho de civilização.

Pensando na dinâmica cultural que o Brasil vivenciou e ainda vive de maneira muito pulsante, é que percorremos algumas páginas da historiografia sobre a forma encontrada pelos brasileiros de praticar sua religião de modo tão original, e da instituição religiosa de lidar com tal fenômeno. É importante assinalarmos que, na maioria das vezes, essa originalidade não levou os sujeitos a pensar que haviam criado outras práticas religiosas, ou até mesmo outra religião, já que apesar da circularidades e imbricamentos continuavam se sentindo pertencentes ainda à religião católica de onde se originou suas práticas.

É neste intuito que buscaremos, a seguir, tratar a forma como a circularidade foi praticada, ora de forma consciente, ora não.

1.4 A religiosidade brasileira

Ao abordarmos religião e religiosidade na América Portuguesa, discutimos uma religião essencialmente católica, uma vez que o “catolicismo brasileiro assumiu nos primeiros séculos de sua formação histórica um caráter obrigatório”. (HOORNAERT, 1974, p. 13)

Entretanto, trata-se de um catolicismo que foge aos moldes pregados pelo Concílio de Trento⁹, que desejava uma religião firme, seguidora dos preceitos e normas católicas, tendo seus fiéis uma obediência irrevocável ao Papa e aos padres. É por este olhar que Hoornaert diz que, na “realidade, os brasileiros não eram tão católicos assim”. (1974, p. 17)

Mott ao estudar a religiosidade no período da América Portuguesa, caracteriza da seguinte forma os sujeitos tidos como católicos:

A partir do panorama religioso reconstruído até agora, podemos agrupar os colonos do Brasil num grande gradiente que vai dos mais autênticos fervorosos aos indiferentes e até hostis à religião oficial, a saber: *católicos praticantes autênticos*, que aceitavam convictamente os dogmas e ensinamentos impostos pela hierarquia eclesiástica, refletindo suas variadas práticas exteriores de piedade, os sentimentos mais profundos de sua fé na revelação cristã; *católicos praticantes superficiais*, que cumpriam apenas os rituais e deveres religiosos obrigatórios, mas como encenação social do que com convicção interior, *católicos displicentes*, que evitavam os sacramentos e demais cerimônias sacras não por convicção ideológica, mas por indiferença e descaso espiritual, muitas vezes incluindo em seu cotidiano ‘sincretismos’ heterodoxos; *pseudocatólicos*, boa parte dos cristãos-novos, animistas, libertinos a ateus, que apenas por conveniência e camuflagem, para evitar a representação inquisitorial. Frequentavam os rituais impostos e controlados pela hierarquia eclesiástica, mas que mantinham secretamente crenças heterodoxas ou sincréticas.

Em todos esses casos, do mais piegas papa - hóstias ao mais irreverente libertino agnóstico, cristalizava-se diferentes tipos de vivência e práticas privadas tendo a religião como centro. (1997,p.175)

⁹ “O catolicismo do Concílio de Trento não inaugurou certamente no mundo o despotismo religioso, mas organizou-se duma maneira completa, poderosa, formidável - até então desconhecida. Neste sentido, pode-se dizer que o catolicismo, na sua forma definitiva, imobilizada e intolerante, data do século dezesseis... É necessário estabelecermos cuidadosamente uma rigorosa distinção entre cristianismo e catolicismo, sem o que nada compreenderemos das evoluções históricas da religião cristã... É que realmente o cristianismo existiu e pode existir fora do catolicismo. O cristianismo é, sobretudo um sentimento: o catolicismo é, sobretudo uma instituição. Um vive da fé e da inspiração: outro do dogma e da disciplina”. (QUENTAL, apud HOORNAERT, 1974, p. 22)

O que se observa desde esse período é a mescla de *diferentes* maneiras de viver o catolicismo como religião oficial – o que transforma o credo católico em uma pluralidade, muitas vezes dissonante de possibilidades de práticas e vivências. Quando havia necessidade de professar a fé católica, haja vista seu caráter obrigatório, uma das formas de assegurar seu domínio religioso era o papel desempenhado pela Inquisição, que, aliás, também teve uma forte atuação na América Portuguesa, ainda que sob a forma de visitas:

A inquisição ajudou poderosamente a formar (ou deformar) a consciência católica no Brasil, criando a impressão de que todos são católicos da mesma forma, obedecendo às mesmas normas e lutando contra os mesmos inimigos. O catolicismo é o ‘cimento’ que une a nação, o ‘laço’ que prende a todos (...) africanos e ameríndios, reduzidos à escravidão, tiveram que se apresentar como católicos para serem aceitos na sociedade e garantirem a sua sobrevivência. (HOORNAERT, 1974, p. 14)

Percebemos então que muitos sujeitos escondiam na exteriorização da religião oficial, subterfúgios para praticarem sua fé. Além da religião católica, todas as demais religiões que residiam na América Portuguesa, camufladas ou não, foram se adaptando e se resignificando. Assim adquiriram contornos próprios com sentidos mais próximos da realidade vivida pelos religiosos. Conforme Souza: “a originalidade da cristandade brasileira residiria, portanto, na mestiçagem, na excentricidade em relação a Roma”, e ainda aponta a autora a necessidade de ter de “engolir a escravidão”, sendo desta forma “Uma cristandade marcada pelo estigma da não fraternidade”. (2000, p.88)

A autora ainda pontua que não foi apenas a mistura de culturas e crenças que modificou a forma de ser católico na colônia, mas a própria relação existente com o mundo oficial da religião. Esse catolicismo, segundo ela, era caracterizado pela falta de compreensão e intolerância por parte dos religiosos em todas as esferas. É desta maneira que os habitantes da América Portuguesa geraram novos sentidos à religião de modo que ela tivesse um verdadeiro significado para eles.

Tendo em vista que várias religiões permaneciam vivas e praticáveis mesmo escondendo-se frequentemente camufladas pelo Catolicismo, seguiremos esta análise apontando características das formas de vivência desta religião, a fim de compreender a forma

como hoje um devoto dos Santos Reis se vê e/ou se legitima como católico, mesmo investindo na prática de diversos trânsitos religiosos.

Desde a América Portuguesa encontramos, pois, um catolicismo diferente daquele pregado pela Igreja¹⁰; um catolicismo que não estava sujeito a essas regras, normas e dogmas, já que homens e mulheres usavam em seu cotidiano, outras práticas para sua sobrevivência. Tais experiências eram oriundas dos saberes culturais e religiosos caracterizados como populares, a saber: as feitiçarias, as curas e os benzimentos. E, a partir da bibliografia analisada sobre as manifestações religiosas na América Portuguesa, percebemos que os residentes dessa terra não se subordinavam aos dogmas católicos da maneira como pretendia a Igreja.

Para se pensar a religião naquele contexto é preciso então refletir sobre a religiosidade popular, pois dadas algumas características históricas, as expressões religiosas estiveram sempre muito mais ligadas às manifestações de cunho popular - ou cunho leigo - do que às normas estabelecidas pela esfera da religiosidade ligada ao modelo romano, tido como oficial pela Igreja.

Conforme Souza (2000) a religiosidade colonial teve suas características específicas, devido à fluidez da organização eclesial, que deixou amplo espaço para atuação como os capelões e pessoas leigas. “[...] sua especificidade maior seria o familismo, explicador do acentuado caráter afetivo e da maior intimidade com a simbologia católica tão caracteristicamente nossos”. (SOUZA, 2000, p.87)¹¹

Esta característica foi permitida pelo reduzido número de eclesiásticos que residiam na colônia, o que tornava necessário que os colonos criassem seus próprios códigos de religiosidade. A este respeito salienta Hoornaert:

[...] é preciso lembrar-se que o catolicismo propagou-se no Brasil principalmente pelos leigos, pessoas que não eram ligadas à instituição eclesiástica. Os bispos, sacerdotes ‘do hábito de São Pedro’, monges e frades ficaram às mais das vezes no litoral, nos conventos, seminários, colégios, mosteiros e palácios, só fazendo viagens pelo interior raríssimas vezes. Os portugueses povoadores e desbravadores do sertão, assim como os

¹⁰ Sempre que a palavra Igreja estiver em letra maiúscula, será necessário entender que se trata da igreja católica enquanto corpo religioso, com regras e dogmas normatizadores da vida dos fiéis.

¹¹ Esta característica da família como estimuladora da religiosidade popular, como será ainda observado no corpo deste trabalho, está até hoje presente na maneira de viver este universo sagrado pelos praticantes do catolicismo popular, também conhecido como catolicismo rústico.

índios mansos e os africanos escravizados, e mesmo os quilombolas eram os principais propagadores do catolicismo no interior. (1974,p.118)

Em sua grande maioria os sacerdotes também viviam o catolicismo re-significado-o a partir das necessidades cotidianas da América Portuguesa. Para Vainfas, parte significativa destes padres e bispos era despreparada e “no púlpito, eles deveriam, entre outras coisas, explicar a doutrina católica”. Entretanto, continua o autor: “eles não o faziam com o rigor desejado por Roma” (1999, p.35). Souza pontua que “a fluidez da organização eclesiástica teria deixado espaço para a atuação dos capelães de engenho que gravitavam em torno dos senhores”. (2000, p.87)

Neste sentido, a casa era transformada diversas vezes em lugar sagrado, onde a religião encontrava espaço para suas práticas:

A casa de moradia é o *locus* privilegiado para o exercício da religiosidade privada dos católicos. Nas casas mais abastadas, o lançamento da pedra fundamental da construção contava sempre com a presença de um sacerdote encarregado de aspergir água benta no alicerce, garantindo-se assim o bom futuro religioso do novo domicílio. Em muitas casas urbanas do Brasil antigo conforme fixou a tradição oral, podia-se ver uma cruzinha de madeira pregada à porta da entrada; nas zonas rurais, um mastro, com a bandeira de um santo, revelava aos visitantes a preferência da devoção familiar. Dentro de casa, uma série de imagens, quadros, amuletos sinalizavam a presença do sagrado no espaço privado do lar. (MOTT, 1997,p.164)

Continua o autor:

Dentro de casa é o espaço primordial onde têm lugar as práticas religiosas, não só as devoções individuais as almas mais pias, que por virtude e humildade buscavam o recesso do lar, como também aquelas devoções que por heterodoxas melhor convinha que fossem praticadas longe do público. (p. 191)

Como veremos logo adiante, ao analisar especificamente ou particularmente as Folias de Reis em Três Lagoas-MS, a casa ainda continua sendo o local onde muitos religiosos se reúnem para viver suas práticas. Conforme Miguel “Jesus ensinou assim, então a gente faz

assim. Não precisa ir à Igreja pra rezar um terço, pra cantar músicas pra Deus e pros santos. Porque onde estiverem reunidos três em nome de Deus, ele vai estar lá também”.¹²

No interior das casas, local privilegiado tantas vezes para a manifestação do sagrado, os santos sempre tiveram lugar de destaque. Diante do santo *devocional* da família, e muitas vezes, perante uma grande variedade de outros oragos, os sujeitos criavam -e ainda criam- suas próprias formas de se relacionar com o sagrado.

Frente ao panorama desenhado até este momento, podemos afirmar então, que, apesar de complexa, a expressão religiosa do brasileiro possui contornos de possível delimitação, conclusão que nos permite, então, retomar a idéia de Bosi para defendermos/reforçarmos que as Folias de Reis tal como estão postas hoje em Três Lagoas-MS são “resultados de um processo de múltiplas interações e oposições no tempo e espaço”. (1992, p.07)

Tais resultados são percebidos também na forma como o sagrado pode ser manipulado, ou seja, a intimidade com o sagrado pode ser traduzida como um “movimento ambíguo – como ambígua é a cultura popular”, sendo uma relação marcada pelas necessidades sociais dos sujeitos que buscam na religiosidade respostas e soluções. Neste sentido afirma Souza: “[...] muitas vezes: o santo que se venera, que se adora [...] é também aquele que, no contexto da economia religiosa do *toma-lá-dá-cá*, pode se atirar num canto, xingar, odiar em rompantes de cólera ou insatisfação”. (2000, p.115)

A intimidade com os santos e a forma pela qual a religião é vivida na intimidade do lar, permite-nos perceber as diferentes re-significações que sofrem. Desta forma, respeitando-se a *tradicionalidade* que permanece, há características bastante diferentes na forma de se louvar e mesmo na própria composição da identidade beatificada de cada santo, isto é, no interior de cada grupo. Santo Antonio, por exemplo, pode ter características bastante diversificadas, uma vez que a crença é gerada e/ou re-significada de acordo com a realidade social na qual aquele grupo está inserido. É neste direção que Mott afirma:

‘Santo é aquele que se adula...’ diz um ditado antigo repetido na Bahia de Todos os Santos. De fato, na religiosidade popular do Brasil de antanho, a intimidade dos devotos *vis-à-vis* certos santos e oragos percorriam um

¹² ENTREVISTA Miguel Alves dos Santos, 2001. Ainda sobre esta entrevista é importante apontar que o depoente faz alusão a um trecho do Evangelho de São Mateus, Cap. VI: “Quando dois de vós se unirem sobre a terra para pedir, seja o que for, conseguí-lo-ão com meu Pai que está no céu. Porque onde dois ou três estão reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles”.

continuum de amor e ódio, que incluía louvores, adulação, rituais propiciatórios, intimidação e até agressão física explícita. (1997, p.184)

Este *ir e vir*, esta liberdade de transitar pelas diferentes religiões com seus diversos ritos e doutrinas, tão estudadas nos dias atuais, também se mostra como um longo percurso histórico e cíclico, que circula livremente nos contextos religiosos.

Na realidade da América Portuguesa, em que com freqüência era necessário se professar publicamente a fé católica, os católicos praticantes ou os *de fato* buscavam em outras práticas religiosas respostas para a sua vida cotidiana.

Conforme Mott, se a ajuda não viesse do santo a quem se confiava o pedido, outros artifícios poderiam ser utilizados como orações proibidas, simpatias, etc...(1997, p.190). Na seqüência afirma o autor:

Apesar de a hierarquia católica ter se oposto rigorosamente, desde os tempos apostólicos, a todas as religiões não cristãs, rebaixando-as à condição de idolatria, superstição e feitiçaria, na prática, muitas vezes, outra era a realidade, sobretudo abaixo do equador. No Nordeste, nas Minas e no resto da Colônia, são freqüentes as denúncias contra homens e mulheres que recorriam aos feiticeiros e feiticeiras, em especial quando os exorcismos da Igreja e os remédios da botica não surtiam efeito na cura de variegada gama de doenças [...] Malgrado a preocupação da Inquisição e da própria legislação real, proibindo a prática das feitiçarias e supertições, no Brasil antigo, em toda rua, povoado, bairro rural ou freguesia, lá estavam as rezadeiras, benzedeiras e adivinhos prestando tão valorizados serviços à vizinhança. (1997, p.192/3/4)

Vimos que a religiosidade brasileira sempre foi marcada pela busca de outros sentidos, e de outros significados que acabam sendo incorporados aos já existentes no grupo, pois além da busca destes outros caminhos, também sempre houve a procura de outras religiões de fato, como as indígenas e o calundu dos africanos, por exemplo. (SOUZA, 2000)

A religiosidade brasileira é então um conjunto de múltiplos agentes que historicamente se multifacetaram e deram diversos coloridos às expressões e práticas do sagrado. Neste sentido, estudar as Folias de Reis em Três Lagoas é um trabalho também para historiadores. A sua complexidade - que se esconde para muitos em simplicidade - é resultado das vivências, das re-interpretações, das re-significações e das circularidades culturais que os sujeitos religiosos fazem, o que gera um sentido mais humano ao sobrenatural e cria um

contexto histórico para a fé. E revela ainda sujeitos atuantes no *compor* de sua religião, uma lógica que geralmente não se exhibe aos olhos do pesquisado ou pesquisador, mas que existe, e deve ser apreendida. É preciso *engrossar* este caldo da história, olhando as manifestações e expressões de fé como elementos sociais, que delineiam identidades e que caracterizam o sujeito brasileiro.

1.5 Os Reis Magos

O estudo das Folias de Reis em Três Lagoas não seria possível sem algumas considerações sobre os Reis Magos, personagens tão centrais e complexos para os devotos. Entretanto, é preciso estabelecer que o objetivo desta dissertação não consiste em compreender quem eram esses homens, o que buscamos é entender a maneira como eles norteiam o universo religioso daqueles que devotam suas vidas, gerando significados e pertencimentos.

A devoção aos três Reis Magos tem origem bíblica. Porém, Gimenez (1958) nos chama atenção para o fato de que o episódio passa despercebido à maioria dos evangelistas, sendo apenas São Mateus a escrever a respeito do assunto.

Segundo o Evangelho de São Mateus, os magos vieram do Oriente de Jerusalém guiados por uma estrela que os levaria até o local onde havia nascido o *Messias*. Ao saber desse nascimento, o Rei Herodes interrogou-lhes dizendo que também desejava ir ao encontro do *Messias* para adorá-lo. Porém, os magos foram avisados em sonho que o desejo de Herodes era matar o *príncipe dos judeus*. Ao encontrar o menino, ofereceram-lhe três presentes: ouro, incenso e mirra, e puseram-se a adorá-lo. Avisados em sonho de que o objetivo de Herodes era assassinar o Menino-Jesus, os magos regressaram à sua terra por outro caminho, para que o rei não descobrisse seu paradeiro. (Capítulo 2, versículo de 1 a 12)

A respeito de como se deu o início da jornada dos Magos até o nascimento de Cristo salienta Gimenez:

Eles prescrutavam (sic) o firmamento e sentiram-se chocados com a presença de um novo astro e, cada um deles, deixando suas terras depois de consultar seus pergaminhos e papiros cheios de palavras mágicas e fórmulas secretas, teve a revelação de que havia nascido o novo Reis de Judá e, que com ele, como soberano, deveria, também prestar seu preito ao menino que seria o monarca de todos os povos, embora o seu Reino não fosse desse mundo. (1958, s/p.)

As Escrituras não citam o número de magos e nem fazem alusão ao fato de serem reis, característica hoje atribuída a eles. Esses dados foram interpretados e reinventados a partir da transmissão da cultura das reizadas, elevando os magos a condição de reis pela tradição popular. O número de três provavelmente foi incorporado devido aos três presentes que as Escrituras citam, os quais foram oferecidos ao Menino-Jesus. Sobre a simbologia dos presentes revela a literatura católica:

Melchior, venerável por sua velhice, ofereceu o ouro, reconhecendo Jesus como seu único soberano e Senhor; Gaspar, que segundo a tradição era o mais jovem, apresentou ao Menino incenso, porque viu na criança o Verbo Eterno que se fez homem e habitou entre nós; Baltasar ofertou-lhe mirra, porque, reconhecendo no Divino Infante, o Eterno, sabia igualmente que Jesus viera ao mundo, fizera-se homem, nosso irmão pela carne, menos no pecado, para por nós morrer. (DALLEGRAVE, apud FERREIRA, 1994, p.09)

É interessante notar, conforme salienta Ferreira que: “Os nomes de Gaspar, Melchior e Baltazar, pelos quais são conhecidos, aparecem pela primeira vez no século IX, havendo ainda divergências quanto ao seu número em fontes mais antigas”. (1994, p.10)

Há unanimidade entre os pesquisadores quanto ao entendimento de que os magos não eram reis, mas senhores dos reis. Donos de uma vasta sabedoria; eram provavelmente os astrólogos, intérpretes de sonhos, os responsáveis por sacrifícios, os reis só declaravam guerra depois de ouvi-los. Conforme o trecho abaixo:

Os Magos eram, na Pérsia, e na Média (sic), não os reis, mas os senhores dos reis; guiavam os governadores do povo. Eram os sacrificadores, os intérpretes dos sonhos, os adivinhos, os ministros, os únicos intermediários entre o povo

e a Abura Mazda, o Deus bom; só eles conheciam o futuro; com suas mãos matavam animais inimigos do homem; as serpentes, os insetos nocivos e as aves nefastas. Purificavam as almas e os campos; Deus só se comprazia com os seus dons e os reis não declaravam guerra sem ouvi-los. Possuíam os segredos da terra e do Céu e eram os dominadores da pátria e da sabedoria. (PAPINI, apud FERREIRA, 1994, p.07)

Pela tradição do catolicismo popular estes personagens bíblicos são conhecidos como “Três Reis Magos” ou “Santos Reis”; E, apesar de não festejá-los com tanta intensidade, a Igreja Católica, como instituição também os reconhece da mesma maneira.

Contudo, no mundo das narrativas do catolicismo popular, os relatos dos devotos dos Santos Reis indicam uma variedade de teorias e que trazem consigo contradições. Desta forma apontaremos algumas narrativas encontradas tanto nos relatos orais como nos textos de outros pesquisadores a respeito da festa.

Para alguns devotos, os Santos Reis eram irmãos, e cada um dos reis provinha de uma região diferente, trabalhando assim a idéia de que todas as raças tiveram seus reis curvados diante daquele que foi o “Filho de Deus”. Gimenez (1958) a esse respeito diz que os Magos...

[...] Simbolizavam também as três únicas raças bíblicas, isso é, os semitas, jafetitas e camitas. Uma homenagem, pois, de todos os homens da Terra ao Rei dos Reis [...] Na tradição cristã os três Reis Magos simbolizavam os poderosos que deveriam curvar-se diante dos humildes [...] (1958, s/p.)

Muitos ainda acreditam que a figura de Baltazar era negra, e por isso os outros dois reis o abandonaram a fim de que apenas eles pudessem adorar ao Menino-Jesus. Segundo essa tradição oral, Deus mostrou a Baltazar o caminho mais próximo à manjedoura, para que esse fosse o primeiro a encontrar o Menino.

Ainda foi difundida entre alguns membros de uma determinada Companhia¹³, a idéia de ter havido um quarto personagem, sendo ele um árabe educador, sociólogo e médico. Este não encontrou o *Messias* a tempo na manjedoura, no entanto gastou parte de sua fortuna ajudando às crianças do sexo masculino que deveriam ser mortas por Herodes¹⁴.

¹³ A Companhia a qual nos referimos é Companhia Estrela da Guia, também conhecida como Companhia da Placa, do mestre Francisco Lima.

¹⁴ Segundo o Evangelho de São Mateus, por não ter encontrado o Menino-Jesus, o rei Herodes decretou que todas as crianças recém-nascidas do sexo masculino fossem sacrificadas, para garantir desta forma a morte daquele que veio para ser rei em seu lugar.

Percebemos que esta idéia, que a princípio nos pareceu absurda, pode ser contextualizada no próprio meio social destes devotos, que precisam acreditar na intersecção dos santos para obter a ajuda necessária para suas questões cotidianas. Assim, criam ou re-significam um santo excluído dos textos bíblicos, ligando-o aos sujeitos simples do período – aqueles que não sendo o *Messias* não tiveram ajuda de ninguém e foram sacrificados – de forma que estes possam então ter uma contribuição mais eficaz para suas necessidades diárias¹⁵.

Outro aspecto de fácil observação na tradição oral é a fusão de elementos bíblicos com o desejo de tornar os Reis Magos mais importantes dentro das tradições cristãs. É comum que os devotos relatem trechos bíblicos, pertencentes a outros personagens, atribuindo-os aos Santos Reis, como aconteceu em conversa informal com um devoto que relatou que estes, após o encontro com o Menino-Jesus, fugiram dos soldados de Herodes, atravessando o Mar Vermelho, que se abriu como milagre para que eles pudessem passar. O devoto continua sua narrativa dizendo que, quando os soldados também iniciaram a travessia com o objetivo de capturar os magos, o mar voltou então ao seu estado normal, matando-os. Na verdade este trecho que foi animadamente narrado em uma conversa informal entre devoto e pesquisadora pertence a outro fato bíblico. Trata-se da narrativa da fuga de Moisés e os judeus cativos no Egito, situado no Antigo Testamento.

Mesmo com estas diferenciações de significados, percebemos como elas não alteram o significado tradicional do festejo em homenagem aos Magos, o que nos revela como as percepções destes sujeitos que vivem esta devoção podem ser variadas, mas que conservam muito de sua tradicionalidade, o que nos remete à idéia de circularidade contida no mundo dos significados e das re-significações que estão sempre em processo dinâmico de movimento.

Podemos perceber também diferenciações entre a tradição popular e o evangelho nas letras dos cânticos. Castro e Couto perceberam claramente essas diferenciações: “Manuel Jorge (Estrela do Oriente, Rio de Janeiro, RJ) faz tábua rasa do encontro de Herodes com os Magos e do seu interesse em localizar o Menino (São Mateus, 2:1-12), afirmando que, ao contrário, procurou desviá-los do caminho de Belém”. (1977, p.19)

¹⁵ Entretanto é preciso salientar que tal idéia foi apontada por apenas alguns sujeitos, e não se verificou idéia semelhante à de um quarto Rei Mago entre os demais relatos e nem na literatura consultada sobre o assunto.

Esta é uma característica embutida nas práticas de religiosidade popular, e segundo Paker:

Na verdade, pouco importa a vida do santo, nem sequer se conhece a dimensão ética que para a religião oficial é decisiva no processo de canonização, isto é, a 'biografia exemplar' do candidato à beatificação. O que importa é o ícone e sua capacidade catalisadora de sentimentos e desejos num tempo-espaço preciso (o maravilhoso da festa e do ritual) e sua capacidade mediadora, símbolo eficaz da ação transcendente para com os vivos: 'que ele seja milagroso'. (1996, p.168)

Cabe ressaltar que as músicas que ainda serão melhor estudadas, permitem criar o sentimento de pertencimento dos devotos com o mundo do sagrado no qual se inserem, e suas repetições, muitas vezes automáticas, tornam-se para muitos devotos, a única forma de contato com as explicações religiosas sobre os Magos.

1.6 As Folias de Reis na História

Na proposta de se analisar a festa de Folia de Reis como um elemento histórico é preciso que essa seja historicizada, entretanto há uma dificuldade eminente nesse labor, pois é escassa a produção historiográfica a respeito das festas de Folia de Reis¹⁶, sendo que para os devotos, como já salientado, as folias existem “desde que o mundo é mundo”. Desta forma, é difícil delimitar sua origem. Sabemos, porém, que hoje a história não está mais absorta na idéia de se precisar origens, mas sua principal preocupação tornou-se compreender a maneira como as representações vão norteando as práticas daqueles que as viveram e vivem.

Conforme Brandão, o ritual das Folias de Reis costuma ser visto como um fato folclórico:

¹⁶ Os trabalhos sobre Folia de Reis concentram-se em textos de natureza folclorista e antropológica.

Ela é uma persistência cultural popular, é uma tradição muito antiga do catolicismo de folk. É anônimo o ritual, não tem autor ou dono, embora cada 'Companhia de Folia' tenha seu mestre, embaixador ou chefe. A Folia é um complexo rito coletivizado. Sobre uma estrutura básica que no Brasil se esparrama do Rio Grande do Sul ao Maranhão, há criações pessoais, há formas peculiares de cada 'companhia' refazer e recriar (2003, p.44).

As Foliás de Reis, como hoje são vistas no Brasil, derivam de um amalgamado de tradições e re-significações que se iniciaram provavelmente na Europa, e que foram introduzidas a partir da colonização dessas terras pelos portugueses¹⁷. É dessa forma que Ferreira expõe o que, para ele, é a origem das folias no Brasil:

Essa tradição, como também a dança das pastorinhas, vem do início da colonização brasileira, em que os catequistas ensinavam aos índios como festejar os Reis Magos. Anchieta os instruía na arte de armar presépios, defronte dos quais os indígenas cantavam e dançavam, animando os folguedos natalinos e a comemoração de Reis, época de maior afluência nas aldeias. (FERREIRA, 1994, p.16)

Assim, o que podemos precisar é que o ato de comemorar os Reis Magos era um costume típico da Europa cristã que foi introduzido no Brasil, entretanto como toda a forma de devoção do brasileiro - em especial a popular - esse *drama litúrgico* foi tomando características muito próprias, tornando-a uma festa genuinamente brasileira.

Ferreira aponta que o dia de Reis é uma festa religiosa que na "Europa acontece tanto nas igrejas católicas, quanto nas anglicanas e em outras religiões cristãs" (1994, p.21). "Em alguns países, as pessoas marcam os portais com as iniciais dos três Magos, para afastar o mal". É ainda comum que as pessoas troquem presentes em alguns países europeus no dia de reis. (1994, p.22)

No Brasil, provavelmente o intuito dos primeiros catequistas era criar uma maior intimidade dos nativos com as figuras máximas dentro do universo religioso do catolicismo, que são: Maria (Nossa Senhora) José (o operário) e o Menino-Jesus (o filho de Deus). Esses três correspondem à *Sagrada-Família*, ícone de suma importância dentro não apenas das devoções católicas, como das devoções do catolicismo popular. Porém, a devoção de caráter popular passou a considerar os Reis Magos como elemento central de suas devoções do

¹⁷ Partindo da idéia de circularização cultural, devemos saber que a maneira de comemorar o Dia de Reis na Europa deve ter passado por inúmeras transformações ao longo de todo o seu período de existência.

período natalino. É por meio da explicação de Cásia Frade que percebemos essa mudança dos elementos de devoção.

Com o tempo esses rituais, cada vez mais adquirem contornos incontroláveis, conforme as Folias de Reis: o que se homenageia não é, principalmente, a figura divina central, o Menino-Deus, mas ressaltam-se prioritariamente personagens e fatos que margeiam o acontecimento. Os foliões canonizaram e cantaram para os Três Reis do Oriente, os ‘Santos Reis’ evocando episódios a eles relacionados: a viagem orientada por um cometa, as visitas e os regalos. (FRADE, 1991, p.24)

Talvez a jornada do dia 24 de dezembro até o dia 06 de janeiro, tenha tornado os devotos mais íntimos das figuras dos três Reis Magos, que estão simbolizados ao longo de todo o percurso, enquanto que o Menino Jesus se torna presente apenas no momento da festa do dia seis, no último dia.

As folias “apregoam o nascimento de Cristo e, teoricamente, dirigem-se a Belém, para adorar o Menino” (CASTRO e COUTO, 1977, p.03). Dada às singularidades de cada região, é objetivo geral das Companhias promoverem os autos de fé na jornada dos Magos ao encontro do Menino-Jesus a fim de aumentar sua crença. Esta é uma característica bastante peculiar da religiosidade popular: “Dentro do catolicismo popular, Deus não era objeto direto do culto, mas era considerado como o criador e senhor do universo”. Para estes religiosos é natural que busquem ajuda como os santos para que estes ajam como intercessores entre eles e Deus. (SERPA, 1997, p.52)

Diante de textos que tratam das Folias de Reis em diversos pontos do país, é possível perceber algumas semelhanças e também diferenças entre as regiões. Mas é necessário apontar que tais diferenças também podem ser encontradas não apenas em regiões distintas como na mesma cidade, e ainda podem ser percebidos diferentes significados tanto de elementos como de rituais dentro de um mesmo grupo¹⁸.

Para entender melhor as diferenças e semelhanças, mesmo sabendo que elas serão exploradas mais adiante no texto, vamos arrolar algumas informações que permitam entender melhor tais características.

Brandão (2004), ao estudar as festas de Folia de Reis em Mossâmedes- GO, aponta uma série de características ora observadas na região em estudo, ora práticas inéditas. Uma das

¹⁸ Ao longo do texto esta idéia estará sempre sendo apontada.

primeiras diferenças entre as duas regiões é a data de início. Enquanto em Três Lagoas as Folias de Reis costumam iniciar seus festejos em 24 de dezembro, Brandão aponta o dia 31 deste mesmo mês como o início das festas em Goiás. Todavia, é comum às duas regiões que a data de encerramento da festa seja o dia 06 de janeiro, dia de Reis. É preciso saber que ao menos na cidade de Três Lagoas, é verificável que essas datas podem sofrer alterações. A respeito das alterações na data de encerramento, não é comum que ela seja em outra data que não a do dia 06 de janeiro, todavia, caso haja necessidades de mudanças, algumas Companhias não se sentem descumpridoras de suas promessas por tal alteração. Em 2006, a Companhia “Os Castilhos” fez sua chegada no dia 14 de janeiro. A esse respeito relatou-nos o mestre:

No dia 06, minha esposa que também é integrante da Companhia, tinha muitos afazeres lá na igreja mesmo. Ia ter um almoço beneficente lá e ela é cozinheira e sempre ajuda. Então a gente resolveu fazer a festa depois, que foi dia 14, né? Tem Companhia que não aceita isso não, e teve também folião que não gostou. Mas do mesmo jeito que eu disse pra eles eu vou falar pra você. Se você quer muito comemorar o aniversário de uma pessoa querida e não pode fazer no dia, o que é que tem fazer depois? Melhor fazer depois que não fazer. O que vale é o que a gente faz durante todos dos dias que sai nas casas pra visitar e levar a Bandeira, o que a gente faz o ano inteiro. E alguém acha que os Reis Santos, que são santos mesmos, iam deixar a gente na mão porque não deu pra fazer do dia certinho mesmo? Claro que não, né?¹⁹

Uma questão presente em quase todas as regiões onde tivemos o acesso a textos e relatos refere-se o fato de que independente da data da saída é comum e necessário que o mestre reúna os foliões e “lhes faça as últimas recomendações de bom comportamento, e, como todos os companheiros, reza fervorosamente pelo bom êxito da jornada que se inicia”.(CASTRO e COUTO, 1977, p.03)

Algumas Companhias costumam fazer um contrato entre o festeiro²⁰ e integrantes, contrato registrado e assinado, em que os participantes assumem de maneira legal seus direitos e deveres. Em Três Lagoas observamos que o “contrato” existe, mas ele é verbal, ficando o participante da Companhia obrigado a sair naquele grupo por ter *empenhado sua palavra*.

¹⁹ ENTREVISTA Waldemar Martins Castilho, 2006.

²⁰ Em Três Lagoas, o festeiro não faz parte da Companhia, pois quando é participante tem o nome de mestre. Na condição de festeiro, ele é apenas o financiador da festa.

Dentre os deveres é normal que o mestre ou festeiro exija participação em toda a jornada, proíbe-se o uso de bebidas alcoólicas - alguns grupos proíbem durante todo o tempo, outros apenas durante as práticas religiosas. Em Três Lagoas, o mestre da Companhia “Os Castilhos” afirma não permitir bebida alcoólica, exigindo ainda que os integrantes se apresentem sempre muito asseados e com o uniforme, bem como com o cabelo cortado e a barba aparada.

As obrigações dos devotos, como percebemos, iniciam-se antes mesmo da jornada. É importante ainda que eles tenham uma postura de seriedade na comunidade em que vivem, para que a Companhia seja sempre vista com respeito. Sem esse respeito, torna-se difícil realizar o *drama litúrgico*, pois as pessoas podem ter medo de recebê-los em casa. Percebemos que os grupos da cidade costumam se organizar de forma a manterem prestígio diante da comunidade para que possam, dessa forma, cumprir sua *missão*.

A seguir, discutiremos as permanências e as re-siginificações das Folias de Reis na cidade de Três Lagoas.

Capítulo II

As Folias de Reis em Três Lagoas-MS

Foliões viajeros treze dias na estrada
de casa em casa tocam e cantam a notícia
de um menino, um rei, não sei,
que nasceu longe, há muito tempo.
Levam violas e palhaços e viajam a nova
da festa que fazes a seis de janeiro
O morador de casa rancho recebe a folia
pega a bandeira e pela casa inteira
desfila as bênçãos que se crê que ela traz
Alguns choram pelo canto, outros canta,
outros palmeiam no tabuleiro da sala uma catira
Todos comem juntos da mesma comida igual
e se abençoam com antigos gestos e poesia
E entre si trocam bens e bênçãos,

Solidários roceiros, solenes devotos de reis
que entre si repartem a mesma crença
pelo qual os bichos e outros seres tem nome
e os acontecimentos do mundo tem
sentido.
(BRANDÃO, 1982, p.72-3)

2.1 As Folias de Reis em Três Lagoas

Três Lagoas, assim como a maioria das pequenas cidades do interior, sempre teve um calendário festivo muito ligado ao mundo das religiosidades. É necessário, contudo, apresentarmos algumas condições sociais e geográficas sobre a cidade, antes de nos debruçarmos nas reflexões sobre as festas religiosas.

Conforme Romano, o município de Três Lagoas está localizado geograficamente na porção leste do Estado de Mato Grosso do Sul, encontrando-se na divisa do Estado de São Paulo, tendo como barreira natural o rio Paraná. Tem seus limites geográficos estabelecidos:

Norte: a cidade de Inocência
Nordeste: a cidade de Selvíria
Leste: Selvíria e o Estado de São Paulo
Sudeste: Estado de São Paulo
Sul: Brasilândia
Sudoeste, Oeste e Noroeste: Água Clara. (2005, p. 90)

Acerca do contexto histórico cabe destacar que a cidade foi fundada em 15 de junho de 1915 com o nome de Vila de Três Lagoas, fazendo parte da Comarca de Santana do Paranaíba. Foi elevada à condição de município em 19 de outubro de 1920, sendo denominada de Três Lagoas. (LEVORATO, 1998)

Mendonça ao analisar a questão do poder e da violência no período de 1915 a 1945 em Três Lagoas aponta que “Três Lagoas é o exemplo vivo destas contradições, da intimidade das diferenças”. (1991, p.22). Ou seja, trata-se de uma cidade onde a circularidade cultural pode ser percebida nas relações entre o rural e o urbano e entre a riqueza e a pobreza que se entrecruzam, pois na cidade é possível perceber que nos bairros mais antigos as mansões

tenham casebre como seus vizinhos, o que nem sempre consiste em relações vicinais harmoniosas, mas que permite uma série de construções e re-significações culturais que, por sua vez, constituem alguns momentos de coexistência, como é o caso das festas do dia de Santos Reis, que ocorre quase exclusivamente, nos lares humildes, contando, todavia com a presença de pessoas com grandes posses entre eles.

As imigrações sempre forneceram possibilidades de dinamicidade cultural para uma região. Sobre a migração paulista, salienta Sigrist:

Esses desbravadores trouxeram, com o passar do tempo, as lendas do sertão; a linguagem caipira; a religiosidade do catolicismo popular; a viola caipira e o sapateado, da catira ou cateretê; a alimentação farta no meio rural; a construção da casa de taipa. (2000, p. 39)

No mesmo contexto, a pesquisadora Nakamura chama a atenção para a riqueza cultural trazida para Três Lagoas que pode ser sentida em especial pela migração de mineiros, paulistas, e ainda pelo grande número de nordestinos que após a tentativa, muitas vezes frustrada, de fixarem-se no estado de São Paulo, viram nesta região a possibilidade de se estabelecerem. Conforme a autora:

Esse emaranhado de viajantes pode ser visto como mera estatística para quem prefere a versão civilizada e impessoal da história oficial, que apenas se ocupa em exaltar a trajetória de fazendeiros bem sucedidos na região e não se dá ao trabalho de imaginar o sacrifício exigido nos primeiros tempos daqueles que penetram a região repleta de mato grosso: escravos fujões buscando refúgios, garimpeiros desiludidos, imigrantes tentando se desvencilhar do trabalho semi - escravo dos cafezais paulistas, nordestinos procurando o oásis contra a fome e a sede...(2006, p.29)

É válido lembrarmos ainda algumas imigrações que, como afirma Mendonça, não foram tão expressivas, haja vista que a região estava direcionada, sobretudo à pecuária (1991, p.143). Apesar disso a autora destaca em seu trabalho a presença de imigrantes, principalmente os portugueses e árabes.

Nessa conjuntura é possível notar que inúmeros grupos e agentes sociais vieram para a região de Três Lagoas de modo a contribuir para que pudéssemos quando da análise do objeto específico desta dissertação, compreender a existência de uma circularidade entre as

diversas práticas culturais e sociais, permitindo então entender porque a cidade adquiriu características próprias que podem ser apreendidas sobremaneira pela soma das experiências destes sujeitos. A partir desta constatação, devemos retomar a discussão sobre as fronteiras, uma vez que geograficamente a cidade faz limite com o Estado de São Paulo, levando-a então a receber influência destes dois estados de modo significativo. Isso dificulta, aliás, que seus moradores delineiem de forma precisa qual das regiões seria a que exerceria maior influência sobre a cidade, que apesar de pertencer ao Estado de Mato Grosso do Sul, possui maior facilidade de comunicação e intercâmbio com o Estado paulista. No caso dos devotos de Folia de Reis, percebemos que o sentimento de pertencimento está intimamente ligado com o universo caipira do interior de São Paulo.

Não pretendemos aqui discutir a identidade cultural e social de Três Lagoas, mas apenas apreendermos alguns elementos para melhor enxergarmos a forma como as Folias de Reis foram se configurando ora como festa tradicional, ora como festas limitadas a pequenos grupos.

Nessa direção Mendonça aponta como uma das principais características da cidade, a profusão de festas, tais como as familiares; as festas de recepção para autoridades civis, militares e eclesiásticas; as festas anuais da comunidade como as do mês de maio dedicadas à Virgem Maria; as festas religiosas do calendário oficial e das religiosidades populares como a Festa do Divino e as festas juninas; além do Natal, Ano Novo, carnaval e festas cívicas como do descobrimento da América e Dia do Soldado (1991,p.311). As festas juninas são observadas pela autora como o período festivo mais importante para a cidade:

Encontrava-se neste ciclo das festas, a reafirmação da fé no futuro, pela preservação das tradições, a afirmação da solidariedade dentro da comunidade. O tempo da festa interrompe a rotina dos dias numerados para colocar, em destaque, à medida que marca a tempo de vida: o ano, o aniversário. É um momento de renovação, de tornar a surgir, de adquirir um novo vigor. A interrogação é sempre 'arguciosa e cheia de fé'. A lembrança é também, marcada pela angustia e se equilibra na esperança. (MENDONÇA, 1991, p.315)

É válido ressaltar, contudo que para este estudo, vamos nos ater na forma como Mendonça (1991) analisou as festas de final de ano no município.

A autora aponta que o modo de celebrar o Natal em Três Lagoas encontrava variações já em seu início, pois havia duas grandes colônias na cidade, uma de portugueses e

outra de árabes. Esses últimos também eram cristãos, o que diminuiu consideravelmente as diferenças entre os festejos natalinos, apesar de que tais festas não poderiam ser consideradas idênticas:

A mesa árabe reunia familiares e amigos, chegados ao anoitecer. Comensais da união da família, das tradições e costumes da primeira pátria. Carneiro, tâmaras, nozes, avelãs, castanhas, quibes, frango recheado, bolo e doces sírios faziam o cardápio da ceia e o alimento do espírito de grupo. (MENDONÇA, 1991, p.337)

Já as famílias de origem portuguesa costumavam reunir-se para assistir a Missa do Galo, e então voltavam para seus lares onde havia a ceia familiar, que não mostrava grandes ostentações. No dia 25 de dezembro acordavam mais tarde, cumprimentavam-se e almoçavam o que havia sobrado da noite anterior. A troca de presentes tão comum atualmente, naquele período dava-se de outra maneira e com outros significados:

Não costumavam fazer trocas de presentes, sequer entre os familiares. Todavia num costume típico, os chefes da família costumavam dar presentes para as viúvas e para os filhos daqueles que, em vida, tinham sido amigos. (MENDONÇA, 1991, p.338)

A devoção aos Reis Magos está ligada aos festejos da colônia portuguesa e, no caso de Três Lagoas, também à expressiva presença nordestina na região. Conforme Mendonça, ela era realizada no dia em que encerravam os festejos natalinos, quando comumente havia visitas com intensas cantarias. Em uma dada época, as pessoas juntavam inúmeros gêneros alimentícios, conhecidos como prendas, e nesse dia reuniam-se todos em uma casa para rezar e ceiar as prendas conseguidas. Os nortistas que estavam na região também organizavam sua festa no dia de Reis, em que se via além da ceia, da reza e das cantorias, uma espécie de brincadeira de *Pastorinhas*, “Onde os admiradores das pastorinhas, tomavam dois partidos, torcendo uns para o cordão azul, e outros para o cordão encarnado”. (MENDONÇA, 1991, p.342)

‘Os Santos Reis’ começava logo após o Natal, com uma novena, e envolvia toda a comunidade. Os devotos percorriam as casas da cidade, cantando músicas relativas a Santos Reis, ou música repentista. ‘Os cantores, ou contadores ou tocadores de viola, violão, cavaquinho, vestiam-se com suas melhores roupas e também a caráter. Seus instrumentos musicais eram ornados ou decorados com fitas de seda, fartamente, e coloridas, bem coloridas para acentuar este evento’. Os dias intercalados entre o Natal e

Reis eram coloridos, movimentados e sonoros. Os tocadores e festeiros ‘iam de porta em porta, casas de comércio ou de família, onde sabiam que seriam bem recebidos e iriam ganhar prenda’. Arrecadavam dinheiro ou carnes de frango, leitão, carneiro, gado. O 6 de janeiro era mais um dos dias de comilança e encerrava o ciclo natalino. (p.343)

Ainda sobre a festa de Reis, Mendonça lembra que na zona rural e suburbana, a festa se concentrava em três dias, período em que se passava o dia rezando e a noite festejando (1991 p.343).

Apesar de evidenciar elementos para a compreensão desta festa de Reis, Mendonça alega que: “Em Três Lagoas, estes festejos desapareceram no início da década de 60” (1991, p.344). Em confronto com essa afirmativa, um dos objetivos desta dissertação é mostrar que o ato de festejar aos Magos nunca deixou de existir na cidade, como nos relata Sr. Castilho²¹, mestre da Companhia de Reis “Os Castilhos”, ao nos dizer que sua Companhia existe há 46 anos, sendo que sua origem remonta ao ano de 1960. Outras Companhias também muito antigas na cidade, como a Companhia de Reis “Estrela da Guia” e “Estrela Divina”, afirmam ter entre 36 e 40 anos de existência.

Entendemos que, provavelmente, o que levou a pesquisadora a apontar o fim desta festa de devoção popular relaciona-se à sua teia de informantes orais, constituída por pessoas da elite que buscavam estas festas do passado em sua memória, e possivelmente no momento de relembrar não se encontravam mais inseridas no universo de devoção popular. Isto, provavelmente, se explica ainda em razão das fontes impressas que seguramente foram relegando tais festas ao esquecimento.

Tomando isso como a resposta para a idéia de desaparecimento, torna-se possível entender tal afirmativa, tendo em vista que é perceptível que as Folias de Reis hoje em Três Lagoas vivem em bairros periféricos da cidade, como Vila Haro, Paranapungá, Guanabara e Vila Nova, e não se constitui como uma festa tradicional da cidade²². Ela existe e persiste, não mais com as mesmas características apontadas por Mendonça (1991), o que nos remete então à discussão de circularidade e dinâmica cultural.

²¹ ENTREVISTA Waldemar, 2006.

²² Percebe-se a partir da leitura de festas de Folia de Reis em outras regiões, que tais comemorações fazem parte do calendário oficial cristão ou municipal. Isso foi sentido em Três Lagoas neste ano, quando houve a participação da prefeitura municipal na organização tanto da festa de alguns grupos no final do ano, quanto no Encontro de Bandeiras.

A partir da idéia apresentada sobre o modo de atuação das Folias de Reis em Três Lagoas no período de 1915 a 1945 e compreendendo que elas não deixaram de ser realizadas após 1960, prosseguimos na análise do universo das Folias de Reis e de seus devotos no tempo presente.

Ao percorrermos os caminhos das Folias de Reis na cidade de Três Lagoas, observamos que há um grande número de devotos de Santos Reis que, como já relatado, costumam residir em bairros periféricos e também em zonas rurais, o que nos permite novamente dizer que elas se encontravam escondidas pelos *cantos* da cidade, levando muitos a acreditar que haviam mesmo se extinguido. Mas, como ainda discutiremos melhor, elas vêm sendo *encontradas e levadas* aos centros e praças para apresentações. Já se ouve alguns saudosos pela cidade utilizarem a expressão re-surgimento das Folias de Reis, mas na verdade esses sujeitos encontram-se, na maioria das vezes, envolvidos desde a infância com as Folias de Reis.

Como na maior parte do Brasil, as Folias de Reis nesse município iniciam anualmente no período de 24 de dezembro a 06 de janeiro²³. Também é comum haver Companhias que prolongam suas festividades até o dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião. Em Três Lagoas foi verificado que apenas uma Companhia também comemora São Sebastião: trata-se da Companhia “São Paulo”.

Conforme Couto e Castro que analisaram as Folias de Reis no Rio de Janeiro, onde é mais comum a devoção a São Sebastião:

Há, assim, duas fases da jornada. A primeira, a dos Reis, que vai até o dia 6 de janeiro, assinala-se pela presença dos Magos na *bandeira*, o estandarte da folia. A segunda, do dia 7 em diante, exige o acréscimo de uma estampa de São Sebastião ao lado da dos Magos. Os cânticos da folia, são às vezes diversos em cada fase, aproveitando os mestres, na primeira os motivos bíblicos da Adoração, da Visita dos Reis, da Fuga para o Egito, etc., e, na segunda, de acordo com a tradição católica popular, tocada pelas concepções correntes nas macumbas cariocas, os padecimentos de São Sebastião. (1977, p.03)

Como esse fato foi observado em apenas uma Companhia da cidade de Três Lagoas, vamos nos limitar a compreensão da devoção em torno dos Reis Magos.

²³ Para alguns grupos é obrigatório que a festa seja feita exatamente no dia 06, enquanto que para outros não precisa necessariamente ser neste dia.

Não pretendemos apontar o número exato de companhias existentes na cidade, o que descobrimos a partir dos anos de pesquisa é que existem pelo menos nove grupos, o que não significa que eles atuem todos os anos ao mesmo tempo²⁴. Para ilustrar esta questão segue abaixo uma relação de Companhias em atuação no ano de 2006, com informações variadas, colhidas com integrantes de diversos dos grupos:

1- Companhia de Reis “**Estrela da Guia**”

Mestre: Miguel Alves dos Santos

Toada: mineira

Tempo: aproximadamente 36 anos

Número de integrantes: Número variável, sempre em torno de 10 ou 12

Bairro: Vila Nova

2- Companhia de Reis “**Grupo Especial Os Castilhos**”

Mestre Valdemar Martins Castilho

Toada: mineira/paulista

Tempo: aproximadamente 46 anos

Número de integrantes: 12

Endereço: Paranapungá

3- Companhia de Reis “**Unidos de Três Lagoas**”

Mestre: Valdeci Rosa

Toada: baiana

Tempo: a Companhia não soube informar

Número de integrantes: aproximadamente de 10 integrantes.

²⁴ O mapeamento destas Companhias ocorreu da seguinte maneira: tomando um primeiro contato com um determinado grupo, este acabava por nos levar a outro e assim sucessivamente, todavia este processo revelou-nos apenas cinco Companhias da cidade. Outro fator importante, para esta atividade foi o mapeamento feito pela prefeitura municipal que contava também com cinco grupos de Folia de Reis. Na soma destes dois registros, chegou-se ao número de oito grupos, que no último Encontro de Bandeiras do Município, mostrou ser com quase total certeza o número exato de Companhias existentes no momento.

Endereço: Vila Guanabara

4- Companhia de Reis “**Estrela Divina**”

Mestre: Chiquinho

Toada: mineira

Tempo: 36 anos

Número de integrantes: a Companhia não soube informar

Endereço: Vila Haro

5- Companhia de Reis “**Estrela do Oriente**”

Mestre: Joaquim Alves

Toada: mineira

Tempo: a companhia não soube informar

Número de Integrantes: a Companhia não soube informar

Endereço: Vila Alegre

6- Companhia de Reis “**Estrela de Belém**”

Mestre: Roberto Carlos

Toada: mineira

Tempo: a Companhia não soube informar

Número de Integrantes: aproximadamente 08 integrantes

Endereço: Vila Alegre

7- Companhia de Reis “**Estrela da Guia**”

Mestre: Francisco Lima

Toada: mineira

Tempo: aproximadamente 40 anos

Número de Integrantes: a Companhia não soube informar

Endereço: Sítio da Placa (estrada Ilha Cumprida)

8- Companhia de Reis “**São Miguel**”

Mestre: Miguel José

Toada: baiana

Tempo: a Companhia não soube informar

Numero de Integrantes: a Companhia não soube informar

Endereço: Vila Haro

9- Companhia de Reis “**São Paulo**”

Mestre: Paulo Gonçalves

Toada: baiana

Tempo: a Companhia não soube informar

Numero de Integrantes: aproximadamente 12 pessoas.

Endereço: Paranapungá

É importante salientar que este número é bastante mutável, podendo surgir novos grupos e desaparecerem outros, assim como também ocorrer à fusão de Companhias.

Em Três Lagoas observa-se uma certa insatisfação de determinados grupos em relação aos demais, sentida principalmente pela queixa de que os grupos não buscam a criação de elos entre si. Percebemos que é a mesma lamentação feita por vários grupos, o que nos leva a entender que se não existe uma rivalidade declarada entre as Companhias, ela existe nas entrelinhas, mas de maneira muito sutil, de modo que talvez nem mesmo essas pessoas sejam capazes de notá-la. Mas esta rivalidade, como um elemento cultural, por sua vez é ambíguo e polissêmico, pois é comum ver integrantes de um determinado grupo participando da festa do outro, quando elas ocorrem em datas diferentes. Desta forma, ao longo da pesquisa participando das Folias de Reis, percebemos que com a mesma animação que um folião

empresta seu instrumento e participa da Companhia que não é a sua, chegam também a nos relatar algumas insatisfações quanto a uma suposta desorganização do outro grupo, apontando sempre sua Companhia como a melhor, e sua festa como a que teve o maior número de visitantes.

Essa questão é apreendida não apenas nas falas, mas também no *Encontro de Bandeira*²⁵ que costuma acontecer anualmente, mas que também não tem regularidade, pois depende da obtenção de patrocínios e de outros recursos financeiros.

2.2 A jornada das Folias de Reis em Três Lagoas

Mesmo tendo percorrido teoricamente algumas características gerais das Folias de Reis pelo Brasil, é necessário que esta base sirva como suporte para pensarmos no caso da cidade de Três Lagoas, sem fazer desta uma *camisa-de-força*, ou seja, pretendemos entender as Folias três-lagoenses como parte única, dinâmica e polissêmica desta manifestação nacional. É neste sentido que Ginzburg (1989) aponta a possibilidade de fazermos uma leitura interpretativa da história, um diálogo com os métodos dados pelo paradigma indiciário, para ir além das superfícies.

Ao estudar as Folias de Reis em Três Lagoas é preciso pensar em suas particularidades, e enxergarmos além das suas características gerais, ou seja, o que pretendemos então é mostrar que mesmo sendo festas de cunho religioso em que o objetivo é rememorar a jornada dos Reis Magos, os indícios não são os mesmos. Os caminhos e as práticas adotadas variam em cada região, e estão ligados aos intercâmbios e re-significações culturais dos locais em que são vivenciados.

Tendo em vista que as Companhias de Reis continuam presentes na cidade, vamos então refletir sobre suas formas de existência, buscando perceber os significados que a jornada propicia às experiências do sistema simbólico religioso no qual os devotos se inserem.

²⁵ Caberá ainda neste capítulo discutir o que é exatamente o Encontro de Bandeiras da cidade de Três Lagoas.

Para Moraes, no universo simbólico das práticas e rituais religiosos “cada coisa ou cada personagem tem o seu lugar e sua importância predeterminados” (2000, p.89). Desta forma, buscamos discorrer sobre a maioria dos detalhes que pudemos apreender ao longo da pesquisa, permitindo uma maior compreensão deste sistema simbólico.

As Companhias de Reis em Três Lagoas costumam peregrinar pelas casas amigas, com suas vestimentas e seus instrumentos perfeitamente caracterizados e acompanhados por dois ou três palhaços.

Como já foi dito, é costumeiro que as Folias de Reis façam sua “saída” no dia 24 de dezembro, e que o local de saída seja a moradia do mestre da Companhia. A casa de “saída” significa o lugar de origem dos Reis Magos, o local onde esses homens foram avisados do nascimento do Messias e iniciaram a jornada de encontro ao Menino Jesus.

A “saída” marca o início oficial da jornada, mas, na maioria das vezes, os devotos, organizados em Companhias iniciam suas atividades com antecedência a partir dos ensaios, da organização das visitas, dentre outras necessidades. Um exemplo é a preparação para que algumas pessoas tenham acesso a Bandeira durante um certo período, normalmente de um dia, o que as possibilita pagarem suas promessas pessoais sem necessariamente terem que fazer parte da Companhia. A “saída” marca, pois, oficialmente o início da jornada dos reizeros, e caracteriza-se o um período em que o sagrado passa a viver cotidianamente em suas vidas.

Na época de visitação, as Companhias entram nas casas que as aceitam, e cantam pedindo a proteção dos Reis Magos para a família. Após os cantos e as dézimas -louvações- é comum que o dono da casa leve a Bandeira por todos os cômodos para que esta o abençoe. Pode haver *batizados* ou *benção* às pessoas doentes. A respeito da visitação Castro e Couto ressaltam:

A folia presta homenagem aos amigos, levando a sua bandeira e os seus foliões a visitá-los em casa. Feitos os entendimentos necessários, a folia penetra na habitação, tendo à frente a bandeira, mas deixando de fora os palhaços. Os alferes posta-se a um canto da sala, com a bandeira voltada para os foliões, se a casa não dispõe de oratório, [...] O costume exige que se cante três vezes, pelo menos, em cada casa- a chegada, em que se declara a intenção da jornada, a de anunciar [...] uma *profecia*, geralmente a *Adoração*. [...] e o *agradecimento*. (1977, p.04)

Da mesma forma, na cidade de Três Lagoas, a visitação trata-se muitas vezes de um momento de confraternização entre amigos. E, para os devotos, este é um dos momentos mais especiais de todo o *drama litúrgico*, pois além de poderem divulgar sua “Bandeira”, eles também entendem que estão levando um pouco da proteção dos próprios Reis Magos para esses lares. Assim, como é percebido em outras manifestações de religiosidade popular:

É sobre os foliões do Divino que recai a responsabilidade de levar as bênçãos aos devotos, seja nas visitas às suas casas, seja nas ruas por onde passam. Nos diversos momentos em que se apresentam, os foliões estão revestidos do poder que lhes é conferido pelo Divino. (MORAES, 2000, p.95)

Este período de visitação não é feito ao acaso, já que as casas são previamente escolhidas. Castro e Couto destacam que as folias se movimentam sempre com as casas já determinadas (1997, p.05), costume esse percebido também em Três Lagoas, em especial, nos dias atuais, pois cada vez é menor o número de pessoas que aceita a entrada da Folia em seu lar sem a conhecer previamente.

Esta escolha prévia do caminho e casas a percorrer gera, muitas vezes, uma outra forma de devoção e promessa, pois percebe-se que muitos devotos têm a acolhida em seus lares como uma obrigação com o santo, sendo, muitas vezes esta a promessa a cumprir. Nestas casas, os rituais acontecem de maneira mais fluída, pois já existe o elemento de tradicionalidade²⁶. “Os rituais não são questionados: participa-se deles, ou não. Na medida que se participa deles também são aceitas as regras simbolicamente expostas” (MORAES, 2000, p.89). Conforme Moraes, ao estudar a festa do Divino, nessas visitas encenam “para si próprios, para os que estavam assistindo do lado de dentro, assim como para os que estavam do lado de fora da casa” (p. 93).

Brandão pontua que além de se estabelecer a priori as casas onde a Bandeira irá passar, os devotos ainda observam algumas tradições, pois em Mossâmedes-GO “A jornada deve ser cumprida de tal forma que comece pelo Leste (Oriente) e termine a Oeste (Belém)” (2004, p.350). Em Três Lagoas, o que se observa é que a Bandeira não costuma fazer o caminho de volta. Conforme Sr. Castilho:

²⁶ Como exemplo, é comum que as Companhias de Reis da cidade de Três Lagoas encontrem os presépios armados em diversas casas por onde passam. Em várias destas casas nas quais já existe a tradição de entrar para se *cantar os Reis*, os presépios montados são decorados à maneira daqueles encontrados na casa onde se faz a festa da *chegada*.

Se a gente passou naquela rua e depois o dono da casa pede pra gente voltar pra poder entrar na casa dele, a gente explica que não pode voltar e fala: ‘Ano que vem põe uma flor vermelha no portão ou estende uma Bandeira Santa que então a gente já fica sabendo que é pra passar lá’.²⁷

Conforme o relato dos próprios devotos, o que justifica o não retorno a uma rua já visitada é o fato de que os Reis Magos permaneceram sempre seguindo em frente. Retomando um trecho do Evangelho de São Mateus apontamos um dos motivos pelo qual não voltam pelo mesmo caminho: “Avisados em sonho de não retornarem a Herodes, voltaram para sua terra natal por outro caminho” (Cap. 2, Vs. 12). Dessa forma, diante da necessidade simbólica de seguir fielmente os passos dos Reis Magos, os devotos fazem um “giro”, de modo que mesmo saindo e voltando para a mesma casa, esta jornada se dê em círculo, possibilitando que eles nunca passem duas vezes na mesma rua.

É necessário, no entanto, lembrarmos que a cultura é dinâmica e está sempre se resignificando, de forma que várias vezes os sujeitos criam estratégias para um melhor aproveitamento de suas práticas. Por exemplo, se a casa que pede a Bandeira não for muito longe, a Bandeira volta de costas, o que fica posto que ela não voltou, apenas percorreu o caminho de marcha-ré.

Outra prática que se tornou bastante habitual é escolher locais para que a Bandeira *faça pouso*, ou seja, como na cidade os devotos voltam para seus lares após o dia de visitação, costumam deixar a Bandeira em uma casa conhecida e no outro dia continuam de lá o giro. Assim, conseguem manter a tradição de não fazer a Bandeira voltar, bem como permitem às pessoas não ligadas à Companhia, uma maior proximidade e intimidade com o objeto considerado sagrado²⁸.

O período de visitação é um tempo de profundas manifestações religiosas para os devotos. É interessante como estes sujeitos dispõem seu tempo para realização da mesma. A maioria das Companhias costuma sair diariamente durante a temporada, sempre com muita disposição e alegria, podendo a visitação chegar até mesmo a durar um dia inteiro.

²⁷ ENTREVISTA Waldemar, 2006.

²⁸ Em algumas ocasiões a pessoa que recebe a Bandeira para *pouso* oferece um generoso jantar aos devotos, que em agradecimento rezam um terço. Esta prática lembra a festa do dia 06 de janeiro. Também   possível que algumas capelas e centros espíritas permitam o repouso em seus templos.



Figura 1: Companhia Especial “Os Castilhos” em visitação as casas. Produzida por Wagner Barbosa dos Santos em 30/12/2006

Esta motivação mostra-se ainda mais forte quando os integrantes das Companhias sentem-se reconhecidos pelos santos e pela comunidade. No entanto, conforme o relato da maioria destes devotos, o reconhecimento social é o mais difícil de acontecer.

Na festa do Grupo “Os Castilhos” em 06 de Janeiro de 2007, já na casa de chegada diante do presépio, o Mestre “Castilho” antes da realização do terço, pediu que os presentes o ouvissem por alguns minutos, e então, apontando para a casa de um de seus companheiros, citou a profissão exercida por eles. Logo após, em tom de desabafo, falou sobre as variadas pessoas que os julgam como bandidos ou vagabundos. Em outros momentos, o mestre voltou ao assunto, dizendo que era com muito pesar que ele via as pessoas negarem a entrada em seus lares por achar que se tratam de desordeiros e desempregados.

O que percebemos ao longo do contato com estes devotos é uma escolha, consciente, na maioria das vezes, pelo mercado de trabalho informal que permite suas ausências nos períodos festivos. Esta afirmativa encontra respaldo nos seguintes relatos:

Eu trabalho na Prefeitura já tem uns anos, né? Tô quase aposentado lá. E eu gosto muito do trabalho porque eu posso sair nas reisadas todo ano. É que eu fico de folga e aí, a gente vai se organizando e vai dando pra continuar na peleja todo ano. Mas tem gente aí que eu conheço que o patrão não libera

não. Aí é negócio de ter que escolher entre largar o emprego ou a Bandeira, tem gente que larga um, tem gente que larga outro²⁹.

Eu gosto mesmo é de trabalhar como servente de pedreiro, porque aí quando eu quero sair com a Companhia, é só eu não ir trabalhar. Ano passado eu arrumei serviço na fábrica, eu tava até gostando, o dinheiro era bom, mas não dava pra sair, né? Eu falei pro patrão me deixar sair pra pagar minha promessa ... mas eu nem tava com promessa, mesmo ... e ele disse que não, ele disse assim: 'Se sair vai pro olho da rua'. Aí, eu fiquei lá, trabalhando, e uns dois mês depois eu fui mandado embora, né? Me diz, que adiantou? Falhei com os Reis e eles falharam comigo. Nunca mais eu deixo de sair com a Bandeira³⁰.

Nas visitas é prática da Companhia pedir *prendas*³¹ nas casas que a recebe. Essas doações, em dinheiro ou mantimento, são usadas na festa do dia 06, também chamada de a “chegada”. Conforme Sr Castilho “você mesmo vai comer o que nos deu”³², pois é comum os devotos convidarem a família que os receberam para a festa que será realizada em homenagem aos Três Reis Magos, e desta forma, todo o mantimento que eles ganham acaba sendo utilizado para o jantar oferecido a todos que estiverem presentes nesta data.

Alguns grupos contam com veículos para sua locomoção, pois nem sempre as visitas ocorrem em casas próximas, outros percorrem todo o trajeto a pé, o que os leva a visitar um número menor de casas, e como consequência angariar menos prendas. Tais características vão definindo também a forma como a sociedade passa a interagir com estas Companhias. Um exemplo disso é o que vemos na foto da “Companhia Estrela da Guia” do mestre Francisco Lima, considerada uma das mais tradicionais, que por contar com alguns veículos para a visitação consegue organizar uma festa melhor com maior variedade e quantidade de alimentos. Em conversa informal com alguns dos devotos da foto abaixo, ficamos sabendo que após a visita a uma casa central da cidade, iriam para um bairro mais afastado e logo após, levariam a Bandeira para fazer pouso em um sítio da região. Esta possibilidade só se torna possível pela presença dos veículos de locomoção.

²⁹ ENTREVISTA Miguel Alves dos Santos, 2006.

³⁰ ENTREVISTA Osmar Genuário da Silva, 2001

³¹ A maioria das Companhias canta pedindo a ajuda para a festa do dia 06, porém ocorre também com frequência de esta ser uma obrigação do palhaço que pede de forma divertida não apenas a prenda, como também um *trocado* para eles próprios.

³² ENTREVISTA Waldemar Castilho, 2007



Figura 2: Companhia “Estrela da Guia” do mestre Francisco Lima, no centro de Três Lagoas, após a visitação à casa de um fazendeiro da cidade. Produzida por Wagner Barbosa dos Santos em 28/12/2006.

O veículo permite também que estas Companhias de características urbanas percorram algumas fazendas da região, que costumam oferecer ótimas *prendas*, como vacas e leitoas, além de fazerem o pouso na fazenda onde recebem um jantar especial.

Contudo, como a maioria das Companhias costuma fazer seu percurso todo a pé, elas ficam limitadas apenas à região onde moram, sendo possível ser esta a justificativa para que muitas pessoas na cidade apontem a inexistência de Companhias de Reis na atualidade.

Nos bairros que os devotos costumam passar é comum que os moradores locais digam que *ainda não ouviram a Folia passar*. Ainda em direção às semelhanças com a Festa do Divino, concordamos com Côrtes ao salientar que: “Ouvido, como é, de longe, o toque do tambor, a família movimentava-se para receber a visita da ‘comitiva’. No terreiro da casa, o proprietário recebe, do ‘percurador’, a bandeira e a entrega a sua esposa”. (1983, p.47)

Quando finda a jornada, é momento para se fazer a “chegada”, que costuma acontecer na casa do mestre ou do organizador da festa, que não precisa necessariamente ser integrante da Folia. Porém, a casa de chegada é a mesma de onde partiram. Segundo Miguel, integrante da Companhia Estrela da Guia, no momento em que os devotos saem da casa, ela representa o local onde viviam os Reis Magos. Depois de sua longa jornada, o regresso à casa a transforma no local onde foi encontrado o Menino-Jesus. Assim, a festa representa a alegria

de lembrar o nascimento de Cristo³³. Essa representação é comum em quase todas as regiões do país.



Figura 3: Companhia “Os Castilhos”. Foto divulgada pelo site www.perfilnews.com.br em 06 de Janeiro de 2007

A casa logo cedo é enfeitada com bandeirinhas novas e o presépio, normalmente armado desde o dia 24 de dezembro, ganha um novo tratamento, com flores, velas, piscas-piscas, etc. Na foto acima, produzida por um site de notícias local, vemos a organização do jantar. Conforme a matéria:

Integrantes da Companhia ‘Os Castilho’ começaram cedo os preparativos para a festa alusiva ao Dia de Reis [...] e que ocorrerá no dia 6 de janeiro. As comemorações neste sábado (06), terão início por volta das 18 horas com a chegada da bandeira na casa de Valdemar Martins Castilho, líder do grupo, no bairro Parapungá. Na sequência, haverá o terço de Santo Reis e um jantar que será preparado com ingredientes doados pela comunidade. ‘Alguns trazem arroz, carne, frango, dinheiro e o resto a gente completa’, diz Castilho, que espera mais de 500 pessoas para o evento, que realiza desde 1964. Aberto à toda comunidade, o jantar terá arroz, macarrão com carne moída e carne com batata. Após o jantar, haverá baile com animação de Catatau Som. (PERFILNEWS, 2007)

³³ ENTREVISTA Miguel Alves dos Santos, 2001.

Percebemos que os rituais se iniciam antes da chegada da Bandeira, mas é somente com a presença desta que a missão começa a ser vista como cumprida.

Na chegada à casa há a passagem dos três arcos. Segundo Anain Alves de Souza, o primeiro arco simboliza o portão de Belém por onde os Reis Magos passaram; já o segundo arco representa a entrada ao local onde estava o Menino-Jesus; o terceiro arco, por sua vez é a representação da manjedoura onde o encontraram³⁴. Esta passagem pelos arcos é bastante demorada, com rituais igualmente complexos, pois os devotos cantam diversas músicas em cada um dos arcos e fazem inúmeras evoluções. Entre essas evoluções destaca-se a *meia-lua* que será discutida mais adiante.

É comum ainda que algumas Companhias de Reis, em determinadas situações, façam a *passagem da coroa*. Esta é uma prática costumeira quando um festeiro cumpre sua promessa e deseja passar a tarefa de montar a Companhia para outro.

Conforme a foto abaixo, foi observado também que alguns grupos fazem uma encenação no último arco, onde aparecem *soldados* que tentam impedir os devotos de entregar a Bandeira à rainha da festa – normalmente uma criança – momento em que há o espaço para algazarras e imitação de lutas entre os *soldados* e os *palhaços*. A foto nos permite perceber ainda como é dado este contato do público que prestigia a festa, estando, a maioria presente desde o início dos rituais.



Figura 4: Companhia “Estrela da Guia”. Produzida por Luciana Aparecida de Souza Mendes, no dia 06 de janeiro de 2006.

³⁴ ENTREVISTA Anain Alves de Souza, 2003.

Na chegada, ao lugar da festa encontra-se o presépio montado, onde se verifica na maioria das Companhias não apenas a sagrada-família e os Reis Magos, mas uma série de outros santos, além de muitas fitas, luzes e brilhos. Os devotos aproximam-se do presépio, cantando músicas, em especial de adoração, e alguns se ajoelham. É costume que os palhaços, nesse momento específico, fiquem à frente do grupo ajoelhados e já sem as máscaras. Há a reza do terço, “puxado” por um membro da Companhia ou por algum convidado que os devotos julgam importante. Os demais presentes, devotos e convidados, acompanham o terço com muita seriedade. Após a reza pode haver ainda mais canções. Também há o momento das dézimas, que são louvações recitadas, feitas pelos integrantes do grupo. Eis o exemplo mais comum, proferido inúmeras vezes, por diversas Companhias:

Viva Deus primeiramente!
Viva os três do Oriente!
Viva todos que estão aqui!
Viva todos Folião!
Viva a Bandeira daqui!
Viva o Santo dali!
Viva o patrão e família!
E viva eu e meu irmão!³⁵

Entendemos que o terço é provavelmente o momento final dos atos religiosos, mas não seria correto dizer que com ele se encerra o lado sagrado e inicia-se o profano, pois mesmo sendo de fácil observação que após esse momento a festa carrega-se de características mais “mundanas”, com as quais todos estão mais acostumados; o sagrado também está presente na ceia que a Companhia conseguiu organizar para todos os convidados.

Diante de tantos relatos acerca da dificuldade de organizar a festa, principalmente em referência às poucas prendas que angariam, há também os que contam, como é satisfatório poder ver que tudo deu certo e que ao final todos os presentes conseguiram se alimentar³⁶.

³⁵ ENTREVISTA Osmar Genuário da Silva, 2001. A dézima apresentada costuma ser a mais comum, sendo invocada em vários momentos ao longo de toda a jornada.

³⁶ Esta satisfação também foi observada nas festas do dia seis, em que o mestre sempre comentava alegremente com a pesquisadora que era mais um ano de promessa cumprida, uma vez que oferecer a ceia também costuma fazer parte da obrigação.

2.3 A festa e o sagrado banquete do dia seis

Tendo por referência as novas abordagens e os novos problemas que se somaram no espaço de produção da história, analisar a movimentação dos homens e mulheres em torno das festas é uma maneira *a mais* de se entender seu mundo sócio-cultural. E neste caso permite-nos entender também o mundo religioso dos sujeitos envolvidos, pois a festa pode configurar-se como “lugar quase sagrado da tradição e da permanência”, porém ela não é a constituição de um espaço que serviria como um “repositório da continuidade” (CUNHA, 2005, p.11). Devemos buscar mais que continuidades, precisamos visitá-la com nosso olhar de historiadores como local de lutas e desafios simbólicos à forma como a vida se organiza socialmente, com uma “pluralidade de sentidos simultâneos” (p.20). É nesta direção que Sigrist convida a pensá-la:

Vistas como um aspecto da cultura, as festas podem ser interpretadas como uma compensação simbólica das insatisfações econômicas, políticas, religiosas, quando o povo, não importando a que classe pertença, impõe uma ordem de poderes por meio da organização cerimonial e, às vezes, demonstra as contradições da sociedade. (2000, p.47)

É esta é a proposta de Cunha, ver a festa por suas *frestas*, espiando “uma rica miríade de práticas, linguagens e costumes, desvendar disputas em torno de seus significados, e sentir as tensões latentes sobre as formas lúdicas” (2005, p.12). As festividades, segundo Bakhtin, exprimem uma “concepção de mundo” (1993, p.06), e continua o autor: “a festa convertia-se na forma de que se revestia a segunda vida do povo, o qual penetrava temporariamente no reino utópico da universalidade, liberdade, igualdade e abundância” (p.8).

As festas de caráter religioso vêm em concordância com estes apontamentos. “O calendário de cada cidade e de cada povo está salpicado de festas regidas por um santo ou uma imagem da Virgem ou de Jesus Cristo, que é festejado com devoção e regularidade. Os bairros e os grêmios também têm suas festas”. (PAKER, 1996, p.162)

As Folias de Reis fazem festa do sagrado, transformam a fé e a penitência em um momento festivo. Para Ferreira “toda festa tem dimensão religiosa. É a negação do destino

obsuro, da cotidianidade chã, é uma brecha de eternidade (mesmo implicando bastidores e cotidiano) que nos toca”. (2004, p.361)

Neste sentido, Higuete afirma que “o catolicismo popular é, sobretudo festivo”, sobre o qual podemos incluir as diferentes manifestações, pois para o autor “a ação festiva é narrativa: é a comemoração repetida do santo que tem feições heróicas e transformadoras”. (p.24)

Souto, ao estudar a Festança de São Gonçalo do Amarante no Vale do São Francisco aponta que:

[...] as festas são representações que significam a presença da coisa ausente, no caso *São Gonçalo de Amarante*, produzida pelos signos da fé, da performance e da cura. É um dispositivo que produz uma aparência, uma *imitatio*. Percebe-se, então, que o termo *representação* aplicado à *Festança de São Gonçalo* significa um processo mimético substancial, coletivo e anônimo, de produção simbólica. O signo da fé é uma presença efetuada no Vale do São Francisco. (2004, p.392)

Da mesma forma, ao estudarmos as Folias de Reis em Três Lagoas estamos diante de uma produção simbólica com sentido sagrado. Esta representação e produção simbólica é importante para o pesquisador, tendo em vista que para os sujeitos que vivenciam a experiência de se relacionar festivamente com o sagrado; os santos, a graça e a cura tornam-se presentes. Estes elementos é que principalmente são festejados.

Esta condição é percebida em inúmeros relatos orais, senão em todos. Existe assim para os devotos o espaço configurado para as representações, como os Arcos que representam lugares onde os Magos passaram, o que se configura como concreto - a presença da graça é um dos exemplos mais nobres.

Numa pesquisa como esta é importante que o pesquisador viva a festa de modo a presenciar e compartilhar o espaço onde se encontra. É preciso estar também em festa no momento da festa, desse modo conseguirá perceber uma série de possibilidades que apenas os relatos posteriores a elas não dariam conta.

Fundamental então é entender como se configura o espaço e o tempo da festa. Conforme Bakhtin, “o tempo das festas é o *tempo alegre*” (1993, p.191), desta forma, mesmo com a pluralidade de sentidos que a festa pode ter ao olharmos por suas frestas, é sempre a

alegria que primeiramente atrai nossos olhares. Neste sentido, é preciso enxergar a forma como os preparativos passam a constituir a *festa*. Percebemos que, para o olhar histórico, é necessário vislumbrar também a organização da festa; o jeito pelo qual é inserida no cotidiano dos sujeitos. Este *tempo alegre* nas festas de religiosidade popular, segundo Paker, transforma-se em “um fantasiar com a ‘festa no céu’, na qual não há ricos nem pobres, lágrimas nem pranto” (1996, p.164). Analisando as festas natalinas em Três Lagoas podemos observar a transferência do cotidiano festivo para a realidade doméstica, a partir das considerações de Mendonça:

As broas eram preparadas com uma ou duas semanas de antecedência, colocadas em sacos de farinha de trigo e guardadas em um suporte de madeira, junto ao teto do rancho. Na medida que lhes sobrava o tempo da rotina diária, dedicavam-se ao preparo das broas. Esse tempo gasto nas horas de folga, já era em si, o tempo da festa. Festa é uma questão de espírito, repetindo Vovelle. (1991, p.339)

Este ritual permite pensar o espaço da festa das Folias de Reis, que se organiza aos poucos, tanto com o próprio ensaio das músicas, da organização dos instrumentos e das roupas, como quando já próximo ao dia 6, momento próprio da festa. Sempre que se procurou a casa de um mestre de Folia de Reis, com dois ou três dias de antecedência à festa, já era possível notar como o cotidiano daquele lar estava visivelmente transformado. Muitas pessoas pela casa, crianças confeccionando bandeirolas, tocadores sentados em grupos por cantos da casa e quintal, pessoas matando porcos e galinhas, bem como outras práticas que envolviam a festa, revelando o espírito festivo do qual o devoto já estava revestido. Sobre os rituais, Geertz pontua que:

É no ritual – isto é, no comportamento consagrado - que se origina, de alguma forma, essa convicção de que as concepções religiosas são verídicas e de que as diretivas religiosas são corretas. E em alguma espécie de forma cerimonial – ainda que essa forma nada mais seja que a recitação de um mito, a consulta a um oráculo ou a decoração de um túmulo - que as disposições e motivações induzidas pelos símbolos sagrados nos homens e as concepções gerais da ordem da existência que eles formulam para os homens se encontram e se reforçam uma às outras. (1989, p.128)

Usamos o espaço da festa para refletir a respeito dos rituais, entretanto, é necessário saber que as manifestações ritualísticas estão presentes até mesmo antes do início da jornada. Como diz o autor “num ritual, o mundo vivido e o mundo imaginado fundem-se sob a mediação de um único conjunto de formas simbólicas” (p.129). Todos os ritos, práticas e representações simbólicas envolvidas no ato de festejar os Reis Magos traduzem a “visão de mundo”, além do tom, o caráter e a qualidade de vida destes sujeitos (GEERTZ, 1989,p.103). Paker, neste mesmo caminho aponta que “na vida cotidiana do povo, o ritual religioso adquire um sentido sempre jubiloso”, assim adquire este contorno festivo, e a festa para o autor “é uma condensação de rituais não cotidianos que transformam o viver diário e introduzem simbolicamente um novo mundo”. (1996, p.163)

Este contorno festivo é visto na abundância de elementos que vão colorindo o local preparando-o para o sagrado. Para Pereira “na festa dos Santos Reis, toda carência material e precariedade são negadas”, a fartura de comida e alegria deixa para estes devotos a clara idéia de que um outro modelo de sociedade é possível, “a festa é um ato de produção de vida”.(2007, p.65)

Sobre a relação das Folias de Reis com a festa, esta acontece devido a necessidade que os devotos têm de pagarem suas promessas aos Reis Magos, o que é muito comum na maneira de devoção do povo brasileiro – em especial no que tange à religiosidade popular, ou seja, que a festa se torne uma das principais maneiras de se pagar as promessas ou de entrar em contato com o mundo sagrado.

Souza ao analisar a festa de São João em Cuiabá salienta:

As comemorações de São João não tinham uma dimensão institucional, oficial, uma vez que partiam da iniciativa das pessoas que faziam promessas, os chamados festeiros. Assim, aconteciam tantas procissões e festas quanto o número de festeiros, de pessoas dispostas a promovê-las. [...] A casa do festeiro era o centro das comemorações: da novena, do mastro, da reza, da fogueira, da música, dos comes e bebes, do baile, das diversões. Constituíam-se no local significativo da festa, pois transformava-se em centro de uma sociabilidade mais ampla. Momento em que os participantes reafirmavam seus laços de família, a afeição para com os amigos e nexos interpessoais, além de criar oportunidades para novos contatos sociais, ampliar o grupo de pessoas que conheciam. (2001, p.269)

Essa é ainda uma característica das festas de religiosidade popular: “Fé com festa: o corpo inteiro significando, a expressão da beleza multiplicada por tantos pés, mãos e gargantas”. (DIAS, 2004, p.124)

Contudo, é cada vez mais comum que essas festas sejam espetacularizadas, e passem a fazer parte o calendário oficial, tanto o municipal quanto do religioso. Em Três Lagoas, porém, tais festas ainda ocorrem pelos bairros, e não há uma quantidade estabelecida, já que essa conta depende do número de Companhias que saíram naquele ano. É válido lembrar que algumas podem fazer sua festa antes ou depois do dia 06 de Janeiro por motivos diversos, mas é nesta data que a maioria é realizada ocasionando, aliás, um espírito de competição entre as Companhias que buscam fazer de sua festa a melhor de todas.

Souza (2001) aponta que quando analisadas as festas religiosas de caráter popular é necessário interpretá-las de forma integrada, onde podem ser classificadas tanto como profanas quanto como sagradas. Desta forma o terço e a dança são partes de um mesmo ritual, a devoção e a diversão não podem ser vistas como manifestações separadas ou antagônicas.

Araújo ao estudar a Festa do Divino em Mogi das Cruzes-SP, observa que: “Os rituais existentes na festa são muitos, e essa amplitude de ritos e símbolos permite que o sagrado e o profano se entrelacem dando sentido às comemorações” (2004, p.420). Assim, ao olhar pelas *frestas* das festas de Folia de Reis vemos um conjunto polissêmico de práticas no qual existe uma lógica própria com códigos e rituais específicos, que possuem espaços dentro do contexto geral.

Esta festa é o principal momento de toda a jornada. É neste dia que se encerra a *missão* do ano, com o sentimento de dever cumprido, quando os devotos podem oferecer aos amigos, familiares e a toda comunidade do local onde reside a Companhia, uma grande ceia, que normalmente, como já assinalamos, é conseguida com muito esforço.

O Terço é o momento em que se pede maior seriedade de todas as etapas ritualísticas. Como já foi dito, é comum que o mestre da Companhia passe este importante *trabalho* para alguém que julgue merecedor. Fernandes ao discutir a festa de São João no Pantanal, assinala que: “um padre, ou uma ‘irmã’ de igreja [...] ou a pessoa mais velha, dá início às orações [...]” (1998, p.129). Conforme Higuier, “o rezador não precisa ter uma investidura eclesiástica para dirigir a reza do dia da festa do santo” (1984, p.27). Nas Foliadas de Reis esta prática se dá de forma semelhante, pois é importante que o mestre e os demais

integrantes da Companhia confiem na devoção daquele que *puxará* o terço. É ainda comum que algumas pessoas procurem antes pelo mestre para pedirem este encargo, na maioria das vezes, como uma forma de agradecer por alguma graça que se acredita ter sido concedida³⁷. Em alguns casos, o terço pode ser cantado pela Companhia, mas esta prática é menos usual.

Em Três Lagoas, após o terço e algumas músicas é servido um jantar, em que se percebe que mesmo entre os grupos mais humildes há uma notável quantidade de alimentos oferecidos. E por esse motivo esse dia é também bastante esperado por moradores que não costumam se interessar pelas Folias de Reis, já que todos são bem recebidos para juntarem-se a esta comemoração. Sobre esta questão, as considerações de Bakhtin tornam-se relevantes: “A abundância e a universalidade determinam por sua vez o caráter *alegre e festivo* (não cotidiano) das imagens referentes à vida material e corporal. O princípio material e corporal é o princípio da festa, do banquete, da alegria, da ‘festação’”. (1993, p.17)

Para Higuier “gente pobre tem santos ricos” (1984,p.24), esta é uma premissa importante para entendermos como a riqueza de detalhes e cores tem sentido místico para estes religiosos. Souza aponta o sentido do banquete nas festas de São João:

[...] a alimentação distribuída de graça, ponto alto da festa, tem uma importância simbólica significativa, quer em relação aos ritos religiosos, como a comunhão dos católicos, como também em relação àquela sociedade, com sua hierarquia e respectivas diferenças sociais. Na festa havia fartura. Os mais ricos bancavam as despesas sozinhos, enquanto os pobres faziam coletas para conseguir oferecer a comida e cumprir sua promessa. Há, portanto, momentos de sociabilidade importantes já na preparação das atividades, especialmente nas festividades promovidas pelos pobres, como a própria coleta de alimentos. Na festa, a alimentação distribuída a todos ganha dimensão de partilha. (2001, p.264)

Da mesma forma, o banquete oferecido na festa é o resultado das prendas recebidas ao longo da jornada, mas que contam também, comumente, com recursos próprios. Mediante as dificuldades encontradas pela grande maioria das Companhias, o banquete é constituído de comidas simples, como arroz, mandioca, carne bovina e de frango, e em grande quantidade, como vemos na foto abaixo da Companhia “Os Castilhos”:

³⁷ No ano de 2007, notamos que nas duas festas que participamos a *puxadeira* de terço era a mesma mulher, pois se tratava de duas Companhias com residência no mesmo bairro. Neste caso, acreditamos que a escolha tenha sido feita em virtude da competência e seriedade para a reza.



Figura 5: Companhia “Os Castilhos”. Produzida por Wagner Barbosa dos Santos em 06-01-2007

A dimensão da partilha, apontada por Souza (2001) é uma prática tida como característica do religioso. A promessa ganha ainda um caráter tanto social quanto sagrado: *dar de comer a quem tem fome*. Dentre as diversas características do catolicismo popular, esta é uma das mais especiais para seus praticantes, pois é uma experiência religiosa do povo e para o povo. Assim, é fácil observar a satisfação dos mestres e demais integrantes das Companhias diante da possibilidade de realizar o *ato de partilha*. A este respeito Pereira ao analisar as Folias de Reis no estado de Goiás, chama a atenção para o fato de que:

A vivência da solidariedade que se dá através da doação de alimentos, dos grandes mutirões que preparam a comida e a torna acessível a todas as pessoas e o sentimento de pertença a um grupo que caminha de forma autônoma com suas crenças e verdades é a grande tônica da Folia de Reis. (2007, p.56)

Esta partilha, permite ainda, aos olhos destes devotos, uma forma de romper com as classes sociais vigentes na sociedade, pois na festa todos se misturam, e os foliões, na maioria das vezes pessoas humildes, passam neste momento a serem os responsáveis pelo ato. São eles que alimentam a todos os presentes, mesmo que não sejam *alimentados* durante o restante do

ano. Para o Sr. Castilho³⁸, a festa é o momento em que eles podem mostrar sua alegria por terem a graça de louvarem os santos e também o momento de mostrar que quem tem este elo com o divino sempre terá algo para oferecer, tanto para os mais pobres quanto para os mais ricos.

Percebe-se que algumas Companhias proíbem o consumo de bebidas alcoólicas também nesta data, ficando devotos e convidados restritos à bebida de refrigerantes, quando tem. Outras Companhias, no entanto, permitem que após o terço os devotos bebam e dançam a noite toda.

Há ainda Companhias em que a tradicionalidade da festa se torna um momento tão esperado, que a leva a configurar de maneira semelhante às tradicionais quermesses, em que a poucos metros do lugar onde é servido o jantar, há barracas vendendo doces e lanches, além de cervejas e refrigerantes. Todavia, é importante salientar que este comércio não é praticado pelos integrantes das Companhias, mas por outros sujeitos que aproveitam a aglomeração de pessoas no local para comercializarem bebidas, doces e outros produtos com a finalidade de aumentarem suas rendas.

Conforme Araújo: “A matriz da Festa é a reunião de vários elementos presentes na Idade Média, na cultura popular: o teatro, a folia, a comilança e o Espírito Santo. Esses elementos tão ao gosto popular, possivelmente, garantiram a permanência dessa festividade até os nossos dias” (2004, p.422). Compreendemos da mesma forma as Folias de Reis que vêm *resistindo* ao longo dos anos, pois também agregam estes elementos tão fortes no gosto popular.

³⁸ ENTREVISTA Waldemar Castilho, 2006.

2.4 A Capela de “Santos Reis”³⁹, o Encontro de Bandeiras e o Espetáculo

2.4.1 A capela

As capelas são construções de espaços considerados sagrados que tem papel decisivo para a assegurar o trabalho religioso da Igreja Católica. Costumam ser construídas em bairros pobres, tendo santos de maior prestígio como seus *padroeiros*. Assim, ao se erguer estas capelas “não se pensava apenas nos aspectos espirituais da população”, pensava-se em especial nas aglomerações e interações que se fortalecem ao longo do tempo atuando em “várias dimensões com propósitos religiosos, beneficentes e de ajuda mútua”. (BOAVENTURA, 2001, p.314)

A capela a qual pretendemos analisar tem uma especificidade já que foi construída pelo grupo Companhia Caminhos do Oriente, em homenagem aos Três Reis Magos.

A capela dos três Reis Magos do Oriente, está ao dispor de vocês, a porta é aberta na igreja. Eu não sou dono. Dono é quem chegar lá [...] Eu não tenho igreja, padre nenhum é dono de igreja, bispo nenhum. Papa não é dono. Então dono é aquele que tem fé e vão, aquele que está com a fé viva⁴⁰.

Diferente do que propõe Luís Gomes dos Santos, mestre da Companhia “Caminhos do Oriente”, mas que, no entanto sempre participa da Companhia “Estrela da Guia” do mestre Francisco Lima, *nunca houve interesse de representantes da Igreja em nem ao menos ir conhecer a capela*. Diante da indagação a religiosos como padres e ministros, a alegação é sempre o desconhecimento da capela. É necessário lembrarmos que esta capela se encontra em um bairro afastado da cidade, sendo também desconhecida pela maioria dos devotos de Santos Reis de outras Companhias.

Interessante ainda é a forma como diversos integrantes apontam o desejo de construção de uma Igreja em homenagem aos Reis Magos, o que mostra que os devotos não são indiferentes à necessidade de uma capela.

³⁹ A Capela consta realmente com o nome de “Santos Reis”. Não é nossa pretensão exaltar os erros gramaticais escritos ou verbais, cometidos pelos devotos, contudo percebemos que também não nos caberia fazer tais correções, uma vez que historicamente a capela foi assim denominada.

⁴⁰ ENTREVISTA Luís Gomes dos Santos, 2003.

A capela existe, e a enxergamos como um espaço rico para análises e interpretações, principalmente dos trânsitos religiosos, e de seus espaços de comunicação com o sagrado, revestidos nos dois altares existentes em seu interior.

A respeito destes altares, a primeira característica interessante é a forma como ambos são ricamente decorados. Decoração que conta com muitas cores, flores artificiais, fitas e brilhos, além da diversidade de representações de santos.

Tais elementos permitem-nos compreender que no momento da organização - que num olhar menos apurado, pode revelar uma espécie de desorganização, pois é composto de objetos organizados de maneira confusa e com um excessivo exagero, estes acabam tendo uma uniformidade e são seguidos como um padrão em todo o universo simbólico das Folias de Reis, como as vestimentas, a bandeira e os instrumentos. Esta constatação evidencia o desejo dos devotos de mostrar toda a sua alegria por se sentirem protegidos pelos Reis Magos. Buscamos então, neste momento, discutir a forma como os dois altares se encontram e algumas de suas representações, para entendermos o desenvolvimento da lógica e da prática religiosa destes sujeitos.



Figura 6: Altar da capela de “Santos Reis”. Produzida por Luciana Aparecida de Souza Mendes no dia 12 de fevereiro de 2002.

Este altar é uma espécie de local de *ex-votos*, prática tão comum na religiosidade popular, mas que também encontra espaço dentro da Igreja Católica que mantém em vários de seus templos, os *salões de milagres*, como o existente na Basílica de Nossa Senhora Aparecida do Norte que possui um dos mais famosos salões de milagres do Brasil.

Ao discutir os ex-votos em Minas Gerais no século XVIII, Abreu aponta que: “Tais oferendas hoje compreendem uma centena de objetos – fios de cabelo, retratos, reproduções de partes do corpo humano em gesso, bilhetes, fitas, lenços, por exemplo – que exprimem a persistência da crença no milagre” (2005, p.198). Pela foto acima, podemos perceber diversos elementos que traduzem esta idéia, como troféus, remédios, cigarros, diplomas e várias fotos. Esses objetos querem simbolizar uma graça conseguida, traduzindo-se em agradecimento. Marin ao analisar também os ex-votos de Minas Gerais ressalta que:

O ex-voto, como testemunho de uma devoção ou piedade individual, representa vários momentos: primeiro, a fatalidade ou problema (situação de angústia ou aflição) que originou a promessa ou voto a um personagem sagrado (como tributo de sua fé); segundo, a manifestação do sagrado através do milagre por intervenção divina; terceiro, o cumprimento da promessa com a encomenda ou execução do quadro votivo, concretizando o voto e desobrigando o devoto de uma futura cobrança do divino em forma de castigo ou doença. (1999, p.121)

O caso do altar das Folias de reis, não se caracteriza por encomendas, mas por objetos cotidianos que representam a crença no milagre alcançado.

Passemos agora para a compreensão do segundo altar encontrado na capela. Este será apresentado e a partir de alguns apontamentos pretendemos explorar melhor esta discussão ao falarmos dos presépios de Folias de Reis no contexto geral.



Figura 7: Altar da capela de “Santos Reis”. Produzida por Luciana Aparecida de Souza Mendes no dia 12 de fevereiro de 2002.

Nesse altar, é possível notar a composição de um presépio. Temos então os elementos considerados tradicionais: a imagem dos três Reis Magos e da Sagrada Família, constituída pela *Virgem Maria*, José e o Menino-Jesus.

Porém, neste presépio, como uma expressão característica do catolicismo popular, existe uma grande porção de outros elementos que participam harmoniosamente. Um olhar apurado para a imagem desnuda três situações/condições de Jesus: Jesus no colo de Nossa Senhora, Jesus Cristo crucificado e o Sagrado Coração de Jesus, que representa sua ressurreição. Encontram-se ainda, dentro deste, imagens de outros santos, como Santo Expedito e Santo Antônio, que são queridos pelos devotos do catolicismo popular. Além da imagem tradicional de Maria, existem outras duas diferentes representações: Nossa Senhora Aparecida e Santa Rita de Cássia. Há ainda, na constituição deste presépio, imagens que retratam a fuga da Sagrada Família para o Egito, que tradicionalmente não integram este momento bíblico. É interessante pontuar que mesmo não fazendo parte do presépio, foi possível observar próximo a ele, a imagem de Oxalá⁴¹. Esta imagem remete-nos a idéia de pluralidade religiosa, na qual percebemos que para os religiosos, a multiplicidade de santos e

⁴¹ Oxalá é o orixá tido como símbolo máximo dentro da Umbanda, é sincretizado por Cristo, na mesma posição em que se encontra crucificado, porém sem a cruz, remetendo a idéia de benção à grande espaço.

de crenças se configura como uma possibilidade a mais de solução e proteção para suas vidas cotidianas⁴².

2.4.2 O Encontro de Bandeiras

O Encontro de Bandeiras acontece com certa regularidade na cidade de Três Lagoas desde o ano de 2001. Seu objetivo inicial era o de promover a integração entre as diversas Companhias da cidade, uma vez que durante o período de reisadas os foliões se concentravam em suas próprias jornadas *na missão que devem cumprir*, impossibilitando um maior contato e intercâmbio entre os grupos. Havia a necessidade de organizar uma data, fora do calendário religioso, para as Companhias apresentarem, permitindo assim, um dia de (re) encontros, cantorias e devoção.

A explicação para esta necessidade está no fato de ser comum encontrar na cidade devotos que tenham participado de diversas Companhias. Isto costuma ocorrer, sobretudo, devido às mudanças dos homens e das mulheres de um lugar para outro, como de uma fazenda ou de um bairro para outro local mais afastado.

É comum também encontrar devotos que abandonam a Companhia depois que cumprem sua promessa e, após um tempo, regressem a ela ou a outra. Este fato leva a uma sensação de cumplicidade entre as Companhias de Reis que, na maioria das vezes, se vêem como uma irmandade, ao passo que, como já foi expresso, criam também uma espécie de rivalidade, o que costuma ocorrer quando alguns devotos deixam de acompanhar um grupo e se agrupam a outro, por perceber que esse novo grupo tem maior estrutura, ou uma melhor responsabilidade religiosa. Em outras palavras, devotos participam de uma Companhia e quando não se sentem satisfeitos com a estrutura da qual estão participando buscam espaço junto a outro grupo que, para eles, se apresenta como mais correto e alinhado com aquilo que julgam ser o apropriado.

⁴² Devido a complexidade desta questão, ela ainda será melhor discutida nesta dissertação.

Esta rivalidade, no entanto, não é declarada e talvez não aconteça de modo consciente, já que, apesar de sua ocorrência, no contato dos grupos, percebe-se uma harmonia e satisfação no *estar juntos*.

Para esta pesquisa, passamos a acompanhar - ainda que sem regularidade - os Encontros de Bandeira desde o ano de 2003. Naquele ano o Encontro ocorreu na praça central da cidade em 21 de Setembro, sendo denominado de “III Encontro de Bandeiras de Três Lagoas e região”. Na ocasião, diversos grupos do estado de Mato Grosso do Sul e Oeste do estado de São Paulo se reuniram, totalizando cerca de quinze Companhias de Reis, cada qual com suas características, mostrando que existe uma infinita variedade na forma de manifestação de sua festa.

Num primeiro contato com um grande número de grupos foi possível observar que as Companhias de toadas mineiras e paulistas são mais freqüentes que as toadas baianas no município em estudo. A reunião aconteceu na praça central da cidade, não contou com a participação e ajuda dos representantes municipais. A responsabilidade integral do evento foi dos próprios integrantes das Companhias, com a ajuda financeira de algumas pessoas que se denominaram também como devotos dos Reis Magos. De forma semelhante foi o IV Encontro, realizado na Lagoa Maior, em 2004. Neste ano, porém, o número de Companhias participantes foi significativamente menor⁴³.

Já em 2006, o Encontro de Bandeira surgiu com novas características. Denominado de “I Encontro de Bandeiras”, foi realizado no dia 29 de Fevereiro, no distrito de Arapuá. Este encontro foi organizado pela prefeitura Municipal de Três Lagoas e conforme jornal da cidade,

Para que a festa fosse realizada, o município realizou a entrega de instrumentos específicos para as companhias de folia de reis de Três Lagoas, iniciativa que faz parte das ações que visam recuperar e apoiar as manifestações históricas e culturais na cidade. (HOJE MS, 2006, p.10)

De acordo com a reportagem e segundo os devotos, a Prefeitura forneceu ainda transporte, alimentação e camisetas em cores diferentes para cada Companhia, com o nome do grupo e a logomarca do órgão municipal.

No ano de 2007 o intitulado “II Encontro de Bandeiras” ocorreu em 06 de maio na Associação Nipo-Brasileira de Três Lagoas, iniciando-se com uma missa. E logo após o

⁴³ No ano de 2005 não houve Encontro de Bandeiras

almoço oferecido para os foliões, houve a apresentação de nove Companhias locais além de grupos das cidades de Andradina/SP e Murutinga do Sul/SP.

Em todos os encontros, os grupos de um modo geral, apresentam-se seqüencialmente, passando pelos três arcos, feitos à maneira da festa, “cantando o Reis” até o encontro com o presépio armado. Durante as apresentações, os demais devotos e a população que se dispõe a assistir, prestigiam suas evoluções, músicas e indumentárias.

Nesses dois anos em que o Encontro é organizado pela Prefeitura há também, no final de todas as apresentações, a entrega de troféus e certificados para os mestres das Companhias, com a proposta, segundo o discurso de representantes locais, de incentivar e agradecer estes sujeitos por “manterem viva a cultura da cidade”.

2.4.3 O espetáculo

Diante da maneira como os Encontros de Bandeiras foram apropriados pela Prefeitura Municipal, tecemos algumas considerações acerca de que compreendemos como a espetacularização das Folias de Reis em Três Lagoas.

Conforme a reportagem intitulada de “Encontro de Folia de Reis resgata tradições”, notamos que os anos anteriores, no qual os Encontros aconteceram, foram desconsiderados, passando então a ser contado como um evento do calendário oficial da cidade a partir deste primeiro tutelado pela prefeitura. Na mesma reportagem chama a atenção o dato de:

Feliz com o resultado do trabalho, a secretária de Cultura e Educação, Márcia Moura, destacou a importância do evento no resgate desta tradição. De acordo com a secretária ‘é intenção recuperar as tradições folclóricas, os costumes e o patrimônio cultural locais, procurando contar à comunidade os aspectos que construíram nossa história’. (HOJE MS, 2006, p.10)

Durante o Encontro de 2007, segundo o site oficial da prefeitura de Três Lagoas, “A prefeita aproveitou a oportunidade para anunciar a realização da festa a partir de 2008, visando à recuperação das tradições e da cultura trazida pelos fundadores do município”.

Em vista disso, notamos que a proposta de se *resgatar* a cultura é o grande jargão dos políticos locais em referência às Folias de Reis. Entretanto, se o conceito de *resgate* remete à idéia de recuperar aquilo que estava perdido, esta dissertação, munida, sobretudo dos relatos dos devotos, mostra que esta festa nunca deixou de ser realizada. Entendemos que o objetivo da atuação da Prefeitura Municipal é de espetacularizar esta manifestação do catolicismo popular, camuflada pela idéia de resgate, tornando-se, então, uma forma de utilizar a cultura como recurso, para impulsionar o mercado turístico das cidades. (YÚDICE, 2004)

Tal espetacularização não acontece apenas nos Encontros de Bandeira, o que se pode notar é que as Folias se tornam requisitadas para diversos eventos, como a Semana do Folclore, como segue no calendário de 2006, amplamente divulgado pela Prefeitura:

Confira a Programação da 21ª Festa do Folclore		
Quinta-Feira, 10 de agosto:	Estaduais e Municipais	Alex e Wander
Cia. de Reis Estrela do Oriente	Capoeira	Banda Ottoni
Cia. de Reis São Miguel	Quadrilhas	Délio e Delinha (Campo Grande-MS)
Capoeira	Kauê e Kauã	Legião Baileira (Campo Grande-MS)
Apresentações de Escolas	Felipe e Adriano	
Estaduais e Municipais	Raimundo do Norte e sua Gente	
Quadrilhas	Anderson e Rhuan	Domingo, 13 de agosto:
Banda Algo Mais	Grupo da Terra	A partir das 17h:
Ases do Chamamé	Gabriel Sater e banda (Campo Grande-MS)	Cia. de Reis Três Lagoas
Nilsinho e seu Conjunto		Apresentações de Escolas Municipais
Os Caçulas	Sábado, 12 de agosto	Grupo de Percussão Cristo
Aurélio Miranda (Campo Grande-MS)	de manhã (a partir das 9h):	Redentor
	Desfile de Carroças	Vadinho Félix
	À noite:	Trio do Mato
Sexta-feira, 11 de agosto:	Cia. de Reis São Paulo	Tato e Nando
Cia. de Reis Estrela Divina	Cia. de Reis Unida de Três Lagoas	Banda Hessência
Cia. de Reis Estrela da Guia	Quadrilhas	Grupo Acaba (Campo Grande-MS)
Apresentações de Escolas	Orquestra de Violeiros de Três Lagoas	Bojo Malê (Campo Grande-MS)

Figura 8: Programação cultural da festa do Folclore de 2006. Divulgada em diversos meios de comunicação e cartazes publicitários.

A necessidade de se *resgatar* culturas é discutida por Canclini como uma forma de busca pela origem e raiz de um determinado grupo:

Nessa época em que duvidamos dos benefícios da modernidade, multiplicam-se as tentações de retornar a algum passado que imaginamos mais tolerável [...] A comemoração se torna uma prática compensatória: se não podemos competir com as tecnologias avançadas, celebremos nosso artesanato e técnicas antigas; se os paradigmas ideológicos modernos parecem inúteis para dar conta do presente e não surgem novos, reconsagramos os dogmas religiosos ou os cultos esotéricos que fundamentaram a vida antes da modernidade. (1998, p.166)

Para a realidade recente de Três Lagoas, o que percebemos com relação às ações municipais é a busca por uma tradicionalidade que gere não apenas sentidos de pertencimentos e raízes, mas, sobretudo, a busca por características peculiares que, como já foi dito, contribuam para que olhares exteriores se voltem para a cidade.

É importante compreender que os devotos dos Santos Reis não são ingênuos com relação a esta “preocupação” recente da Prefeitura Municipal, já que, de uma maneira geral, eles gostam desta relação criada, na medida em que sentem terem sua importância reconhecida. Assim, mesmo que eles sejam chamados quase que obrigatoriamente para se apresentarem, há mostras de boa vontade, uma vez que temem perder este recente laço, e a ajuda que lhes vem sendo oferecida. Além de os devotos revelarem esta condição nas entrevistas e em conversas informais, é perceptível também nas louvações que após fazerem os agradecimentos a Deus e aos Reis Magos, agradeçam também à prefeita, à secretária e assessores de cultura. Vejamos um exemplo disto em uma música cantada no dia 20 de outubro de 2006, no evento denominado “Sexta Musical”, na praça Senador Ramez Tebet:

Viva Deus primeiramente!
Viva!
Viva os Três Reis do Oriente!
Viva!
Viva a Prefeita Simone Tebet!
Viva!
Viva os vereador da cidade!
Viva!
E viva a todos aqui presente!
Viva!

Compreendemos que a cultura vai então sendo tomada também como um recurso que gera capital. É importante que não nos limitemos a pensar que existe um *antes e depois* com

relação ao espetáculo, pois este sempre foi uma das mais marcantes características das Folias de Reis, ainda que de forma atenuada, pois quanto mais amplo de significados for o ritual religioso, mais ele representará também “realizações culturais”. (GEERTZ, 1989, p.129)

Entretanto, é diferente a forma como estas duas concepções do espetáculo são apresentadas, pois, conforme Magnani:

A organização da vida familiar, as relações de vizinhança, as formas de entretenimento e cultura popular podem constituir, pois, uma realidade até mesmo privilegiada para emendar alguns aspectos das orientações políticas e dos movimentos sociais populares. A permanência de suas estruturas, a periodicidade de algumas celebrações e seu significado para a comunidade fazem desse espaço o depositário de aspirações quase sempre adiadas, mas continuamente renovadas no interior desses centros de reprodução do imaginário popular. (1984, p. 30)

O espetáculo tem então códigos próprios. Não se apresenta apenas pelo desejo de se tornar conhecido - ou de receber um prêmio por isso - o que se apresenta e representa é o conjunto de rituais que torna estes sujeitos detentores de um contato com o sagrado. O ato de representar ritualisticamente a fé nos santos gera significados para todos os sujeitos que estão presentes como espectadores. Renova-se entre devotos e demais participantes a crença no poder divino, ressaltada pela idéia de milagre. Assim, os detentores do direito de fazer de sua fé um espetáculo, geram significados também sociais, culturais, políticos e econômicos que não se reduzem a apresentações em praças públicas cujo objetivo é apenas o da espetacularização.

2.5 Elementos simbólicos dentro das Folias de Reis

Alguns símbolos de suma importância já foram discutidos ao longo do texto e outros ainda serão abordados no decorrer dessa pesquisa, pois toda a Folia de Reis é um universo simbólico que transborda em significados e simbolismos.

Para o folião, a folia é em si mesma um acontecimento de valor religioso. Quando o embaixador ou o gerente se dirigem aos seus ‘companheiros’, sempre acentuam duas coisas: o caráter sagrado do ritual e a obrigação contraída de realizá-lo uma vez por ano. (BRANDÃO, 2004, p.383)

Para Geertz, os símbolos religiosos formulam uma congruência básica entre um estilo de vida particular e uma metafísica específica (1989, p.104). Os símbolos são elementos-chaves para que a fé se manifeste entre os religiosos. Para Eliade: “a história acrescenta continuamente novos significados, sem que estes últimos destruam a estrutura do símbolo” (1991, p.161). Neste véis, ressaltamos que os sentidos que conseguimos decodificar são flexíveis e se alteram no tempo e no espaço mas, ao mesmo tempo, preservam seus sentidos mais originais, sendo re-significados e reinterpretados, conforme a necessidade. Entretanto, como afirma o autor: “Tudo o que podemos dizer é que a *atualização* de um símbolo não é mecânica: ela está relacionada às tensões e às mudanças da vida social, e em último lugar aos ritmos cósmicos” (1991,p.21).

Ainda a este respeito o teólogo Higuete explica-nos que:

O simbolismo religioso é a linguagem que expressa e interpreta a dimensão transcendente da experiência. No símbolo, o homem traduz com elementos emprestados de seu mundo a relação com o Incondicionado que o atravessa e o anima; através do símbolo manifesta-se a profundidade da existência. O próprio do símbolo consiste em remeter para além de si mesmo. A matéria do símbolo (palavra, figura, rosto, ideal, etc.) remete a algo que não pode ser apreendido imediatamente, mas apenas de modo indireto: o fundamento último do ser [...] O símbolo tem o poder de revelar dimensões da realidade, escondidas no dia-a-dia. No encontro com lugares, tempos, pessoas e imagens sagradas, o homem experimenta algo de Sagrado-em-si e faz a experiência de uma certa – e única - ‘qualidade de encontro’ com o Totalmente outro ao qual a linguagem não é capaz de dar um nome (1984, p.22)

Nesse momento trataremos, por meio dos símbolos, de alguns elementos também ricos de significados que buscam rememorar as passagens bíblicas agregadas às novas interpretações originadas da tradição oral.

2.5.1 A Estrela Guia

Conforme Eliade, os símbolos celestes: “conservam um lugar preponderante na economia do sagrado”, pois “aquele que está no ‘alto’, o ‘elevado’, continua a revelar o *transcendente* em qualquer conjunto religioso” (2001, p.108). Nessa concepção, os elementos celestes, servem, na maioria das vezes, como transmissores da vida celestial (p.109). Tomando este caminho proposto por Eliade, compreendemos o papel da estrela como a representação desta comunicação do *mundo elevado*.

A Estrela Guia que também é chamada de Estrela de Belém, faz parte do corpus de símbolos de maior importância para os devotos dos Santos Reis. Sabe-se que, tanto pelas Escrituras Sagradas quanto pela tradição oral, os Reis Magos foram guiados por uma estrela até o local onde se encontrava o Menino Jesus.

Alguns três-lagoenses, da mesma forma que outros devotos, prestam homenagens às estrelas, batizando suas Companhias com nomes que fazem referência a elas. Como exemplo, destacamos a Companhia “Estrela da Guia” e Companhia “Estrela do Oriente”.

Não existe ainda uma explicação científica para o aparecimento de tal estrela, e ao usarmos esta palavra devemos estar atentos ao fato de que, na época, estrela talvez pudesse significar uma série de corpos celestes, como planetas, “estrelas cadentes”, meteoros e cometas. (FERREIRA, 1994)

Assim, percebemos que para estes devotos a estrela representa a comunicação divina com os que até então eram homens sem poderes sagrados e que por entenderem seu significado, tornam-se – para muitos – pessoas santificadas. Percebe-se, pois que a estrela é

vista hoje pelos sujeitos religiosos como o sinal do cumprimento de uma antiga profecia: *nasceu o Menino-Jesus*. E os homens que entenderam esta mensagem se tornaram então dignos de devoção.

A estrela, assim como foi guia na jornada dos Magos até o encontro do Menino Jesus, serve também como *guia* para os próprios devotos. Não que estes saiam em suas jornadas mirados em uma estrela, mas cantam para ela em proteção, pedindo ajuda para nortear os caminhos, ao fim de que sua jornada seja cumprida com êxito. Apresentamos a seguir a estrofe de um canto que referencia a ajuda de tal corpo celeste:

Peço a Estrela do Oriente
para ser a nossa guia.
Ai, nessa hora aqui presente
até a entrega desta Folia⁴⁴.

2.5.2 A Bandeira

Segundo as tradições populares, a *Bandeira* simboliza o manto do Menino Jesus, doado pela Virgem Maria aos Reis Magos. Maria teria pedido que os Reis Magos andassem com aquele manto espalhando a “Boa Nova”.

A Bandeira é considerada pelos devotos como o elemento mais sagrado dentro da Companhia, pois é nela que estão retratados a Sagrada Família e os Reis Magos. Ela é considerada abençoada pelos devotos, devendo ser respeitada por todos. Não é permitido passar a sua frente ou atravessá-la.

Nas casas que recebem as Companhias de Reis, como já salientado, é prática levar a Bandeira por todos os cômodos, com o intuito de abençoar o lar. É costume também fixar fitas e pequenas fotos, bem como beijá-la, pedindo proteção para os três Reis Magos.

O dono da casa, ao levar a bandeira para o interior da moradia está mostrando sua fé, confiança nos Santos Reis e alimentando seu vínculo com

⁴⁴ Este trecho, recorrente em diversas Companhias em partes diferentes do país foi colhido com a Companhia Estrela da Guia, no último dia de jornada, antes do início da festa no dia 06/01/2006.

os mesmos. O dom recebido não é só individual, mas é estendido para toda a família. (SANTOS, 2007, p.113)

A Bandeira serve ainda como forma de identificar a Companhia, já que se costuma bordar no tecido o nome do grupo. Ao final da jornada em devoção aos Reis Magos, este elemento encontra-se muito diferente de quando começou, uma vez que, durante os dias de peregrinação, recebe diversos ícones que passam a fazer parte de sua estética: fitas coloridas, notas de baixo valor monetário, fotografias, fios de cabelo, entre outros. Estes vão sendo incorporadas às imagens sagradas, sobretudo pelos que não participam das Companhias, para pedir ou agradecer por alguma graça. A seguir, apresentamos algumas Bandeiras de Reis da cidade de Três Lagoas:



Figura 9: Bandeira da Companhia “Estrela do Oriente”. Produzida por Luciana Aparecida de Souza Mendes no dia 21 de Setembro de 2003.

Nesta fotografia nota-se a imagem dos Três Reis Magos seguindo montados em camelos na peregrinação até onde a Estrela apontava como o local do nascimento de Cristo. É nítida também a presença de fitas e flores para enfeitá-la, o que demonstra o carinho alimentado pelos devotos. Há acima a imagem da Sagrada Família e também a presença de várias fotos (3X4) que provavelmente representam agradecimentos por uma graça alcançada ou pedidos de proteção.

Já na Bandeira da Companhia Estrela da Guia, percebemos que além das imagens tradicionais, que embora não estejam tão visíveis, há também uma série de outros elementos sagrados, como as imagens de Nossa Senhora Aparecida, de São Sebastião e de Padre Cícero, tido como santo na religiosidade popular. Também é possível perceber a grande quantidade de enfeites, como flores, fitas e festões.



Figura 10: Bandeira da Companhia “Estrela da Guia”. Produzida por Luciana Aparecida de Souza Mendes no dia 06 de janeiro de 2006.

Na foto abaixo, percebe-se que a mesma Bandeira é tratada com grande respeito. Colocando-se à frente da Companhia, torna-se o primeiro elemento a ser visto pelos presentes. O restante do grupo procura sempre se manter distante, de forma a não criar tumultos em volta dela.



Figura 11: Bandeira da Companhia Estrela da Guia de Três Lagoas. Foto produzida por Luciana Aparecida de Souza Mendes no dia 06 de janeiro de 2006.

Cabe observar que a Bandeira é trocada após alguns anos de uso, quando passa a perder suas cores e se desgasta com o tempo. Por ser substituível revela que não carrega valor simbólico em si, mas pelo que representa (BRANDÃO, 2004, p.385). O objeto em si não é caracterizado como sagrado, podendo até mesmo ser trocado ano após ano. O sagrado está na forma como ela representa a fé dos sujeitos em questão.

Algumas Companhias, como é o caso da “Os Castilhos”, guardam sua primeira Bandeira como uma espécie de relíquia, o que permite compreender sua importância para estes sujeitos.

2.5.3 A Meia Lua

A Meia Lua é uma evolução tradicional dentro das Companhias de Reis. Conforme a explicação de Anain (2003), a Meia Lua significa a contribuição dos Reis Magos para que Herodes não encontrasse o Menino-Jesus. Herodes havia ordenado que seus soldados capturassem e matassem o menino. Para os devotos, os Reis Magos buscaram outro percurso

para regressar à sua terra, cruzando várias vezes os mesmos caminhos. “Então a Meia Lua simboliza isso aí, [...] é uma reflexão que tem os Magos para que não deixasse o rastro certo o caminho certo, para Herodes não achar o Menino Jesus”⁴⁵. Tal coreografia é observada não apenas em Companhias de Folia de Reis, como também em congadas e outras formas de manifestação da cultura popular.

Observamos que após a passagem dos arcos, montados em frente ao presépio na festa do dia 06, alguns grupos cantam exaustivamente enquanto em fila fazem a coreografia da Meia Lua.

A Companhia “São Paulo”, diferente de todas as outras, incentiva todos os participantes a entrarem pelos arcos acompanhando-os na Meia Lua. Os devotos entram e saem diversas vezes dos arcos, juntamente com os presentes que seguram velas e cantam juntos.



Figura 12: Companhia São Paulo: Produzida por Wagner Barbosa dos Santos em 20 de janeiro de 2007

Esta prática, revelada pelo mestre Paulo Gonçalves como costumeira, lembra as chamadas romarias, permitindo aos presentes, uma forma de participação do espetáculo em homenagem aos Reis Magos.

⁴⁵ ENTREVISTA Anain Alves de Souza, 2003.

2.5.4 O Presépio



Figura 13: Presépio da Companhia “Os Castilhos”. Produzida por Luciana Aparecida de Souza Mendes dia 05 de janeiro de 2006.

O presépio é também um elemento de suma importância no mundo dos significados da Folia de Reis. É praticamente impossível não encontrá-lo nas casas dos devotos dos Reis Magos. Contudo, muitos não gostam de vê-lo nas casas que visitam, pois o presépio deveria tornar-se uma realidade somente em 06 de janeiro, quando finalmente acontece o encontro com o Menino Jesus. Apesar disso, os devotos dizem que nunca deixam de rezar o terço na presença do elemento.

Como podemos perceber na imagem acima, o presépio constitui-se na imagem do nascimento do Menino-Jesus, tendo ao seu lado a mãe Maria e o pai, o operário José. Como já relatado quando da reflexão do trecho bíblico, são elementos centrais nesse quadro, a figura dos Três Reis Magos: Baltazar, Belchior e Gaspar, bem como a Estrela Guia, o anjo da anunciação, somando-se comumente a presença de alguns animais. O presépio surge então como representação material do contexto dado pela Bíblia.

Entretanto, percebe-se que entre os presépios montados, pelos devotos dos Reis em Três Lagoas - podendo notar ainda na mesma imagem - e como o que há na capela de “Samtos

Reis”, é comum haver uma série de elementos a mais no mesmo espaço, como, outros santos, outras imagens de santas, e até mesmo figuras não pertencentes ao catolicismo.

Estes presépios – tanto os da capela, quanto os da Companhia “Os Castilhos”, bem como vários outros - traduzem a idéia já referida de que não há dentro do catolicismo popular uma submissão aos ritos e dogmas, já que foram reinventados também a partir da necessidade real dos devotos. Pressupomos que o alto número de santaria dentro do presépio é percebido como a possibilidade de uma maior proteção àqueles que se dedicam ao seu culto. Ou seja, não importa se há uma infinidade de elementos e personagens que não pertencem àquele momento em especial, no caso o nascimento de Cristo, o importante é o número de forças divinas representadas que podem vir a intervir em benefício de suas vidas.

Este pressuposto levou-nos a pensar o presépio como uma construção harmoniosa. Provavelmente, muitos estudiosos da bíblia e católicos ortodoxos podem não concordar com essa afirmação, mas dentro do universo complexo, plural e sagrado da religiosidade popular, as imagens sagradas, dentre outras representações, podem ser percebidas como elementos que só trazem benção e proteção àqueles que se dedicam a sua devoção, podendo, coexistir no mesmo espaço do sagrado.

2.6 Cânticos e toadas

As músicas cantadas nas Folias de Reis fazem parte de um universo ritual intensamente rico em significados sagrados e sociais.

Segundo Lima (1954), os cânticos são de duas espécies, as saudações (louva) e as profecias, sendo elas cânticos bíblicos em torno de episódios relacionados com a natividade.

Em Três Lagoas, entretanto, foi observado que as músicas costumam ser cantadas para o dono da casa que recebe a Bandeira; como pedido de proteção para os moradores daquele lar e agradecimento caso recebam ofertas e despedida⁴⁶.

No dia da festa de Reis foram percebidas inúmeras músicas relacionadas a motivos bíblicos, como a concepção e nascimento de Cristo, e a visitação dos Reis Magos. Um exemplo de música de saudações está escrito abaixo:

Meu senhor dono da casa,
Aqui estão os Santos Reis
Veio trazer a paz de Cristo
Pra família de vocês,
E pedir uma oferta
Pra festa no dia seis,
Na visita a Deus-menino
Que abençoa todos vocês.⁴⁷

Neste trecho que foi cantado na chegada a uma das casas que recebeu a bandeira, percebemos que os devotos tanto fazem pedido de benção aos Reis Magos para os moradores quanto estes pedem ajuda e convidam para a festa do dia de Reis.

Percebemos ainda na cidade que alguns integrantes (sobretudo os mestres) possuem músicas próprias, em que fazem homenagem a amigos devotos já falecidos e para outros motivos. É necessário atentarmos para o papel social da música dentro desse contexto religioso, ao servir como forma de enraizamento das crenças do grupo. Muitas vezes, quando um devoto relata a história dos Reis Magos ele apenas repete algumas estrofes musicais já internalizadas como verdades indiscutíveis. A esse respeito Bosi destaca que:

Observem como o retorno musical mantém viva a informação que é calor, e defende a mensagem da entropia que é resfriamento. Frases com alto teor de informação precisam se amparar no ritmo, na rima, na sonoridade, enfim numa bem-sucedida redundância oral que só o tempo e a tradição comprovam. (BOSI, 1992, p.32)

⁴⁶ Foram observadas as festas dos anos de 2001, 2002, 2004, da Companhia “Estrela da Guia” e em 2006 novamente da Companhia “Estrela da Guia”, da Companhia “Grupo Especial de Folia de Reis - Os Castilhos” e Companhia “São Paulo”, que realizaram festas em datas diferentes, respectivamente: 06/01/06, 12/01/06 e 20/01/06.

⁴⁷ Trecho de música da Companhia “Estrela da Guia”, registrado no dia 6 de janeiro de 2002.

Ainda Bosi salienta que a música tem um “encantatório”, principalmente sobre o catolicismo popular, uma vez que observa que muitos dos praticantes têm problemas de leitura como “vista cansada” (1992, p.33) e também incapacidade de ler, haja vista que entre os sujeitos que vivenciam esta prática religiosa, muitos são analfabetos.

Sua repetição, mais que causar o enraizamento, contribui de maneira significativa para a geração do sentimento de pertencimento do devoto com o mundo do sagrado, pois, na maioria das vezes, por meio dela que se sentem em sintonia com os poderes divinos do santo de sua devoção. “No culto, a música é o momento privilegiado, só superado pelo silêncio” (BOSI, 1992, p.37).

Conforme Moraes (2000), a música quando utilizada como fonte deve extrapolar a análise da letra, deve ser pensada e refletida em todos os seus aspectos, de maneira separada e conjunta, como letra, instrumentos, ritmo e musicalidade, e neste caso específico a hierarquia musical que é estabelecida. Para entendermos esse universo de enraizamento e pertencimento que ela ajuda a promover, cabe então penetrarmos mais nesta esfera musical contextualizando também o papel da melodia nesse contexto. Melodia que, para os devotos é conhecida por toada.

A toada é o ritmo que os instrumentos dão aos cânticos de Reis. Costumam ter inúmeras variações, provavelmente ocasionadas pela diversidade de instrumentos que podem ser utilizados. Em Três Lagoas foram observados três tipos de toadas: “Tem a toada baiana, toada paulista, toada mineira. Tudo vai conforme o batidão”.⁴⁸

Tanto a toada mineira quanto a paulista, mais comuns na cidade de Três Lagoas, são bastante lentas, caracterizadas mais pelos sons dos instrumentos de cordas. Já a toada baiana utiliza largamente os instrumentos de percussão e sopro, tendo um ritmo mais rápido.

A hierarquia dos membros das Companhias é percebida pelos instrumentos que tocam ou vozes que cantam⁴⁹. O mestre, como responsável pela Companhia, costuma ser a “primeira voz”.

Os instrumentistas, chamados de “contratos”, fazem também as demais vozes que acompanham o mestre. Normalmente repetem as últimas palavras da última estrofe cantada,

⁴⁸ ENTREVISTA Jesus Marques, 2001

⁴⁹ Grande parte das Companhias é organizada em torno da questão musical, ficando, normalmente apenas o palhaço sem a responsabilidade de cantar, pois cabe a ele as danças e” louvas”. Isso também não significa que inexistem pessoas que por não participarem da organização ritualística deixem de fazer parte do grupo com responsabilidades próprias, como é o caso dos cozinheiros – na grande maioria das vezes, mulheres.

ou apenas repetem um “Ai!”. No entanto, observamos que nas Companhias de toada baiana, não há acompanhamento musical dos outros integrantes do grupo - quem faz coro à voz do mestre são os instrumentos de sopro. A esse respeito Castro e Couto observam:

Os músicos são também cantores. A maioria apenas acompanha, num resmungo fanhoso, os versos que o mestre canta ou improvisa, com o contramestre e um ou outro folião mais chegado. Outros apenas pronunciam a exclamação ai!, arrastada, langorosa, com que se inicia e termina cada verso dos cânticos e que serve como uma tomada de fôlego, uma inspiração profunda, depois da emissão de voz no canto. Penetrante, esganiçado, ora em falsete, ora em prolongados agudos, o coro dos cantores se completa com o timbre extraordinário feminino, da voz de sopranino de algum folião que eleva a um fio de som algumas escalas acima dos demais. O esforço exigido das cordas vocais dos foliões obriga-os a fechar os olhos, suspender a cabeça, fazer esgares e abrir desmesuradamente a boca, às vezes inclinando o busto para trás. (1977, p. 13)

Os instrumentos mais comuns das folias de Três Lagoas são: viola, violão, triângulo, caixa, pandeiro e bumbo. Existem ainda Companhias que utilizam a sanfona e o chocalho.

Na foto abaixo, podemos ver o mestre, juntamente com seu violão devidamente enfeitado, “puxando” as músicas, enquanto os demais integrantes acompanham com outros instrumentos e com a voz. Esta foto refere-se ao dia da “chegada”, quando a Companhia passa pelos arcos montados, posicionando-se frente ao presépio.



Figura 14: Companhia “Estrela da Guia”. Produzida por Luciana Aparecida de Souza Mendes no dia 6 de janeiro de 2006.

2.7 Os integrantes das Folias de Reis

Os devotos que saem nas Companhias de Reis costumam ser pessoas muito simples, e que na maioria das vezes não contam com um emprego estável e renda fixa. Uma grande parte destes sujeitos costuma trabalhar em zonas rurais ou serviços de alguma forma ligados a esse universo, contudo, há ainda um número expressivo de pessoas vinculadas a construção civil, mas também podem ser encontrados policiais aposentados, funcionários da prefeitura e até mesmo sitiantes e donos de fazenda.

Como já salientado em outro momento desta dissertação, a escolha por estes serviços informais na maioria das vezes é proposital, de forma a permitir que no período da reizada possam estar disponíveis para realizarem sua jornada.

Em algumas Companhias os integrantes são contratados pelo *festeiro*, porém na maior parte dos casos, os que participam pagam uma promessa própria ou apenas participam por devoção.

O *festeiro*, que também pode ser o mestre da Companhia, é o responsável pela parte financeira e de organização da Folia. Brandão (1985) aponta que em qualquer festa de devoção popular no estado de Goiás, o festeiro é o personagem mais importante. Em Três Lagoas, observamos que freqüentemente o festeiro é o próprio mestre e raramente conta com recursos próprios para a execução de todas as necessidades. Ele conta com a ajuda da própria Companhia para o agrupamento dos instrumentos e confecção da roupa⁵⁰; às vezes recebe doações de pessoas mais importantes e as pequenas doações das casas por onde passam garantem a festa.

O *mestre* é o responsável pela Companhia, sendo o diretor. É importante que ele seja bom repentista e que conheça a bíblia, pois, em muitos casos, os mestres compõem sua própria música. A primeira voz costuma ser dele, quem geralmente inicia os cantos. É dele toda a responsabilidade pelo grupo. Cabe ainda ao mestre decidir sobre as visitas, a hora de comer e a hora de partir.

O meu papel na Companhia de Reis é... Graças a Deus... o pessoal me considera como mestre de Companhia de Reis. Então meu papel é cantar, fazer a chegada nas casas, pedir permissão cantando. [...] Chegando lá eu

⁵⁰ Lembremos que, como já foi dito, nos dois últimos anos, a prefeitura doou às Companhias de Reis da cidade roupas e instrumentos.

canto pedindo a oferta para o jantar dos foliões no dia da chegada, dia 6 de janeiro. Então minha função é essa como chefe da Folia de Reis.⁵¹

O mestre costuma atuar como um líder espiritual para o grupo, sendo procurado durante todo o ano pelos integrantes a fim de que ajude a resolver pequenas questões morais e espirituais. Quando possível os mestres também participam da vida social dos demais integrantes, pois se tornam pessoas respeitadas na comunidade e no bairro, na maioria das vezes. Assim, intercedem sempre que necessário e possível para conseguir emprego para os amigos devotos, tornando-se uma espécie de liderança na comunidade.

Eles costumam ser respeitados e também muito amados pelo grupo, principalmente quando a Companhia consegue seguir por anos sem muitas mudanças em seu quadro de integrantes.

Conforme Sr. Castilho – o qual, a partir das observações dos devotos da Companhia “Os Castilhos” age como um pai bondoso, mas também severo - os integrantes do grupo costumam obedecê-lo não apenas no período de festa de Reis, mas durante todo o ano. Contamos esse mestre, em sintonia com o que foi narrado por diversos integrantes, que durante o período de festas, por gozar de uma melhor condição financeira, compra diversas carteiras de cigarro para distribuir entre os integrantes do grupo, todavia, é expressamente proibido fumar durante a visitação. Se estiverem fumando em momento de descanso e lazer, quando o mestre se aproxima imediatamente apagam os cigarros em sinal de respeito.

A boa reputação de um mestre pode levar a Companhia a gozar de um prestígio maior na cidade, assim como também pode levar os integrantes de outras Companhias a participarem do grupo do referido mestre.

O mestre costuma ser a pessoa mais importante na Foliás de Reis, porém, é necessário que ele conte com um bom grupo, em que cada pessoa seja eficiente na tarefa que irá desempenhar. Se a ele cabe o papel disciplinador e organizador, cabe também a escolha de bons músicos e instrumentistas que possam abrilhantar o grupo. É preciso ainda escolher uma pessoa divertida e engraçada, mas que seja respeitosa para ser o palhaço. Então, é importante analisar como são apresentados estes outros integrantes dentro de uma Companhia de Folia de Reis.

⁵¹ ENTREVISTA Miguel Alves dos Santos, 2001.

Os *palhaços*⁵² são geralmente formados por dois ou três. A análise da representação do *palhaço* tornou-se primordial no desenvolvimento da pesquisa. Podemos perceber que se trata de uma figura de inúmeros significados simultâneos, não apenas na comparação entre as Companhias, como dentro de um único grupo. Para muitos, ele significa tudo aquilo que pode haver de negativo representando a eterna disputa entre o bem e o mal.

O simbolismo do palhaço é representar o demo, o coisa ruim, o tesconjuro, ao passo que os demais participantes da festa equivalem aos Reis Magos, e aos humildes pastores de Belém, por isso o ‘palhaço’ não entra em casas onde há crucifixos. (PACHECO, 1950, p.4)

Nessa crença, os palhaços são muitas vezes impedidos de entrar na casa daqueles que aceitam a Bandeira, e em qualquer lugar que haja imagens sagradas. Seu dever é apenas divertir as folias, sendo assim o principal responsável pelo aspecto profano da festa. “Porém, a presença dos palhaços nas Folias de Reis não tira seu caráter sagrado”. (ARAÚJO, 1973, p.23)

Em algumas Companhias os palhaços são entendidos como os próprios Reis Magos, os quais ao perceber que o desejo de Herodes era matar o Menino Jesus, resolveram fugir. Há nesse ponto outras duas versões para a mesma história: para muitos devotos, os Magos vestiram-se de palhaços com o objetivo de escapar dos soldados de Herodes e regressar em paz à sua terra. Já para outros, além de desejar fugir dos soldados os Reis Magos buscavam enganá-los para possibilitar a fuga da Sagrada Família para o Egito⁵³.

Conforme o mestre Castilho, estes personagens são denominados de “Máximo” e “Goulardo”, e que vestiam roupas de cor igual a dos soldados do rei. Além destes dois, o mestre ainda destaca a presença de um soldado que também ajudou o Menino-Jesus: Trata-se de “Sebastião”, que hoje é conhecido como “São Sebastião”, cujo festejo ocorre em 20 de Janeiro, data em que algumas Companhias fazem a festa.

Os demais integrantes ajudam a compor a estrutura necessária para que a Companhia possa desempenhar com êxito e beleza sua jornada, como é o caso do Bandeiroiro que, na maioria das vezes, é uma mulher. Este integrante é o responsável pelo cuidado com a Bandeira, seguindo sempre à frente dos demais foliões por ser portador deste elemento tão

⁵² Em algumas regiões o nome “palhaço” pode sofrer alterações, sendo principalmente encontradas também denominações como “bonecos” e “bastiões”.

⁵³ Segundo o Evangelho de São Mateus, (capítulo 2, versículo 3), um anjo apareceu em sonho para José, ordenando-lhe que fugisse para o Egito junto de Maria e o Menino-Jesus. A partir da tradição oral, os Magos passaram a integrar esta passagem, ajudando na fuga.

sagrado. Entretanto, é comum que este ceda lugar a outras pessoas que costumam prometer como pagamento de uma graça, cuidar da Bandeira durante um dia.

Os *músicos* tocam os instrumentos e ajudam no canto. Os integrantes de uma Companhia de Reis são os responsáveis pelas mudanças, permanências e re-significações dos ritos e mitos. Brandão ao falar sobre os mestres permite que ampliemos esta discussão para todos os integrantes da Companhia:

Cada mestre improvisa, recria, 'deixa sua marca' e introduz novos padrões de canto, coreografia e vestimentas.

Há inúmeras razões para isso, a primeira é a mais pessoal. O ser humano é basicamente criativo e recriador e os artistas populares que lidam com o canto, a dança, o artesanato modificam continuamente aquilo que um dia aprenderam a fazer. Essas são as regras humanas da criação e do amor: fazer de novo, refazer, inovar, recuperar, retomar o antigo e a tradição, de novo inovar, incorporar o velho e o novo e transformar um com o poder do outro. (2003, p.39)

Não existe, pois, duas Companhias de Reis iguais, já que seus integrantes também não o são, e cada vez que um novo integrante surge ou sai do grupo, há alterações. Algumas vezes poderão ser mudanças imperceptíveis, mas ainda assim existirão, o que permite situar as Folias de Reis como práticas caracterizadas pela sua dinamicidade e circularidade cultural, por tratar de uma composição de sujeitos vivos e complexos, o que será abordado no próximo capítulo.

Capítulo III

A identidade religiosa e o mundo sagrado do devoto de Reis

Se Deus quiser, enquanto eu tiver vida e poder cantar, eu vou estar pelejando. Essa cultura nós temos que deixar para os outros mais novos⁵⁴

3.1 A identidade e os trânsitos religiosos dos devotos dos Reis Magos

Ao escrevermos a história das Folias de Reis de Três Lagoas/MS é necessário atentar para o universo cultural, social e religioso em que os sujeitos que devotam suas vidas a tais práticas estão inseridos. É preciso entender então como o universo sagrado é permeado pelo cultural e como estes dois norteiam a vida social dos devotos dos Santos Reis. Observamos que não se trata de ignorar as dimensões econômicas e políticas destes sujeitos, visto que buscaremos entendê-las também a partir da coloração que a religião lhes dá, pois é o

⁵⁴ ENTREVISTA: Jesus Marques, 2001

norteamento cultural e religioso o foco de nossa pesquisa. Para tanto, cabe uma reflexão acerca da identidade religiosa constituída pelos sujeitos em estudo.

Neste sentido, faz-se necessário apontar algumas questões a respeito da identidade religiosa dos sujeitos que compõem as Folias de Reis, os quais se afirmam, de maneira unânime, como católicos⁵⁵.

Conforme Neves, “a identidade é [...] um processo através do qual o reconhecimento das similitudes e a afirmação das diferenças situam o sujeito histórico em relação aos grupos sociais que o cercam”(2000, p.113). Neste contexto entendemos que a identidade é formada a partir dos inúmeros relacionamentos que os sujeitos estabelecem com o mundo em que vivem diretamente e mesmo indiretamente, contudo, é nos sujeitos com práticas e representações semelhantes às suas que buscam enraizar os conteúdos formadores de sua identidade.

Estas identidades estão sempre em elaboração; para Hall (2004) elas estão continuamente em “processo”. Considerando as discussões propostas por este autor e Maffesoli (1996), para quem as identidades não podem mais ser vistas como entidades fechadas e homogêneas, mas definidas na multiplicidade de interferências que estabelecem com o mundo circundante, cabe salientar que pensamos aqui a identidade dos devotos como híbrida e plural, sem compreendê-la desta maneira como pura e exclusivamente uma identidade católica.

Tão importante quanto tentar situar a religiosidade na identidade cultural destes sujeitos é pensar porque a religião católica surge nos relatos como a atividade norteadora para os devotos. Notamos no contato com estes personagens, que mais importante que a nacionalidade ou a profissão é o sentimento de pertencimento que estes estabelecem com o mundo sagrado. Esta dimensão nos é dada pela maneira como o declarar a religião é permeado de mais orgulho, como segue no relato: “Eu sô católica, e acredito demais em Deus! Minha Nossa Senhora, eu acredito muito em Deus. Pra mim não tem trabalho e nem dinheiro que me faça mais feliz, né? Eu tenho meus santinhos do meu lado, e isso é o que importa”⁵⁶.

⁵⁵ Sempre que iniciada uma entrevista com um devoto dos Reis Magos, perguntamos qual a sua religião, e em todas as entrevistas realizadas até o momento há unanimidade entre os devotos em se afirmarem católicos, de modo a não restar dúvidas quanto a sua escolha.

⁵⁶ ENTREVISTA Aparecida Alves dos Santos, 2001.

A este respeito Lemos afirma que:

A religião santifica as normas e os valores da sociedade estabelecida, mantendo as prioridades do grupo em detrimento do individual. Ao acentuar a importância da transcendência de Deus e sua independência com relação às autoridades estabelecidas na sociedade, a religião tanto apresenta formas de expiar as culpas de quem não segue as normas sociais, como critica as normas institucionalizadas que não respondem mais às necessidades daquela sociedade.

Desta forma, a religião influi na compreensão que os indivíduos têm de quem são e do que são, da identidade deles, apresentando valores e crenças a respeito da natureza humana e do destino. (2007, p.11)

Para esta autora, a religião tem como principal função “fornecer significados ao cotidiano das pessoas, independente da forma como este se apresenta” (p.14).

E, para tentarmos compreender os motivos que levam os devotos dos Santos Reis a criarem um sentimento de pertencimento com a religião Católica é preciso apontar uma possível definição de identidade católica.

Santos (2005) ao discutir a idéia de identidade católica utiliza o conceito de *comunidade de imaginação* ou *comunidade de sentido*, de Bacsikon. Por essa compreensão é a partir do imaginário que os sujeitos, através de símbolos, alegorias, rituais e mitos, vão se identificando com o grupo religioso, criando assim uma identidade. Neste sentido, é necessário o enraizamento de alguns preceitos e doutrinas para que haja o sentimento de pertencimento.

Uma identidade católica caracterizada pela ênfase nos sacramentos, cuja figura central é o padre - ministro dos sacramentos e detentor do poder de falar em nome de Deus para a comunidade religiosa estruturada no núcleo dogmático da infalibilidade do papa, da Imaculada e da transubstanciação eucarística - é apenas uma possibilidade de catolicismo, que podemos compreender como uma identidade católica romanizada (SANTOS, 2005).

Hall procura mostrar-nos também a maneira pela qual as identidades culturais vão criando esse sentimento de pertencimento: “Ao nos definirmos como ingleses ou gauleses [...] estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não são literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial” (HALL, 2004, p.47).

Nesta perspectiva, notamos que ser católico para estes devotos parece também se constituir de uma identidade embutida em nossos genes. Esta pertença é permitida, sobretudo pela repetição de ritos e liturgias e a apreensão dos códigos morais, como os “Dez Mandamentos”. São estas práticas que levam as pessoas a se identificar como católicas, como se de fato fossem desde sua origem uma marca com a qual o sujeito nasce. No relato abaixo podemos perceber como a religião católica toma contornos de uma pertença sempre presente para estes religiosos:

Eu sempre fui católico, né? Eu sou reiziero, meu pai era reizero. E quem canta os Reis é católico, então eu sou católico desde antes de eu nascer, porque eu tava marcado que ia ser assim. Minha mulher é católica, meus filhos também, né? Tem um que não, ele virou crente, mas ele nasceu católico também.⁵⁷

Para mestre Paulo, todos devotos dos Reis Magos é um sujeito de identidade católica, e mesmo que haja a conversão para outra religião, o catolicismo ainda se faz presente. Para que haja o sentimento de pertencimento com determinada religião, é necessário a presença de ritos, liturgias e tradições. E é justamente a partir da repetição nos cultos, dos ritos e da liturgia que o fiel enraíza melhor todos os preceitos religiosos, passando então a acreditar que faz parte do corpo sagrado da Igreja Católica. Bosi chama a atenção para a maneira como ocorre o enraizamento a partir dos ritos e liturgia:

A liturgia não pode refletir o consumismo, cuja norma é a velocidade da inovação pela inovação, desvalorizando o já usado. Assim fazendo, desvaloriza-se também a memória do idoso, que guarda entre as lembranças mais caras os hinos de sua infância e juventude. O velho, na comunidade, quer aprender os novos cantos e ensinar os cantos de outrora. Sua identidade precisa ser reconhecida; sua memória preservada. Sentimento enraizador e portador de esperança é cantar de novo os cânticos das festas comunais. Um dos atrativos desses hinos é a convicção de que os homens de outros tempos assim o cantaram. (1992, p. 39)

Para a autora “a celebração do culto envolve dois grandes princípios enraizadores: o alimento e a música” (1992, p.32). Nas Folias de Reis existe também uma liturgia própria,

⁵⁷ ENTREVISTA Paulo Gonçalves, 2006

cuja memória é preservada por meio das músicas e dos rituais que praticam, bem como a própria ceia.

Conforme Guedes “o fato de os ritos possibilitarem a repetição do passado faculta à comunidade a manutenção da identidade, o que importa na administração da memória cultural” (2007, p.124). Neste sentido, é na repetição anual dos mesmos temas a serem cantados, e na repetição da jornada, que o passado bíblico se faz presente, e assim permite aos devotos uma forma de *contato direto* com o mundo do sagrado. Em outras palavras, “a memória cultural e a identidade são administradas na interioridade e nas expressões dos ritos com certa profundidade e intensidade numa certa unidade e coerência.” (BUCKLAND, apud GUEDES, 2007, p.124)

Os ritos vão definindo como se dá na prática a forma de ser religioso, como é o caso da proibição do retorno da Bandeira a um caminho já percorrido.

Percebemos nas conversas e entrevistas que parte dos devotos não sabe ao certo porque a Bandeira não volta, mas “que ela não pode voltar, isso não pode”, consentem eles.

São estes elementos que fazem com que a crença e a prática ritual não se perca mesmo num mundo de transformações. Os ritos, mesmos que em constantes re-apropriações, parecem ter uma atmosfera de eternos.

No caso da religiosidade popular, semelhante as práticas adotadas pela Teologia da Libertação⁵⁸, é necessário acrescentarmos que em sua liturgia “rompe-se a relação catequética entre quem ensina e quem aprende, e estabelece-se entre todos a igualdade de poder interpretar a Palavra de Deus nas condições concretas da vida”. (RIBEIRO, apud HIGUET, 1998, p.42)

Partindo da idéia de que a identidade católica é cultural devemos observar o fato de que ela se mostra cada vez mais porosa e multifacetada, tornando-se uma “identidade híbrida” (CANCLINI, 1998), o que faz com que mesmo as identidades mais enraizadas sejam também traduzidas e mescladas. Neste ínterim Oliveira destaca que:

O catolicismo é uma religião viva que, guardado os elementos essenciais, pode alterar no tempo e no espaço, a forma de apresentar-se. Tem ele assim, uma ‘pluralidade e variedade de elementos’. E esta pluralidade vai se expressar na prática, cujas formas diferentes vão ser o resultado de

⁵⁸ Sobre a Teologia da Libertação é importante consultar obras com a de BOFF, Leonardo. Jesus Cristo libertador: ensaio de cristologia para o nosso tempo. Petrópolis: Vozes, 2006.

combinações dos elementos disponíveis no todo revelado ou tradicionalmente incorporado ao catolicismo. (1973,p.62)

Nesse caminho, vários estudiosos da religião católica contemporânea norteiam suas pesquisas para entender os *vários modos de se ser católico*, o que resulta numa multiplicidade de identidades católicas, projetada nos fiéis que se identificam, por exemplo, com a Renovação Carismática, sendo estes diferentes dos grupos Neo-Catecumenado e dos grupos que se dedicam as pastorais e as Comunidades Eclesiais de Base (CEBS). Bingemer aponta que vivemos uma espécie de “fragmentação do mundo religioso”(2000, p.16), enquanto que Hoornaert aponta que “o catolicismo não é só instituição, ele é também expressão de vida e de sentimentos. Dentro da mesma instituição pode haver diversas maneiras de encarar a vida, os problemas sociais e morais, e pode haver antagonismo entre as diversas maneiras de ‘viver’ o catolicismo”. (1974, p. 24). Com as definições de Bingemer e Hoornaret é possível compreender e situar esta pluralidade de possibilidades identitárias, que ainda são muito mais complexas do que a discussão proposta aqui.

Cabe ainda ressaltar que em meio às inúmeras possibilidades de caracterizar uma identidade católica é preciso pensar ainda como a própria palavra pode abarcar devoções diferentes ou até mesmo a sua ausência.

Na linguagem econômica dos censos, a mesma palavra, *católicos*, serve para beata de sacristia, para membros tradicionalistas ou francamente pós-conciliares, para sujeitos nominais da religião e indiferentes à Igreja, para frequentadores regulares das missas de domingo, para participantes ativos de associações religiosas ou de equipes paroquiais, para praticantes da elite agrária, da burguesia e do proletariado (BRANDÃO, 1986, p.64).

Podemos, pois, falar em uma multiplicidade de identidades católicas, em que cada grupo construiu a sua própria concepção do que é *ser cristão*, assim como do que é *Igreja*. (SANTOS, 2005)

Entretanto, existe uma fronteira entre ser ou não ser católico, e, muitas vezes, a religião em si não oferece amplo espaço para as re-significações, ou seja, existe um limite estabelecido pela Igreja para definir o que constitui um sujeito católico. Galilea aponta a existência de alguns elementos que são universais para a pertença católica. O sacramento do

batismo situa-se como elo chave para a consolidação deste catolicismo. No entanto, aponta o teólogo que “esta pertença se exprime na participação periódica em atos de culto, sejam de natureza devocional ou sacramental”. Porém, mesmo o teólogo encontra dificuldades em delinear estas fronteiras, já que ainda assim, para muitos, se apresentar como católicos pode significar apenas uma identificação global com a fé católica (apud HIGUET, 1984, p.24). Tendo por base tais pressupostos é possível entender a composição do catolicismo destes devotos de Santos Reis.

Mesmo com olhares voltados para a pluralidade de identidades católicas que podem existir, é importante entendermos a identidade dos devotos dos Reis Magos como heterogênea, em que apesar de ser plural, não consegue por si só abraçar as ambivalências que surgem dentro das Companhias de Reis.

Conforme Brandão (1986), o povo comum – classe que pratica o chamado catolicismo popular - procura adequar-se às práticas religiosas presentes na religião à sua vida cotidiana. Apropriam-se, então, de ritos e dogmas de diferentes esferas religiosas para compor uma religiosidade que lhes seja mais acessível e lhes dê o sentimento de uma maior proteção.

Em face disso, percebemos uma incorporação de elementos que são comuns em sua rotina, além de elementos sagrados presentes em outras formas de religiosidade. Conforme alguns relatos, é possível perceber que não é raro que *o mesmo tambor que toca em homenagem aos Reis Magos, também frequenta o terreiro*⁵⁹.

A todo momento ocorrem mudanças na composição da ordem religiosa até então estabelecida. Por caminhos diversos, agentes e grupos populares resistem ao poder de controle das agências religiosas dominantes, ou fracionam seus pontos de apoio da hegemonia recriando adiante núcleos inovadores ou dissidentes. Entre os produtores populares da religião e os fiéis recrutados nas classes subalternas é notável e parece ser crescente a vocação para a resistência, a capacidade de recuperação de modos de crença e práticas tradicionais, ou a criação de formas religiosas novas (BRANDÃO, 1986).

Percebemos, porém, que o devoto raras vezes procura a Igreja para manifestar suas devoções, preferindo manter-se numa relação de intimidade entre ele e o santo de sua devoção. É na própria fala do devoto que percebemos que o catolicismo desses sujeitos não é um

⁵⁹ Este comentário foi feito em conversa informal por um devoto dos Santos Reis não inserido no universo das Companhias de Reis. Todavia, cabe revelar que tal afirmativa foi dada com pesar, com um sentimento de mágoa por saber que tal fato ocorre.

catolicismo de fiéis praticantes, que participam de missas e de outras obrigações, é um catolicismo doméstico, expresso nas práticas existentes dentro dos rituais da festa de Santos Reis. Neste sentido, mestre Castilho relata que:

A gente é tudo católico, sabe? Mas assim, a gente reza, pede pra Deus, pra Nossa Senhora Aparecida que é santa de católico. Mas acho que aqui ninguém frequenta a missa não. Eu mesmo vou assim... num casamento, num batizado, as vezes a mulher fala que vai ter uma missa bonita por causa de alguma coisa, então eu vou! Mas todo domingo eu não vou não. Mas eu te garanto, com muita fé que eu sou muito mais católico que muitos aí que vão na missa, porque todo dia eu rezo, eu agradeço a Deus e Nossa Senhora, ah, agradeço os Reis do Oriente que sempre me abençoaram também. Mas não vou na missa não⁶⁰.

Há ainda que se levar em conta o hábito popular de buscar formas de proteção de várias maneiras, isto porque no mundo dos católicos de devoções populares, a fronteira entre a religião e a magia tem contornos poucos definidos. E como já foi observado: “pedir no saravá não é pecado, mas equivale a usar um recurso a mais”. (BRANDÃO, 1986, p.133)

Esta prática pode ser observada mesmo dentro dos domínios do catolicismo popular, pois, como já exposto, na Capela erguida em homenagem aos Reis Magos é perceptível a apropriação de diversos outros elementos religiosos que não deveriam necessariamente fazer parte daquele contexto.

Há ainda a prática de visitação a centros de outras religiões, como podemos constatar em conversa informal com *Mãe* Silvia, dona do Centro Espírita de Umbanda Nossa Senhora Aparecida. Lá soubemos que esta mãe de santo tem por hábito oferecer jantar as Companhias que vão até o seu Centro religioso. Em 30 de dezembro de 2006, por indicação do mestre Castilho fomos esperar a chegada da Companhia “Os Castilhos” cuja Bandeira faria pouso no Centro. Quando chegamos ao local, encontramos a Companhia “Estrela do Oriente”, que apesar de não deixar sua Bandeira para o pouso fez a ceia e depois continuou sua jornada.

A Companhia “Os Castilhos” por sua vez, ao chegar ao centro, fez de forma bastante ritualística a entrada até o interior do recinto. Na foto abaixo, podemos ver a mãe de santo juntamente com a Bandeira da Companhia:

⁶⁰ ENTREVISTA Waldemar Castilho, 2006



Figura 15: Bandeira Companhia “Os Castilho” no Centro Espírita de Umbanda Nossa Senhora Aparecida. Produzida por Wagner Barbosa dos Santos em 30 de dezembro de 2006.

Os palhaços entraram ajoelhados sendo seguidos pelos demais integrantes da Companhia. Foi possível observar um grande respeito destes devotos frente a esta religião de origem africana. A partir da foto a seguir, é possível compreender a forma como este respeito foi mantido até o final dos cantos.



Figura 16: Companhia “Os Castilhos” no Centro Espírita de Umbanda Nossa Senhora Aparecida. Produzida por Wagner Barbosa dos Santos em 30 de dezembro de 2006.

Nessa imagem, é possível notar que no Centro de Umbanda estava montado um rico presépio e pela parede, além de imagens de *pretos-velhos*, havia diversas representações do catolicismo popular. Ao lado deste presépio montado para os festejos natalinos, encontramos um altar de pedra com mais de trinta outros *pretos-velhos*, *cabloco*, *índios*, além de figuras como Iemanjá, Yansã, Oxum e outros.

Após os cantos e orações, os integrantes da Companhia deixaram a Bandeira para seu pouso e foram para o quintal, onde havia uma farta mesa de comida esperando por eles. Sobre a relação com o Centro de Umbanda de Mãe Silvia, Sr. Castilho relata:

Eu conheço dona Silvia há muitos anos já. Antes não tinha muita casa por estes lados e então todo mundo se conhecia. Eu sei que o trabalho dela é bonito, que ela tem essa religião, mas não faz mal a ninguém. Todo mundo sabe que aqui não tem essa coisara de fazer trabalho de fazer macumba. Ela acredita muito em Deus. É aqui tem coisas de Deus, tem gente que acha que não, porque tem umbanda é do Diabo, mas eu conheço ela há muito tempo já, né? Mais de 30 anos. Minha Bandeira dorme aqui porque ela fica protegida, por isso que eu não ligo, porque eu sei que ela é de Deus⁶¹.

⁶¹ ENTREVISTA Waldemar Castilho, 2006.

Diante destas questões, é necessário entendermos os trânsitos religiosos que vivem os devotos de Folia de Reis. Almeida e Monteiro (2001) entendem que a prática de transitar por diversas religiões faz com que os sujeitos não pertençam efetivamente a nenhuma delas.

Contudo, o trânsito religioso dos devotos dos Reis Magos de Três Lagoas não chega a descaracterizar sua identificação com o catolicismo. O que notamos é que estes percursos deixam os devotos em uma espécie de entre-lugar, “esses entre-lugares fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação- singular ou coletiva- que dão início a novos signos de identidades e postos inovadores de colaboração e contestação” (BHABHA, 1998, p. 20). Isso leva-nos a entender que nesses trânsitos religiosos, os devotos deixam um pouco de si e recebem também em troca diversos aspectos que lhes ajudam a (re) elaborar seu universo religioso. Bingemer fala em uma “explosão plurireligiosa” e “sedução do sagrado e do divino”, que para a autora “Trata-se de um verdadeiro processo de ‘sedução’ que o sagrado e o divino exercem sobre as pessoas”. A autora trata principalmente das diversas seitas e grupos religiosos que vão surgindo no mundo atual⁶², todavia ela permite estender esta idéia para pensar também as religiões com amplo contexto histórico, como é o caso do catolicismo popular. (2000, p.10)

São esses aspectos que remetem as afirmativas de que a cultura popular não é fossilizada, pois está em constante re-elaboração a partir de seu contato com o mundo. Contudo, isso é característica antiga das religiões, conforme Hooenaert:

Já o simples homem da rua, no meio do povo, se for sincero e aberto, percebe sem dificuldade o sincretismo, embora sem usar a terminologia, é claro. Ele percebe que há diversas maneiras de ser católico: o padre é católico mas o maçom também, a zeladora da igreja é católica mas o ‘pai de santo’ também. [...] Ser católico nem sempre tem o mesmo sentido na vida. [...] O homem do povo também percebe os diversos sentidos das cerimônias religiosas: existe por exemplo a missa de sétimo dia, do padroeiro, de formatura, a missa dominical, ou para festejar um acontecimento patriótico. [...] O povo percebe com muita perspicácia como a religião é expressão de vida em toda a sua complexidade e compreende, por conseguinte que existem os elementos os mais diversos dentro de qualquer instituição religiosa. (1984, p. 26/7)

⁶² A pesquisadora cita o Santo Daime como exemplo. A este respeito ver Mendes, Luciana Aparecida de Souza *Santo Daime: aspectos da religiosidade popular*. In Martin, Andrey Minin ...[et al.], organizadores. Anais da Semana de História de 2006: a questão indígena para além da história dos vencidos. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2007

Esta é uma realidade para os grupos de Folia de Reis em Três Lagoas. Na sua forma de sistematizar o mundo em sintonia com o sagrado, eles re-laboram e geram significados novos a todos os momentos, e tem suas identidades “fragmentadas no meio de um mar de experiências religiosas” (BINGEMER, 2000, p.22), pois buscam muitas vezes, auxílio de outros grupos religiosos para questões pessoais, e acabam por levar alguns destes elementos para sua forma de manifestar a fé nos Três Reis Magos do Oriente.

3.2 O mundo religioso do devoto de Santos Reis

Tendo em vista a forma pela qual, provavelmente, se constitui a identidade religiosa do devoto dos Santos Reis, cabe pensarmos então como se constitui o universo religioso no qual ele está inserido.

Na busca por uma caracterização destes sujeitos, constatamos que sua pertença enraíza-se à esfera da Igreja Católica, mas, como já dito, é um catolicismo historicamente construído como uma manifestação própria, que se re-cria e re-elabora a todos os instantes. Neste sentido, Pereira observa que:

Toda e qualquer religião bem elaborada e normativamente definida, acaba por desenvolver uma versão popular de si mesma, isto é, os próprios fiéis criam caminhos alternativos para a liturgia e paralelos às normas doutrinárias, levando à formação do que poderia chamar a versão ‘popular’ da religião. Essa versão pressupõe uma releitura das doutrinas e dos ritos da religião tida como oficial, buscando a aproximação desta, às necessidades da vida cotidiana do povo. (2007, p.54)

A partir dos relatos, é possível percebermos que o catolicismo rústico, dentre as várias características já referendadas neste trabalho, inscreve-se para estes sujeitos como uma religião viva pulsante e polissêmica, existente justamente como forma de criar suas expressões de sagrado.

Desta forma, um dos elementos centrais para a construção da identidade religiosa destes devotos é a forma com que eles se relacionam com a figura de Deus. Esta perspectiva permite-nos entender a forma como se dá então este *se relacionar* com o sagrado.

Para o catolicismo oficial, entendemos que a relação com o sagrado ocorre a partir da alteridade⁶³. Em outras palavras, nesta religião constituímos nossa identidade por meio da identificação que fazemos do outro. Bingemer lembra que devemos entender que se trata de uma “alteridade divina”, em que este outro é o “Transcendente, o Divino, ou Deus”.(2000, p.9)

Partindo desse pressuposto, entendemos que o intuito da Igreja é elevar ao máximo a figura de Deus, para que os fiéis, em contrapartida, se sintam cada vez mais dependentes *Dele*. A este respeito Durkheim aponta:

Se nem o homem nem a natureza possuem, em si mesmos, caráter sagrado, é que o derivam de outra fonte. Portanto, deve haver, fora do indivíduo humano e do mundo físico, alguma outra realidade em relação à qual essa espécie de delírio –que, em certo sentido toda religião é de fato – adquire uma significação e um valor objetivo. (1996, p.82)

Já quanto à identidade religiosa, constituída pela prática da religiosidade popular, não poderíamos dizer que em contrapartida o sagrado se manifestaria no próprio homem, mas observamos que ela é construída em virtude daquilo que a crença nos santos a torna, ou seja, é dada pela experiência que estes sujeitos estabelecem com o sagrado.

Desta forma, o devoto que penetra no campo das práticas de religiosidade popular é visto e percebe-se como alguém diferente, como uma pessoa que possui características bentas, uma vez que se sente abençoado.

Eu não sou santo. Santo é os Reis Magos. Mas com a graça de Deus, eles me deixa fazê algumas bênçãos na vida daqueles que precisam mais do que eu. Eu posso benzer uma pessoa, porque os três do Oriente tá lá do meu lado, sempre disposto a me ajudar. Eu ajudo com uma reza, porque minha reza é forte, né? Então é isso, eu sou muito procurado pra ajudar os outros. O povão vai passando e fala assim: ‘Aqui mora o seu Luís, ele já me ajudou a melhorar’.⁶⁴

⁶³ Maffesoli (1996) propõe pensar as identidades a partir da alteridade, ou seja, deve-se pensar a construção do eu em contraposição à composição do outro.

⁶⁴ ENTREVISTA Luís Gomes dos Santos, 2003.

Esta é uma das diferenças centrais nestes dois *modos de ser católicos*. Enquanto o catolicismo oficial propõe padrões de santidades e conduta moral que alicerçam o *outro mundo* tão desejado pelos religiosos, o catolicismo popular, como já podemos perceber ao longo das análises, procura atrair os poderes do *outro mundo* para auxiliá-los em suas vidas. (RABELO, 2007)

No catolicismo popular existe também o desejo de orientar suas ações dentro deste universo religioso, com o intuito de conquistar uma vida melhor no *Paraíso*. Mas, é por uma vida terrena menos sofrida que estes sujeitos delineiam suas práticas religiosas.

Nesse sentido é estabelecido o mundo sagrado e social destes sujeitos. Sua relação com a religião é vista como necessária, pois ela dá sentido à vida que eles levam. Conforme Bourdieu “a representação do Paraíso como lugar de uma felicidade individual opõe-se à esperança milenarista de uma subversão da ordem social presente na fé popular” (1998, p.49). Na mesma direção que Chauí (1993), entendemos a devoção aos Três Reis Magos como uma forma de encontrar um sentido para uma vida marcada por injustiças ou desigualdades. Assim, esta forma de catolicismo pode ser caracterizada como:

[...] uma religião praticada segundo as regras dos códigos de vida da gente do lugar [...] Entre os católicos [...], a religião é um estoque de regras e recursos do sagrado a serviço de demandas cotidianas essencialmente terrenas e, tal como se faz e refaz em todos os outros setores de cobertura e reprodução de modos subalternos de vida, ali se lança mão do *sagrado* para a solução do *diário*. (HOGGART apud BRANDÃO, 1986, p.125)

A busca pelas curas e milagres pode ser entendida como resultado de uma constante procura por aquilo de que os grupos são privados. As pessoas que recorrem a esta forma de religiosidade tentam encontrar soluções que lhes parecem distantes de ser alcançadas por meios materiais.

O milagre no catolicismo popular é visível para estes sujeitos, e diferente da forma como as maiorias das religiões entendem – assim como também a Igreja Católica⁶⁵ - é algo presente em seu cotidiano. Para Brandão: “o milagre popular é a mostra de efeitos simples de trocas de fidelidades mútuas entre o sujeito e a divindade” (1986, p.132). E no mundo da

⁶⁵ A este respeito cabe observar a forma como Carlos Rodrigues Brandão em “Os deuses do povo” (1986) classifica as diferentes maneiras de entender o milagre de variadas religiões.

religiosidade popular notamos que “o homem ‘força’ o sagrado, pelo rito, a fazer milagres”. (HIGUET, 1984, p.26)

A partir das fontes orais, percebe-se que a maioria dos pedidos aos Santos está relacionada com a cura de enfermidades e obtenção de empregos. Mestre Castilho, por exemplo, relata que os Reis Magos o salvaram da epilepsia ainda em sua infância. Já Mestre Miguel aponta a cura do que entendemos ser uma depressão, após a perda de uma de suas pernas em um acidente. Marcos Marques, integrante da Companhia “Os Castilhos”, que há alguns anos também perdeu uma perna em virtude da diabete acredita ter sido salvo pelos Reis. Os relatos são diversos, a exemplo ainda de Mariano Aparecido, integrante da Companhia “São Paulo” que agradece anualmente aos Reis Magos, pelo fim do vício do álcool.

Percebemos, por meio dos relatos, que cada devoto tem suas histórias para contar, e o milagre é cotidiano. O estranho para eles seria alguém que não tem uma graça para contar. Assim como enumeram os benefícios proporcionados pelos santos às suas vidas, contam também os milagres de outras pessoas que os procuram para ajudar, de alguma forma, em resposta a alguma graça concedida. Para Alves⁶⁶, trata-se de tentativas de interpretar e resolver problemas vividos concretamente. “Por detrás da opção pela ‘cura divina’ se encontra o desespero quanto à cura humana”. Em acordo com os demais aportes teóricos, continua o autor: “a inacessibilidade dos agentes de saúde, o alto custo dos serviços médicos e dos medicamentos, as barreiras burocráticas que se interpõem entre o doente e a cura”. Assim, a cura divina, mostra-se mais próxima a estes sujeitos. (1985, p. 116).

Tanto a falta de recursos médicos, quanto à carência de emprego leva à procura por soluções sobrenaturais e divinas, muitas vezes percebidas pelos devotos como a única maneira de solucionar seus problemas. Observemos o trecho a seguir:

As pessoas pedem muitas coisas pros Santos Reis, né? Pedem saúde, paz, amor, um emprego... às coisas tão muito difícil e se você não tiver um santo pra se apegar não tem jeito de você resolver as coisas, porque ninguém ajuda ninguém não. Você vai num médico ele não te ajuda direito, você sai de lá com a mesma dor. Patrão nenhum gosta de empregado, tem uns que até gostam, mas a maioria não quer nem saber, né? Aí, pra gente que é pobre tem que ser assim, a gente se apega com Deus e com os santos e se apega também com quem é apegado neles. Porque se você encontrar médico ou

⁶⁶ O autor discute principalmente o modo em que a proposta de “cura divina” vai sendo tomada como mercadoria capitalista que pode ser vendida sem prejuízo de valor moralista e religioso.

patrão apegado aos Reis, aí você tá bem, né? Tá bem porque quem tem apego com Deus e os santos é gente que está sempre disposto a ajudar. É igual nós tudo aqui, se vem uma pessoa e pede ajuda pra saúde, a gente fala que não pode ajudar a comprar remédio, a gente não ajuda porque não tem dinheiro, né? Mas a gente fala pra pessoa fazer uma promessa pros Reis Magos e a gente ajuda a pedir e a cumprir a promessa.⁶⁷

Para os devotos, “[...] o mundo é uma criação divina e os santos são intercessores entre a realidade e o sobrenatural, entre o homem e Deus”. Os santos concedem graças e protegem seus devotos, podendo exercer influência sobre o curso da vida e da natureza, de acordo com os méritos e merecimentos acumulados pelo devoto durante sua vida. (MARIN, 1999, p.125)

Desta relação com o mundo dos santos, os sujeitos passaram a nortear suas práticas cotidianas. Na opinião de Pereira, trata-se de uma “espécie de estratégia simbólica de sobrevivência que contribuiu para a reprodução do sentido da vida. Desta forma, o povo descobre na prática a capacidade de recriar o seu sentido religioso, a partir de suas experiências, dores e alegrias”(2007, p.55). Para estes sujeitos, a maneira de re-significar o meio social em que vivem a partir da relação com o sagrado, modifica o modo pelo qual se apresentam e são apresentados para a comunidade. O autor ainda destaca: “[...] as pessoas simples e ‘leigas’ são reconhecidas não só como sujeitos de suas próprias histórias, mas também portadoras de um saber que é reconhecido pelas pessoas da comunidade”. E nesse sentido, a religiosidade popular teria o importante papel de revelar e expressar o evangelho da vida encarnado numa cultura(2007, p.55).

Paker contribui significativamente para esta discussão apontando que para as pessoas de origem pobre, as dificuldades enfrentadas em suas vidas determinarão sua visão de vida e também sua fé: “As difíceis condições de existência, a insatisfação de suas necessidades vitais, leva-os a ensaiar uma série de estratégias que- reforçando laços solidários – geram uma rede de práticas de sobrevivência” (1996, p.114). Para o autor, os problemas sociais enfrentados por estes sujeitos elevam os níveis de incerteza que dão origem a um forte sentido de dependência dos poderes sobrenaturais:

O recurso mágico-religioso à Virgem, aos santos, ao Espírito Santo, às almas e aos espíritos, seja sob a forma do catolicismo tradicional, do

⁶⁷ ENTREVISTA Paulo Gonçalves, 2006

pentecostalismo popular ou dos cultos sincréticos como a umbanda, compensa e substitui o que a sociedade dominante nega efetivamente: a atenção à saúde, os meios de sobrevivência, a satisfação institucional das necessidades. (1996, p.115)

E neste contexto, o mundo social destes devotos é definido pelas relações que estabelecem com o universo do sagrado, representado aqui pelos Três Reis Magos. O relato de Aparecida Alves dos Santos torna claro este mundo religioso e sagrado no qual a pessoa adentra:

Eu andava chorando, com muita dor. Eu fui muito doente, eu não tinha saúde. E o meu marido me saía sem eu falar nada. [...] Eu primeiramente ajoelhei e falei: ‘Meu Deus, o santo que Deus mostrar na frente da igreja Santo Antônio, eu seguia ele até morrer.’ Então apareceu três homens na minha frente com velas acesas. Cheguei em casa e perguntei a meu pai: ‘Pai, eu sei que o senhor é crente. O senhor era católico, era reiserero, eu sei que o senhor é, então eu quero que o senhor me explica, eu pedi com muita fé, o santo que aparecer em minha frente, ali, eu o seguiria até a morte. E apareceu três homens. O que eram aqueles três homens? Então meu pai me falou: ‘Minha filha é os três Reis, quando eles saíram atrás do Menino-Jesus, eles apareceram em três homens, estão esses três homens são os três Reis Santos’. Então eu comecei a seguir a companhia, está com vinte anos que eu estou seguindo a companhia dos três Reis⁶⁸.

Este relato oral fornece pistas para entendermos como o universo sagrado se inscreve dentro do mundo social dos devotos, sem poder delimitar fronteiras muito claras. Neste mesmo caminho Higuier aponta que “o homem entra em contato com os seus santos, para alcançar deles vantagens concretas, visíveis”, e esta busca pelas soluções dos problemas cotidianos traduz-se pela falta de necessidade de uma “mediação da Igreja”. E diz ainda que: “o santo está ao alcance imediato do fiel. Não é preciso um mediador especializado. O fiel vai diretamente ao santo, conversa com ele, expõe seus problemas e agradece as ‘graças’, ou simplesmente presta seu ato de culto”. (1984, p.27)

É ainda possível perceber nas fontes orais que os devotos não costumam atribuir aos santos suas misérias e suas mazelas, como a casa que incendeia, a doença que aflige, a falta de emprego. Mas, qualquer acontecimento que signifique alguma melhoria em sua realidade, é entendido como uma benção, decorrente de sua fé, no caso, aos Santos Reis. Segundo Marin

⁶⁸ ENTREVISTA Aparecida Alves dos Santos, 2001.

“[...] é uma religiosidade mágica onde a dor, o sofrimento, e o medo vivenciado por certo indivíduo é compensado pelo milagre”(1999, p.121). Neste sentido aponta Higuét:

Por meio destas práticas o crente estabelece um (sic) aliança com o seu ‘santo’ ou reforça a relação já existente [...] O santo desempenha o papel de ‘padrinho celeste’ com todas as obrigações mútuas de padrinho-afilhado. O devoto deve prestar um culto regular ao santo. Este, por sua vez, deve proteger seu devoto nesta vida e lhe facilitar o acesso à vida eterna. (1984, p.27)

Normalmente os devotos dos Reis Magos apresentam seu ato de culto saindo nas Companhias de Reis como, por exemplo, o pagamento de uma promessa por uma graça recebida. Esta relação de pedido e pagamento, como já salientado, gera uma relação de intimidade entre o devoto e o santo de sua devoção, sendo uma característica presente na devoção do brasileiro. Ao trazer a reflexão para a vida material dos devotos, Chauí busca entender as recompensas materiais que eles esperam receber dos santos. Nesta perspectiva, observa que:

A adesão a religião popular [...] é um esforço feito pelos oprimidos para vencer um mundo sentido como hostil e persuasório. A religião fornece orientação para a conduta da vida, sentimento de comunidade e saber sobre o mundo, compensando a miséria por um sistema de ‘graças’: cura, emprego, regresso ao lar do marido ou esposa infiel, do filho delinqüente, da filha prostituída, o fim do alcoolismo. Fornece também um sentimento de superioridade espiritual, compensando a inferioridade real. (1993, p.76)

Marin, por sua vez, diz que esta relação de adesão à religiosidade popular parte de uma “relação íntima, pragmática e utilitarista, existente por uma relação contratual de troca e recebimento” (2002, p.236). É mister apontarmos que a fé popular não é alienante, de forma que “iniba toda ação humana na espera heterônoma de uma intervenção ‘milagreira’ de Deus”, pois os sujeitos devem também atuar e não apenas pedir. (PAKER, 1996, p.166)

Entretanto, não devemos limitar a ligação destes sujeitos com o sagrado apenas no desejo de terem na religião uma resposta para os problemas sociais que enfrentam. Estes devotos buscam mais que soluções cotidianas, buscam também um sentido para suas vidas. O sentimento de pertencimento religioso transforma-os em algo *a mais*, são sujeitos simples, na maioria das vezes com poucos recursos financeiros, mas que têm uma importância vital, uma

espécie de elo com o sagrado na comunidade em que estão inseridos. A religião surge também como uma “fonte vivificante na qual o pobre e o indigente recuperam sua dignidade, voltam a identificar-se como homens, como ‘filhos de Deus’, como cristãos”(PAKER, 1996, p.286). O autor ainda reforça que:

[...] a religião popular confere ao indivíduo popular uma nova dignidade, por meio de sua religião com Deus, nexos que restabelece uma identificação religiosa, cultural e social, e por meio de seus rituais comunitários revigora seus laços de identidade e de solidariedade com sua comunidade e com o seu povo. (p.287)

Existe, entre os devotos dos Reis Magos de Três Lagoas, a consciência de que fazem algo *grandioso*, pois assim como o santo é o intercessor do milagre, estes sujeitos percebem-se como intercessores entre este mesmo santo e os demais sujeitos que norteiam suas vidas para as práticas ritualísticas do catolicismo popular. Nesta perspectiva Xidieh ao analisar as promessas feitas pelos penitentes de Juazeiro do Norte/CE na Semana Santa, ressalta que: “O penitente integra-se a sua promessa que aos seus olhos constitui uma verdadeira missão. Essa convivência com o sobrenatural o deixa em estado de graça, além de que normalmente adquire uma posição privilegiada em relação ao meio social em que vive”. (1972, p.32)

Assim, é delineado o mundo religioso dos devotos de Folia de Reis: uma manifestação religiosa gerada a partir da intimidade estabelecida com as divindades cria um contexto sócio-cultural para a vida destes sujeitos.

3.3 A relação entre os praticantes do catolicismo popular e a Igreja Católica

Como já salientado, as festas em devoção aos Reis Magos inscrevem-se dentro do universo da religiosidade popular, caracterizado principalmente pelas práticas de leigos em ritos e atribuições que pertencem aos sacerdotes. No entanto, os sujeitos que se manifestam pela religiosidade popular, identificam-se como católicos. Esta afirmação é possível na medida

que busquemos entender a pluralidade de identidades que encontram abrigo nesta caracterização de *católico*. Entretanto, é necessário apontarmos algumas discussões para a compreensão de que este abrigo nem sempre é homogêneo, e carrega em si uma grande carga de conflitos e problemas para ambos os lados. Diante disso, propomos a compreensão da forma como é estabelecido este jogo de relações ao longo dos anos.

A Igreja Católica Institucionalizada é composta, sobretudo, por regras e dogmas que devem ser respeitados pelos fiéis. Dentre estas diversas regras apontamos como exemplo uma das que proporciona o maior choque entre estas duas expressões católicas: para a Igreja oficial, os ritos e sacramentos devem ser ministrados por pessoas com um profundo conhecimento das regras e normas, o que na maioria das vezes, caracteriza-se pela presença dos sacerdotes⁶⁹. Diante da autoridade do bispo e também do padre, o fiel “coloca-se numa situação de passividade, não participando da decisão quanto aos objetivos a serem atingidos”. (MEDINA e OLIVEIRA, 1973, p.59)

Já o catolicismo popular caracteriza-se “pela presença marcante dos leigos como estimuladores da vida religiosa, como as irmandades, as procissões, as festas ...”(CHAUÍ, 1993, p.73). Brandão salienta que os sujeitos praticantes deste catolicismo:

Não só se apropriam ativamente de modos eruditos e impostos de crenças e práticas religiosas, como também criam, por sua conta e risco, os seus próprios modos sociais de produção do sagrado: as suas variações confessionais, suas agências de serviços e seus agentes especialistas de classe.(1986, p.17)

O autor aponta ainda que no catolicismo popular ocorrem mudanças em sua composição a todo o momento, e existe também uma forte resistência às normas e regras impostas pela religião oficial. “Entre os produtores populares da religião e os fiéis recrutados nas classes subalternas é notável e parece ser crescente a vocação para a resistência, a capacidade de recuperação de modos de crença e práticas tradicionais, ou a criação de formas religiosas novas”. (BRANDÃO, 1986, p.31)

⁶⁹ A Igreja Católica dá espaço para que os leigos também tenham suas atribuições no culto e na organização da comunidade. Estes espaços são ocupados principalmente pelos catequistas que são responsáveis pela educação cristã do grupo e também por ministros e diáconos que mesmo não sendo sacerdotes e podem constituir família, tem a permissão de celebrar os cultos .

Nas Companhias de Reis é comum o fato de os mestres tomarem para si poderes que, segundo a Igreja Católica, só podem pertencer aos sacerdotes. Dentro dos festejos de Folias de Reis é prática costumeira o mestre realizar bênçãos, batizados e também conselhos espirituais, semelhante aos padres de uma determinada comunidade. A partir disso, torna-se necessário analisar o comportamento da Igreja Católica institucionalizada diante do universo mágico e religioso que compõe as Folias de Reis.

A forma dos sujeitos praticantes do catolicismo popular se relacionar direta e pessoalmente com o sagrado escapa ao controle da Igreja como instituição, nessa perspectiva, Chauí (1993) pontua que diante de qualquer manifestação religiosa que saia da esfera consagrada pelo catolicismo cabe a instituição católica, “aceitar, tolerar ou abolir”. E esses caminhos, como percebidos nas entrevistas com os devotos, são móveis, se cruzam e se chocam em quase todos os momentos das manifestações na religiosidade popular.

Notamos que a estratégia da Igreja Católica é criar mecanismos para conviver com estas religiosidades de forma a não se descaracterizar. Assim, em diversos momentos históricos, como lembra Hoornaert, uma das principais formas da Igreja conviver com estas manifestações é aceitando a existência deste catolicismo popular, definindo-o, porém como algo distinto do catolicismo oficial e negando-lhe toda a originalidade. (1974, p103)

Pautando-se numa bibliografia sobre o assunto, sabemos que o catolicismo popular desde a América Portuguesa sempre teve espaço de maior atuação que o catolicismo institucional, o que se deu por motivos diversos, conforme já abordados nesta dissertação. Contudo, apontamos como uma das principais razões para este fenômeno, a escassez de eclesiais na colônia e posteriormente no país. Diversos são os autores que levantam este pressuposto para a difusão das práticas populares. Marin, ao estudar a religião fronteiriça no antigo sul de Mato Grosso dá a dimensão dos problemas enfrentados pela Igreja com a falta de recursos e pessoas autorizadas, e mostra ainda a rarefação demográfica, que foi problema em todo o país (2002, p.239). E continua o autor:

A unidade religiosa proposta pela romanização era um sonho, uma utopia que mostrava incompatível com as alteridades identitárias e com as diferenças culturais. A articulação de estratégias, a definição de práticas intervencionistas para normatizar a vida social e a construção de práticas divisoras encontraram impasses e resistências na pluralidade cultural e religiosa e, sobretudo, na inexistência de uma homogeneidade ideológica, inclusive entre o episcopado e o clero regular. (p.240)

Com o desejo da Igreja de se fortalecer no país, iniciou-se pelo Brasil uma série de medidas que visavam o fim da religiosidade católica popular e uma retomada da liturgia oficial, considerada a única de fato adequada. Este processo ficou conhecido como romanização que, segundo Bastide, representou a afirmação de uma Igreja institucional e hierárquica que foi estendida para todas as variações populares do catolicismo (apud SERPA, 1997, p.84). Marin aponta que a hierarquia eclesiástica condenava tais práticas populares por se afastarem do modelo tridentino, pois para estas autoridades religiosas “o catolicismo nos moldes romanos seria a única e autêntica forma de praticar o cristianismo” e “a romanização propunha-se a purificar as religiosidades populares de pretensos erros e excessos, realçando a dimensão espiritual”. (MARIN, 2002, p.236)

Neste sentido, ao discutir as relações da Igreja em Santa Catarina, Serpa ressalta que os bispos frente às suas dioceses tiveram de desempenhar uma série de funções e medidas para homogeneizar as práticas de suas comunidades às regras estabelecidas em Roma. Segundo o autor “os vigários não poderiam deixar de cumprir as decisões sob pena de serem punidos de acordo com as leis eclesiásticas, pois disciplina e respeito era questões imprescindíveis e indiscutíveis”. (1997, p.126)

Uma dessas medidas que foi amplamente difundida e que encontra resquícios ainda hoje na mentalidade de inúmeros sujeitos é a depreciação dessa prática de cunho popular. Paker afirma haver um ‘juízo’ tanto implícito quanto explícito sobre a religiosidade popular, no qual muitos caracterizam como “religiosidade tradicional”, “‘ignorante’”, “‘supersticiosa’”, “‘pagã’” em relação à “religião oficial”, que é considerada “‘idêntica’” e “‘verdadeira’” (1995, p.53). Seguindo este pensamento, Rabelo (2007) afirma que enquanto a religião oficial domina, apresenta a dominada como superstição, credice e fanatismo, o que revela posicionamentos definidos acerca destas manifestações religiosas tendo a subjugação com o eixo norteador de inúmeras de suas práticas.

Para este autor é justamente através da versão dominante que o catolicismo se institucionaliza, passando a enfrentar inúmeras crises ao longo de sua história e a partir destas crises aprende a superar conflitos “transformando-se, hierarquizando-se, apropriando-se dos símbolos tradicionais do sagrado e de acordo com a cultura das classes dominantes, faz com que as mesmas representem seu próprio mundo” (2007, p.23)

Esta depreciação, porém, leva na maioria das vezes, às práticas discriminatórias e proibitivas da Igreja Católica frente a este fenômeno popular. Em diversas comunidades, os padres e bispos iniciaram uma luta bastante ostensiva a estas manifestações⁷⁰. As práticas do catolicismo popular passaram a ser combatidas, principalmente no sentido de eliminar os aspectos considerados pela Igreja como profanos, por exemplo, as festas, danças e bebidas; a autonomia destes leigos na organização dos eventos, tendo que se submeterem às regras estabelecidas pelo bispo local. A este respeito comenta Serpa:

O combate ao catolicismo popular, nas suas mais variadas manifestações, encetado pela hierarquia eclesiástica, veio ao encontro dos interesses das elites, pois era nas festas, nas procissões, nas romarias que homens e mulheres das mais diferentes camadas sociais exprimiam-se, misturavam-se e se diferenciavam. Era também um momento em que todos estavam juntos, transgredindo a normalidade do cotidiano vivido. Era, portanto, um espaço de sociabilidade a ser remodelado para ter a cara do que as elites achavam, no momento, como sendo civilizado. (1997, p.111)

Outra medida que teve bastante impacto por todo o mundo foi a redução do calendário religioso a alguns dias especiais: “No começo do século XX, o Papa Pio X, pelo ‘Motu Próprio’, de 02 de julho de 1911 outorgou à Igreja Universal novas listas dos dias santificados, da qual se excluíram algumas festas e constam apenas, as de Natal, Circuncisão, Epifania, Ascensão, Imaculada Conceição, Assunção, São Pedro e Todos os Santos” (BARBOSA apud SERPA, 1997, p.31). Assim, a maioria dos santos que se tornaram os preferidos dentro da religiosidade popular tem suas datas definidas por uma tradição popular, o que nos permite situá-las quase que como clandestinas ao calendário oficial.

Existe, porém, na história, diversos momentos em que houve uma aproximação entre estas duas formas de expressar o catolicismo, sobretudo na relação particular de um eclesial com os leigos promotores das manifestações populares. Isso porque na prática das comunidades as relações fogem aos padrões institucionalizados.

No entanto, a aproximação entre essas duas maneiras de ser Igreja, não se deu de uma forma pacífica assim. Sabemos que a prática religiosa popular

⁷⁰ A este respeito ler o artigo de Moraes (2002) “Quem dá esmola ao festeiro empresta ao diabo” sobre a atuação de D. Carlos Luiz D’Amour na Arquidiocese de Cuiabá nos anos de 1878 e 1921, de remodelar as formas como a população deveria relacionar-se com o sagrado, presente principalmente na festa do Espírito Santo.

por várias vezes foi considerada como profana, como inferior e adversária à fé católica [...] Mas o fato dessa expressão religiosa popular ter sido perseguida e controlada não significa que em outro momento conveniente da história ela não pudesse ser abraçada e assumida pela Igreja oficial. E, o que num momento anterior era visto como prática dos incultos, supersticiosos e alienados, pudesse passar a ser entendido como uma forma de resistir a toda realidade estranha que era imposta pela cultura, economia e sistema político. Na verdade, na se pode falar de uma polaridade constante entre essas formas de manifestação do fenômeno religioso, porque religião popular e religião oficial articularam-se permanentemente, num processo dialético e circular. (RABELO, 2007, p.55)

Nesta perspectiva de circularidade entre religião oficial e popular, buscamos entender a forma como esta relação ocorre na cidade de Três Lagoas. Mediante as fontes analisadas, notamos que a Igreja oficial se encontra em um impasse, pois é impossível para ela aceitar estas práticas em sua plenitude, uma vez que na medida em que aceita, acaba por assumir, implicitamente, uma irrelevância para a vida de seus fiéis. Partindo desta lógica, acabaria por legitimar que qualquer pessoa leiga que se julgue capaz, pode realizar os sacramentos, bem como ministrar os diversos ritos católicos. Esta abertura tornaria obsoleta a figura dos sacerdotes, questão que está longe de ser desejada pela Igreja, já que nem mesmo a livre interpretação das *Escrituras Sagradas* é permitida.

Por outro lado, se a postura desta instituição for a de não aceitar as práticas oriundas do universo popular, sabe-se que perderá muitos fiéis em vários espaços, já que não se trata apenas das Folias de Reis num município específico, mas de inúmeras formas de religiosidade popular existentes ao longo da história e de todo o país.

Caso houvesse uma proibição explícita das práticas de religiosidade popular, como a procura por benzedeiras; as novenas e terços realizados em prol de alguma promessa, sem a presença de um sacerdote; a participação em festas como as Juninas; as festas à São Cosme e São Damião; festas do Divino; Folia de Reis, dentre uma diversidade de formas de praticar essas religiosidades, ocorreria, provavelmente, um cisma dentro da Igreja Católica, fazendo com que ela perdesse uma grande parcela de seus fiéis.

Percebemos então, que cabe a Igreja, nesta região, tolerar tais práticas religiosas. Esta tolerância é estabelecida sob o véu da aceitação, mas o que se percebe é que a fé oficial diz aceitar tais práticas, mas busca ignorá-las sempre que possível.

Na missa realizada no Encontro de Bandeiras em 2007, o padre celebrante apontou a necessidade de estreitar os laços destas duas expressões de fé que, segundo ele, *são intimamente ligadas, tratando-se da mesma coisa*. Porém, conforme a maioria dos devotos dos Reis Magos, não existe uma aproximação real entre estes dois mundos.

Assim, ignora-se a forma como estes sujeitos experimentam suas práticas com o sagrado, tratando como um simples fiel àquele que fora dali ministra muito de seus ritos, na forma de devoção da religiosidade popular.

Há ainda a possibilidade, como foi observado, de uma Companhia de Reis tornar-se tutelada pela Igreja, ou seja, um pároco participa da organização da companhia sem permitir que saia da esfera sagrada do catolicismo institucionalizado, proibindo muitas práticas populares, como o batismo. Enquanto a maioria dos devotos caracteriza-se pela crença no milagre cotidiano, e no mundo dos santos, os tutelados, por sua vez, possuem um discurso bastante amparado nas propostas aceitas pela Igreja, como podemos ver no relato abaixo:

Tem gente que chega na gente e pede pra gente operar milagres em nome dos Reis Magos, né? Mas aí, eu como um católico e cristão obediente, falo que nós não podemos fazer esse tipo de coisa, porque é só Deus que faz milagre, né? E o meu milagre é acordar todo dia, é trabalhar e cantar os Reis. Os Reis ajuda, ajuda muito! Eles são muito poderosos, né? Mas milagre quem faz não é os Reis, nem nós, milagre é só Deus que faz.

Sobre o modo como agem os devotos ao serem procurados para realizar um milagre, Anain aponta:

Todo dia que a gente sai pra homenagear os Reis e a Sagrada-Família aparece gente querendo milagre. É filho doente, né? É gente doente de todo tipo que aparece. Aí eu e meu grupo leva esse pessoal pra igreja, porque quem pode ajudar é o padre, né?⁷¹

Como o devoto praticante da religiosidade popular é colocado à margem da Igreja dominante, não participa da história da instituição ou participa de forma superficial, “a partir de então, reinventa a história da religião como uma visão de seu próprio mundo - a cultura das classes dominadas. Daí, o fiel se relaciona diretamente com a divindade, com seus santos, e neste mundo místico se manifesta o catolicismo popular”. (RABELO, 2007, p.23)

⁷¹ ENTREVISTA Anain Alves de Souza, 2003.

Destarte, as fontes pesquisadas permitem-nos perceber que as insubordinações ainda persistem frente aos dogmas da Igreja Católica, mesmo que não se dê em sua maior parte com confrontos diretos. A observação desta não-submissão aos dogmas e ritos é necessária para que possamos compreender que o catolicismo popular, mesmo que justamente tendo uma independência na forma de estabelecer suas regras e ritos, não torna as festas de Folia de Reis cerimônias com características estritamente católicas. Estas manifestações são ricas de significados próprios e complexos que, ora se re-significam, ora buscam voltar às origens católicas. Isso cria uma forma íntima de relacionar-se com o mundo do sagrado, visto que o milagre e os santos tornam-se características presentes no mundo social dos devotos.

Considerações Finais

Este é o momento de apontarmos algumas idéias conclusivas sobre o longo período de pesquisas para o desenvolvimento da dissertação. Nosso objeto de pesquisa analisado ao longo destas páginas foi à festa de Folia de Reis na cidade de Três Lagoas/MS.

Para compor esta pesquisa sobre as Folias de Reis em Três Lagoas, foi necessário tecê-la amparando-se na transdisciplinaridade, dada pelas diversas áreas do saber que iluminaram as emoções, razões e sensações destes complexos sujeitos estudados.

Contudo, desde o início desta pesquisa não houve a intenção de imaginar que poderíamos esgotá-la, dar conta de seu início, meio e fim sem lacunas, e neste sentido concordamos com Moraes, ao observar que:

Ao transpor o universo da realidade vivida para o universo do discurso, o pesquisador tem a responsabilidade de ser o mais isento e próximo da realidade possível. Porém, por mais fiel que possa ser, com certeza, muito se perderá no caminho. (2003, p.23)

O que apresentamos então, por ora, são algumas respostas aos nossos questionamentos iniciais e inúmeras novas questões que surgiram ao longo da pesquisa. Questões levantadas, na maioria das vezes nas conversas gravadas ou informais estabelecidas com os atores das Folias de Reis: mestres, palhaços, cantores, cozinheiros, etc.

Num primeiro momento foi necessário estabelecer um caminho entre as diversas teorias da História que dessem respaldo para nossa pesquisa. Não sabemos se escolhemos o caminho metodológico ou se fomos escolhidos, mas a verdade é que as propostas oriundas da Nova História contribuíram de maneira ímpar para a possibilidade de tessitura deste texto. Assim sendo, à luz da Nova História percorremos alguns caminhos trilhados por pesquisadores de grande valor para entendermos a forma como as Folias de Reis poderiam ser entendidas como uma história dinâmica e complexa.

Este caminho levou-nos ao questionamento das próprias dimensões teóricas, as quais as Folias de Reis poderiam abarcar. E neste sentido foi necessário para o desenvolvimento da pesquisa, que se estabelecesse uma conexão entre cultura popular, religiosidade e folclore. A priori desejávamos percorrer apenas a via que dava às Folias de Reis o título de manifestações

oriundas da cultura popular, entretanto, no diálogo com as fontes as teorias sobre religiosidade e folclore foram ganhando espaço e dando corpo às nossas interpretações.

Assim, teóricos como Bakhtin, Geertz e Brandão, foram postos para dialogar, para darmos um sentido de integração entre cultura, religiosidade e folclore, olhando as distinções de cada uma delas, mas buscando a compreensão do objeto de estudo; as conexões que nos permitiram avançar significativamente.

Num segundo momento, tratamos das Folias de Reis propriamente ditas, apresentando sua expressão em Três Lagoas à luz das teorias referidas. Pontuamos como elas foram surgindo, e como se re-inventam a todos os instantes num eterno movimento circular que lhes permite uma dinamicidade e complexidade que, muitas vezes, nos parecia impossível de compreender. E, mostra-se, mais uma vez, importante situar a importância dos agentes sociais para que esta complexidade fosse desvelada aos nossos olhos. Quantos foram os momentos que percebemos – até em tom de constrangimento - o olhar decepcionado destes sujeitos diante de algumas de nossas perguntas. Decepção de perceber que a pesquisadora não conseguia compreender *coisas tão simples* como o porquê da Bandeira não poder voltar ou a movimentação em torno dos Arcos.

Ainda neste segundo momento, traduzido no segundo capítulo, buscamos compreender como se dá a representação dos elementos e símbolos religiosos das Folias, como a própria Bandeira, a estrela-guia, a meia-lua e tantos outros.

Fundamental ainda foi compreender o espaço social e religioso da festa. Como o sagrado vai colorindo a vida cotidiana destes sujeitos, e ainda como o jantar do dia 06 traduz toda a fé e toda a prática destes sujeitos quando da partilha de símbolos e da comida.

Por último, buscamos compreender a forma como estes atores norteiam suas vidas em função da religiosidade. A forma como se relacionam com a comunidade que se divide naqueles que percebem nos sujeitos religiosos, pessoas de uma grande envergadura espiritual, podendo lhes servir como elo com o mundo sagrado e também com o mundo social por meio de alguns favores e aqueles que os caracterizam como desordeiros e desocupados gerando nestes devotos um sentimento de indignação, e ainda aqueles que simplesmente ignoram suas presenças.

Buscamos ainda a compreensão sobre a forma contratual como eles estabelecem seu relacionamento com os santos de sua devoção – os Reis Magos- procurando por meio de

pedidos e promessas conquistar melhorias para a vida cotidiana. E ainda a relação que a Igreja Católica, enquanto uma instituição oficial estabelece com estes sujeitos.

Ao longo da pesquisa, as Folias de Reis tornaram-se expressões que traduzem a dinamicidade e circularidade religiosa e cultural de um grupo, pois no contato com as Companhias pudemos percorrer diversos caminhos trilhados por elas, inclusive os que circundam sua vida social.

Esta dinamicidade e circularidade são responsáveis pelo constante colorido religioso que nunca se torna opaco, pois está sempre buscando, no contato com outras práticas e também no mundo social, novos tons para reforçar esta gama multifacetada de cores e vozes que se apresentam.

REFERÊNCIAS

Fontes Orais:

ENTREVISTA Anain Alves de Souza, Companhia “Embaixadores dos Reis Magos”. Produção Luciana Aparecida de Souza Mendes. Três Lagoas: CPTL/UFMS ,2003. 60min (aprox.)

ENTREVISTA Aparecida Alves dos Santos , Companhia “Estrela da Guia”. Produção Luciana Aparecida de Souza Mendes & Nilda da Cunha Viana. Três Lagoas: CPTL/UFMS, 2001. 60min (aprox)

ENTREVISTA APARECIDO MARIANO. Companhia “São Paulo”. Produção Luciana Aparecida de Souza Mendes. Três Lagoas: CPTL/UFMS, 2007. 60min (aprox)

ENTREVISTA Jesus Marques, Companhia “Estrela da Guia”. Produção Luciana Aparecida de Souza Mendes. Três Lagoas: CPTL/UFMS ,2001. 40min (aprox)

ENTREVISTA Waldemar Castilho. 65 anos, Companhia “Os Castilhos”. Produção Luciana Aparecida de Souza Mendes. Três Lagoas: CPTL/UFMS , 2006. 60min (aprox)

ENTREVISTA Luís Gomes dos Santos, Companhia “Caminhos do Oriente”. Produção Luciana Aparecida de Souza Mendes. Três Lagoas: CPTL/UFMS , 2003. 60min (aprox)

ENTREVISTA Marcos Marques, Companhia “Os Castilhos”. Produção Luciana Aparecida de Souza Mendes. Três Lagoas: CPTL/UFMS , 2006. 60min (aprox)

ENTREVISTA Miguel Alves dos Santos, Companhia “Estrela da Guia”. Produção Luciana Aparecida de Souza Mendes & Nilda da Cunha Viana. Três Lagoas: CPTL/UFMS, 2001. 60min (aprox)

ENTREVISTA Miguel Alves dos Santos, Companhia “Estrela da Guia”. Produção Luciana Aparecida de Souza Mendes. Três Lagoas: CPTL/UFMS, 2006. 60min (aprox)

ENTREVISTA Paulo Gonçalves, Companhia “São Paulo”. Produção Luciana Aparecida de Souza Mendes. Três Lagoas: CPTL/UFMS, 2006, 50 min (aprox.)

ENTREVISTA Osmar Genuário da Silva Companhia “Estrela da Guia”. Produção Luciana Aparecida de Souza Mendes & Nilda da Cunha Viana. Três Lagoas: CPTL/UFMS, 2001. 40min (aprox)

Fontes Audiovisuais

ENTREVISTA Waldemar Castilho. 65 anos, Companhia “Os Castilhos”. Produção Programa Panorama TV Cultura de Três Lagoas, 2007. 20min (aprox), color, som, DVD.

Fontes Eletrônicas:

COMPANHIA ESPERA mais de 500 pessoas para festa do Dia de Reis. In: *PERFIL NEWS*. Divulgado em: <www.perfilnews.com.br>. Acesso em 06 de janeiro de 2007.

CULTURA PROMOVE 2º encontro de Folia de Reis. In: *Jornal MS*. Divulgado em: <www.hojems.com.br>. Acesso 29 de maio de 2007

ENCONTRO REUNIRÁ Companhias de Reis: segundo encontro de Folias de Reis será na sede da Nipo. In: *PERFIL NEWS*. Disponível em <www.perfilnews.com.br>. Acesso em 03 de maio de 2006.

FOLIA DE REIS: encontro de Arapuá resgata tradições. In: *Jornal MS*. Divulgado em: <www.hojems.com.br>. Acesso em 13 de fevereiro de 2006.

FOLIA DE REIS: cidade pensa em associação para preservar cultura. In: *Jornal MS*.
Divulgado em: <www.hojems.com.br>. Acesso em 30 de janeiro de 2006.

GIMENEZ, Armando. *Reis Magos, santos esquecidos dentro das tradições do Natal*. Diário de São Paulo, São Paulo, 05 de Janeiro de 1958. IN. www.jangadabrasil.com.br , disponível no dia 20/01/04 às 21:36hs.

GOVERNO Municipal de Três Lagoas. *Folia de Reis une tradição e fé*. In: www.treslagoas.ms.gov.br, divulgado em 07 de maio de 2007.

GOVERNO Municipal de Três Lagoas. *Prefeitura realizará encontro de Folia de Reis*. In www.treslagoas.ms.gov.br , divulgado em 26 de janeiro de 2006

LIMA, Rossini Tavares de. *Já saíram de viagem para visitar Menino Deus*. *A Gazeta*, São Paulo, 24 de dezembro de 1954. In www.jangadabrasil.com.br . Dezembro 2000 Ano III - nº 28. Disponível em 16-11-2003, 20:22hs.

PACHECO, Renato José da Costa. *Um palhaço de reis*. Vitória, marco e abril de 1050, p.04. In www.jangadabrasil.com.br . Dezembro 2000 Ano III - nº 28. Disponível em 16-11-2003, 21:00hs.

POPULAÇÃO TEM cada vez menos interesse pelas folias de reis. In: *Perfil News*. Disponível em <www.perfilnews.com.br>. Acesso em 27 de dezembro de 2006.

Fontes impressas:

EVANGELHO de São Mateus- *Bíblia Sagrada*: Edições Paulinas.

LEVORATO, Adão V. *Três Lagoas: dama em preto e branco, 1918-1964*. Três Lagoas, MS: Evergraf, 1998.

ENCONTRO DE FOLIA de Reis resgata tradições. *Jornal Hoje MS* Três Lagoas, página 10 Caderno Geral, 14 de fevereiro de 2006.

FOLIA DE REIS realiza encontro dia 29. Três Lagoas. *Jornal Hoje MS*, Três Lagoas, página 6 do Caderno Geral, 16 de fevereiro de 2006.

Bibliografia

ABREU, Jean Luiz Neves. Difusão, produção e consumo das imagens visuais: o caso dos ex-votos mineiros do século XVIII. In: *REVISTA Brasileira de História*. São Paulo:ANPUH, vol.25, n.º. 49, jan-jun, p. 197-214, 2005.

ALMEIDA, Ronaldo de; MONTERO, Paula. Transito religioso no Brasil. In: *Revista São Paulo em perspectiva*. Ano 15 Volume 3, 2001.

ALVES, Rubem A . A empresa da cura divina: um fenômeno religioso? In: VALLE, Edênio , QUEIROZ, José J. *A cultura do povo*. 3ª ed. , São Paulo: Cortez, 1984.

AMADO, Janaína. A culpa nossa de cada dia: ética e história oral. In: *Projeto História: Revista do Programa de Estudos de Pós-GRaduacao em História e do Departamento de História da PUC-SP (Pontifica Universidade Católica de São Paulo)*, São Paulo, SP, 1981.

ARAÚJO, Ana Maria Ramalho Câmara. A cultura e a memória da festa do divino de Mogi das Cruzes. In: *PROJETO História: festas, ritos e celebrações*. São Paulo: EDUC, 2004.

AZZI, Riolando. *O catolicismo popular no Brasil: aspectos históricos*. Petrópolis: Editora Vozes, 1978 (Cadernos de Teologia e Pastoral/11).

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. 2ª. ed. São Paulo: HUCITEC, 1993.

BAUMAN, Zygmunt. *A modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. A busca do transcendente e a sede espiritual: interpelação para hoje. In: *CADERNOS Adenauer 09: fé, vida e participação*. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, 2000.

BOAVENTURA, Deusa Maria Rodrigues. *Construção de Igrejas e Capelas em Vila Boa de Goiás no século XVIII*. Fragmentos de Cultura, Goiânia, 2001.

BORGES, Maria Celma. *Movimentos sociais nos campos do Pontal do Paranapanema: um estudo de caso da gleba Ribeirão Bonito (1970-1980)*. 1996. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Letras e Ciências Humanas. Universidade Estadual Paulista, Assis,SP

BOSI, Alfredo. Plural mas não caótico. In: BOSI, Alfredo. *Cultura Brasileira: temas e situações*. 2º ed., São Paulo: Ática, 1992.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

- BOSI, Ecléa, Cultura e desenraizamento. In: BOSI, Alfredo. *Cultura Brasileira: temas e situações*. São Paulo: Editora Ática, 2^a ed., 1992.
- BRAGA, Aroldo. Leigo, igreja e sociedade no Brasil. In: *CADERNOS Adenauer 09: fé, vida e participação*. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, 2000
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Folia de Reis em Mossâmedes*. Cadernos de Folclore n.20. Rio de Janeiro, 1977.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *De tão longe eu venho vindo: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás*. Goiânia: Editora da UFG, 2004.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os caipiras de São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1983
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Diário de campo: a antropologia como alegoria*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é folclore?* 13^o. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*. São Paulo: Brasiliense, 2^a Ed. 1986.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.
- BURKE, Peter. *Variiedades de história cultural*. Trad. Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- BURKE, Peter. Cultura de popular e cultura de elite. In: *REVISTA Diálogos*. Marigá: UEM, Vol. 18, 1997.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*, 2^a. ed. São Paulo: EDUSP, 1998.
- CANCLINI, Nestor García. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CASTRO, Zaíde Maciel de, COUTO, Aracy do Prado. *Folias de Reis*. Cadernos de Folclore no. 16, Rio de Janeiro, 1977.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense, 2002.
- CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. 6^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- CHAUVEAU, Agnes, TÉTART, Philipp. *Questões para a história do tempo presente*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

CUNHA, Maria Clementina Pereira (org.) *Carnavais e outras f(r)estas*. Campinas,SP: Editora da UNICAMP, 2002.

CÔRTEZ, J.C. Paixão. *Folias do Divino*. Porto Alegre-RS: Proletra, 1983.

DANTAS, Beatriz G. *Dança de São Gonçalo*. Cadernos de Folclore no. 09, Rio de Janeiro, 1976.

DARTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da cultura francesa*. Rio de Janeiro, 1986.

DIAS, Paulo. Negros de coroa. In: *PROJETO História: festas, ritos e celebrações*. São Paulo: EDUC, 2004.

DURKHEIM, Emille. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FALCON, Francisco José Calazans. *História cultural: uma visão sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro:Campus, 2002.

FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. *Entre história e tererés: o ouvir da literatura pantaneira*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. Os cururuzeiros da festa pantaneira de São João: apontamentos de literatura oral. In: *REVISTA Letras*, São Paulo, 1997/1998.

FERNADES, José Loureiro. *Congadas paranaenses*. Cadernos de Folclore no. 19, Rio de Janeiro, 1977.

FERREIRA, Jerusa Pires. A festa: apresentação. In: *PROJETO História: festas, ritos e celebrações*. São Paulo: EDUC, 2004.

FERREIRA, Moacyr Costa. *Os magos em folias de reis*. São Paulo: Edicon, 1994.

FRADE, Cássia. *Folclore*. São Paulo:Global, 1991.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*:São Paulo: Cultura Ltda, 1989.

GUEDES, Luiza Maria. A Folia do Divino e identidade cultural: o caso da comunidade de Jaraguá em Goiânia. In: LEMOS, Carolina Teles (org.) *Religiosidade popular*. Goiânia/GO: Deescubra, 2007. (Coleção religião e cotidiano; v.3)

GINZBURG, Carlos. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. 3ª.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GINZBURG, Carlos. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos , emblemas, sinais, morfologia e história*. Trad. Frederico Caratti. São Paulo:Cia das Letras, 1989.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*.Rio de Janeiro:DP&A, 1997

HIGUET, Etienne. O misticismo na experiência católica. In: *Religiosidade popular e misticismo no Brasil*. São Paulo:Ed. Paulinas, 1984. (Coleção ciência da religião, 2)

HOORNAERT, Eduardo. *A Igreja no Brasil-colônia (1550-1800)*. 2ª. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

HOORNAERT, Eduardo. *Formação do catolicismo brasileiro:1550-1800*. Petrópolis:Vozes, 1974

JANOTTI, Maria de Lourdes Mênaco & ROSA, Zita de Paula. História Oral: uma utopia? In: *REVISTA Brasileira de História*, São Paulo, v. 13, n.25-26, 1993.

LEMOS, Carolina Teles. Introdução. In: LEMOS, Carolina Teles (org.) *Religiosidade popular*. Goiânia/GO: Deescubra, 2007. (Coleção religião e cotidiano; v.3)

YÚDICE, George. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Belo Horizonte/MG: Editora UFMG, 2004

MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis:Vozes, 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MALATIAN, Teresa. A circularidade do discurso: perspectivas metodológicas da história oral. In: *Fontes Históricas: abordagens e métodos*. UNESP/ASSIS: Programa de Pós-Graduação em História, 1996.

MARIN, Jerri Roberto. A pastoral das fronteiras entre Brasil, Paraguai e Bolívia. In: *Anais do VI Encontro de História do Mato Grosso do Sul: história , memória e identidades*. Campo Grande: UCDB, 2002.

MARIN, Jerri Roberto. Ex-votos: no limiar do sagrado e do profano. In: *FRONTEIRAS: Revista de História*, Campo Grande/MS, p.117-142, 1999.

MARIZ, Cecília Loreto. Uma análise sociológica das religiões no Brasil: tradições e mudanças. In: *CADERNOS Adenauer* 09: fé, vida e participação. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, 2000

MATTOSO, José. *A escrita da história: teoria e métodos*. Lisboa: Editorial Estampa, 1988.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 1996.

MENDES, Luciana Aparecida de Souza. Santo Daime: aspectos da religiosidade popular. In: MARTIN, Andrey Minin ... [et. al] (orgs.). *Anais da Semana de História de 2006: a questão indígena para além da história dos vencidos*. Campo Grande,MS: Ed. UFMS, 2007

MENDES, Luciana Aparecida de Souza. A religiosidade popular do devoto de Santos Reis em Três Lagoas-MS: uma identidade católica? In: ALVES, Walter Assis, BORGES, Maria Celma (orgs) *Anais da Semana de História 2005: o ensino e a pesquisa na construção da história*, Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2006.

MENDES, Luciana Aparecida de Souza. Entre o sagrado e o profano: a festa de reis em Três Lagoas-MS. In: BORGES, Maria Celma, OLIVEIRA, Vitor Wagner Neto (orgs.) *Cultura, trabalho e memória: facas da pesquisa em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande,MS: Ed. UFMS, 2006.

MENDONÇA, Nadir Domingues. *A (des)construção das (des)ordens: poder e violência em Três Lagoas, 1915-1945*. São Paulo, 1991. Tese (Doutorado em História) – FFLCH/USP.

MORAES, Fernando Oliveira de. *A festa do Divino em Mogi das Cruzes: folclore e massificação na sociedade contemporânea*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003.

MORAES, José Geraldo Vinci. História e música: canção popular e conhecimento histórico. In: *REVISTA Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH/Humanitas Publicações, vol. 20, no. 39, 2000.

MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: SOUZA, Laura e Mello (org.) *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

NAKAMURA, Lucy Mitiko. Literatura oral, cultura popular e memória coletiva da costa leste de Mato Grosso do Sul. In: BORGES, Maria Celma, OLIVEIRA, Vitor Wagner Neto (orgs.) *Cultura, trabalho e memória: facas da pesquisa em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande,MS: Ed. UFMS, 2006.

NEVES, Lucilia de Almeida. Memória , história e sujeitos: substratos da identidade. In: *História Oral*. São Paulo, v,3,n.3, jun.2000.

- OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. *Autoridade e participação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1973.
- PAKER, Cristián. *Religião popular e modernização capitalista – uma outra lógica na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- PEREIRA, Ivone Aparecida. Sacerdotes das ruas e estradas: um estudo de caso da Folia de Reis de Santo Antônio de Goiás. In: LEMOS, Carolina Teles (org.) *Religiosidade popular*. Goiânia/GO: Deescubra, 2007. (Coleção religião e cotidiano; v.3)
- RABELO, Cláudia Maria. A festa do Divino Pai Eterno em Trindade: uma expressão do catolicismo em Goiás. In: LEMOS, Carolina Teles (org.) *Religiosidade popular*. Goiânia/GO: Deescubra, 2007. (Coleção religião e cotidiano; v.3)
- ROMANO, Adriana Costa. Córrego da Onça, um histórico de degradação. In: ALVES, Walter Assis, BORGES, Maria Celma (orgs.) *SEMANA de História 2005: o ensino e a pesquisa na construção da história*, Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2006.
- SÁ Junior, Mario Teixeira de. *A invenção da alva nação umbandista: a relação entre a produção historiográfica brasileira e a sua influência na produção dos intelectuais da Umbanda (1840-1960)*. Dourados, MS : UFMS, CPDO, 2004. (Orientador: Cláudio Alves Vasconcelos)
- SANTOS, José Zica. Catolicismo popular: uma manifestação do dom. In: LEMOS, Carolina Teles (org.) *Religiosidade popular*. Goiânia/GO: Deescubra, 2007. (Coleção religião e cotidiano; v.3)
- SANTOS, Sérgio Ricardo Coutinho. História recente do Catolicismo no Brasil: identidades católicas em confronto. In: *CEHILANET - Revista de História da Igreja na América Latina e no Caribe* Revista trimestral publicada pelo Cehila-Brasil Número 1 - Ano I – 2004 ISSN 1806-3012 Artigo 6 Disponível em 05 de julho de 2005 , 22:20hs.
- SERPA, Élio Cantalicio. *Igreja e poder em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.
- SHARPE, Jim. A historia vista de baixo. In: BURKE, Peter. *A escrita da nova historia: novas perspectivas*, São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- SIGRIST, Marlei. *Chão Batido: A cultura popular de Mato Grosso do Sul: folclore, tradição*. Campo Grande: UFMS, 2000.
- SILVA, Cristina Schmidt. *Viva São Benedito!/: festa popular e turismo religioso em tempo de globalização*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2000.
- SOUTO, Maria Generosa Ferreira. São Gonçalo do Amarante: Festadança que promove a fé, a performance e a cura no Vale do São Francisco. In: *PROJETO História: festas, ritos e celebrações*. São Paulo: EDUC, 2004.

SOUZA, João Carlos de. *Sertão Cosmopolita: a modernidade de Corumbá (1872-1918)*. 2001. Tese (Doutorado em História)- FFLCH/USP.

SOUZA, Laura de Mello. *O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. 7ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

VAINFAS, Ronaldo, Souza, J.B. *O Brasil de todos os santos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999

XIDIEH, Oswaldo Elias. *Semana Santa Brasileira*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1972.